

ENTRE A CEGUEIRA E A LUCIDEZ: A TENTATIVA DE RESGATE
DA ESSÊNCIA HUMANA NOS “ENSAIOS” DE JOSÉ SARAMAGO.

Por

FLÁVIA BELO RODRIGUES DA SILVA
Aluna do curso de Mestrado em Literatura Portuguesa
Departamento de Letras Vernáculas

Dissertação de Mestrado em Literatura Portuguesa
apresentada à Coordenação dos Cursos de Pós-
Graduação em Letras da Universidade Federal
Do Rio de Janeiro, sob a orientação da Professora
Doutora Ângela Beatriz de Carvalho Faria.

Faculdade de Letras da UFRJ
Rio de Janeiro, agosto de 2006

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

DEFESA DA DISSERTAÇÃO

SILVA, Flávia Belo Rodrigues da. *Entre a cegueira e a lucidez: a tentativa de resgate*

da essência humana nos “ensaios” de José Saramago. Dissertação de Mestrado em Literatura Portuguesa, apresentada à Coordenação dos Cursos de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da UFRJ. Rio de Janeiro, 2006, 115 p.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Ângela Beatriz de Carvalho Faria – Orientadora

Prof.^a Dr.^a Gumercinda do Nascimento Gonda – UFRJ

Prof.^a Dr.^a Teresa Cristina Meirelles de Oliveira – UFRJ

Prof.^a Dr.^a Carmen Lúcia Tindó Ribeiro Secco – UFRJ

Prof.^a Dr.^a Maria Lúcia Wiltshire de Oliveira – UFF

Defendida a Dissertação

Conceito: _____

Em: 25/08/2006.

À minha família,
À Cristina Rodrigues Simões e Alzira Turra
mesmo ausentes, acompanharam meus passos desde sempre
como exemplos de força e coragem!

Artur Rodrigues da Silva e Rosa Maria Belo R. da Silva,
pais amados que, através do respeito às divergências, possibilitaram
em mim a tolerância ao que me pareça estranho
ou simplesmente diferente.

A Manuel Ferreira Belo
“agressividade” e imensa força para o trabalho
que acompanharão minha vida como exemplo de energia extrema
nunca soube o que fosse vida acadêmica e, no entanto, suas mãos pesadas
deram-me o exemplo eterno de luta pela vida.
a última imagem que me ficou, tuas mãos grossas, operárias!
Belo, do latim *bellum*, é “guerra”. Mas rejeito os conflitos!
quero apenas registrar o meu adeus a ti, guerreiro da vida.

À Alice Turra Belo e Maria Elizabete Turra Belo (e Marquinhos!)
o Turra não é à toa; é luta
persistência na luta contra as adversidades da vida
vidas que já foram “secas”, difíceis,
porém cheia de riquezas espirituais
exemplos vivos das coisas que verdadeiramente importam.

A meus irmãos, Cristiane e Márcio,
pelo simples fato de existirem!

Ana Beatriz Belo Braga,
mais que filha, um impulso para as conquistas
razão para lutar por um mundo melhor!

André Zanatta Braga,
amigo, amor, felicidade
quando some o chão sob os pés, meu amparo!
cumplicidade, carinho, respeito
Eterno companheiro!

A todos os meus amigos queridos
À Teresa Cristina Afonso dos Santos
pelas “mãos dadas” nos momentos mais difíceis
pelas lágrimas choradas com as minhas
pelos sorrisos de felicidade com as conquistas
levarei gravadas na memória as tuas “pegadas”
sinais de tua eterna presença em minha vida!

Todo o meu amor, carinho e gratidão.
Agradeço

À Ângela Beatriz de Carvalho Faria
pela leitura sempre tão atenta e crítica
pelo respeito às idéias divergentes!
pelo exemplo de dedicação e pela orientação carinhosa
pelos livros, idéias e diálogos enriquecedores
por ser exemplo de beleza, inteligência, acessibilidade e simplicidade!

À Cinda Gonda
Eterna Mestreira
eterna companheira até nas divergências
eterno exemplo de respeito e amor
sempre apontando caminhos que levam ao bem coletivo
sempre apontando leituras que formam o ser
e não apenas a vida profissional e acadêmica
Guerreira da palavra como resistência!
Inspiração deste trabalho
e certamente de muitos outros que virão!

Aos professores da graduação e da pós-graduação que colaboraram na construção de muitos saberes:

À Teresa Cristina Meirelles de Oliveira
pelas aulas apaixonadas e enriquecedoras
pelo exemplo de respeito e dedicação à vida acadêmica
pelo amor, o carinho e a ternura de seu olhar!

À Carmen Lúcia Tindó Ribeiro Secco
aulas extremamente enriquecedoras
pelas excelentes orientações de leituras
pelo exemplo terno de dedicação à pesquisa e ao magistério!

José Clécio Basílio Quesado
Joel Rufino dos Santos
Fátima Miguez
Leonor Werneck dos Santos
Armando Gens
Angélica Soares
Luís Edmundo Bouças Coutinho
Eduardo Coutinho

À professora Célia Regina dos Santos Lopes,
pelo excelente trabalho de orientação pedagógica e administrativa.

À Faculdade de Letras da UFRJ,

pela possibilidade de formação intelectual e, mais que isso, pela formação de muito do que hoje sou!

SINOPSE

As tentativas de resgate da essência humana à luz de dois ensaios de José Saramago. Algumas teorias revisitadas acerca da alienação enquanto instrumento de manutenção do sistema vigente. Uma integração entre o ver e o sentir: a “cegueira branca” como alegoria de ruptura com a cegueira-alienação do já desgastado mundo capitalista no *Ensaio sobre a cegueira*. O *Ensaio sobre a Lucidez* ou os bastidores do poder como ponte de acesso/retorno à cegueira. Diluição das fronteiras entre os gêneros: romances-ensaio na pós-modernidade.

“Dentro de nós há uma coisa que não tem nome, essa coisa é o que somos”.

(SARAMAGO, 1995. p.262)

SUMÁRIO

Capítulo	Página
1.INTRODUÇÃO: O PAPEL DO HOMEM NO MUNDO ATUAL E SUA REPRESENTAÇÃO FICCIONAL.....	08
2.BREVE PERCURSO PELOS ESTUDOS SOBRE ALIENAÇÃO HUMANA.....	14
3.O <i>ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA</i> OU O RESGATE DA LUCIDEZ.....	42
4.BREVE PANORAMA DA AÇÃO LÚCIDA NO MUNDO ATUAL.....	72
5.O <i>ENSAIO SOBRE A LUCIDEZ</i> OU O RETORNO À CEGUEIRA?.....	84
6.ENSAIO, ROMANCE, ALEGORIA, FÁBULA, LIBELO: A HIBRIDEZ OU A TÊNUE FRONTEIRA ENTRE OS GÊNEROS NOS “ENSAIOS” DE JOSÉ SARAMAGO.....	101
7.CONCLUSÃO: A TENTATIVA DE RESGATE DA ESSÊNCIA HUMANA NOS ROMANCES-ENSAIO DE JOSÉ SARAMAGO.....	114
8.NOTAS.....	121
9.BIBLIOGRAFIA.....	126

1. INTRODUÇÃO: O PAPEL DO HOMEM NO MUNDO ATUAL E SUA REPRESENTAÇÃO FICCIONAL.

Pretendemos neste trabalho analisar os dois romances de José Saramago intitulados *Ensaio sobre a cegueira* (1995) e *Ensaio sobre a lucidez* (2004) em busca, principalmente, de uma compreensão do papel do ser humano neste início de século e de milênio para a construção de um mundo mais justo, já que tais obras fornecem cenários que, apesar de pertencerem a uma ficção imersa em acontecimentos insólitos, trazem à tona as questões mais fundamentais da realidade do mundo atual. Entre elas, observamos a alienação dos povos perante seus governos que, ao invés de representarem os interesses daqueles, representam, na verdade, os seus próprios interesses, articulando discursos que divergem totalmente da prática política coletiva, e, por outro lado, podemos também detectar a reação de um governo opressor perante a ação lúcida de quase toda uma população em dia de eleições. É por meio da compreensão de como se dá esse processo alienante no indivíduo, visto em todos os seus mecanismos, que podemos visualizar sua superação, pois, assim, alcançamos a consciência ou a lucidez que nos leva à transformação necessária.

Carlos Reis e Ana Cristina Lopes, no *Dicionário de narratologia*¹, nos dão um trecho interessante para a definição do verbete “romance”, o qual gostaríamos de transpor para esta introdução como justificativa para um aspecto desta Dissertação que é o de uma abordagem sociológica - privilegiando os movimentos sociais da atualidade, em especial da realidade Latino-americana - e não apenas literária. Dizem estes dois autores que tal gênero narrativo destrói a distância entre o mundo e o homem e que aproxima o objeto artisticamente representado à realidade contemporânea. Pois é o

mesmo que entendemos como necessidade para a análise das duas obras em questão: aproximá-las à realidade contemporânea. E tal intuito do presente estudo não se configurou apenas pelo fato de estes romances de Saramago serem relativamente recentes, mas também porque retratam, não a realidade de um lugar ou país específico (não há, como veremos, sequer as referências básicas de identidade, espaço ou tempo), mas uma forma de viver e de sentir generalizada, que, com o advento da globalização, passa a poder ser reconhecida na maioria dos países atuais.

Creemos, assim, que este enfoque sociológico da atualidade, mais especificamente da movimentação revolucionária que se faz sentir principalmente pelo continente latino-americano, constituirá as bases teóricas de que necessitamos para compreender não só a razão que levou José Saramago, escritor e ativista político, a publicar dois romances-ensaio carregados de mensagens, ora proféticas, ora denunciadoras, mas também alcançar, a partir destas mensagens, o entendimento do papel que nós, cidadãos de um mundo conflituoso e contraditório, podemos assumir para dar cabo, enfim, das transformações de que o chamado mundo “pós-moderno” se encontra necessitado.

No tocante à análise literária, acreditamos ter nos textos selecionados dados interessantes para a investigação dos gêneros narrativos na chamada “pós-modernidade”, já que, por exemplo, trata-se de dois romances que se intitulam ensaios, o que aponta para a tênue fronteira entre os gêneros literários, sendo este um traço típico deste período, entre outros traços que poderemos detectar no decorrer deste trabalho. Embora tais obras passem ao leitor a impressão de a intenção primeira do autor estar relacionada mais a uma perspectiva sociológica a partir de seus títulos - de denúncia de uma realidade social opressora - do que propriamente literária, jamais poderíamos

deixar de focalizar a questão da forma, que é fundamental na obra de José Saramago por ser altamente expressiva, e que, por essa razão, propicia pistas que nos conduzirão a um maior entendimento da presença da “cegueira” e da “lucidez” no mundo contemporâneo. Temos, portanto, o intuito de decifrar e interpretar as mensagens que o autor possa transmitir de maneira mais sutil através da forma, já que o próprio fato de tais obras intitulem-se ensaios (quando são, na verdade, romances) deixa transparecer que o que, a princípio, parece ser apenas um estudo do autor acerca da realidade, é, na verdade, uma narrativa ficcional, mas que, no entanto, não impede que haja de fato elementos pertencentes à forma ensaística.

Não podemos, então, nos prender a uma visão ingênua de uma questão tão recorrente não apenas nas obras de Saramago, mas também na visão da historiografia moderna, para a qual as fronteiras entre história e ficção são nebulosas, por vezes quase impossíveis de serem definidas, além da referida questão da hibridez dos gêneros. Talvez como forma de expressar essa diluição de fronteiras em tempos “pós-modernos”, Saramago tenha obras com títulos que remetem à modalidades de escrita que, por sua vez, não correspondem ao que encontramos no conteúdo das mesmas, como veremos no sexto capítulo deste trabalho. E, como na produção literária deste autor, nada que se nos apresente é gratuito, havendo sempre mensagens arduamente trabalhadas sob e sobre as palavras, não pretendemos deixar de lado as sutilezas que se podem depreender das duas obras a serem analisadas. Para tanto, ressaltaremos os conceitos de alegoria, fábula, libelo, ensaio e romance, conceitos estes muitas vezes atribuídos aos “Ensaios”, o que certamente contribuirá para revelar não apenas a criatividade do autor, mas também a crítica social contundente por ele tecida.

Partindo do fato de que nos encontramos em uma época conturbada, de solidariedades ameaçadas, de barbárie e de múltiplas incoerências com roupagens de sensatez e verdade, propomo-nos evidenciar tantos os fatores alienantes, que impedem a ação lúcida, quanto os fatores que caracterizam o resgate da lucidez, que, por sua vez, levam à transformação. Portanto, cabe a nós alcançarmos outros dois objetivos básicos que fornecerão o embasamento de que precisaremos para fundamentarmos nossos argumentos. O primeiro objetivo básico consiste em traçar um breve percurso dos estudos sociológicos ao longo dos últimos séculos sobre o tema da alienação, retratado em um dos romances como a “cegueira” passível de desencadear uma série de situações caóticas e de evidenciar a duplicidade de atitudes sociais estabelecidas pelos indivíduos (solidariedade e perversidade), tendo como desfecho a superação dessa cegueira. Assim, a partir de um respaldo teórico acerca do tema da alienação humana, poderemos aprofundar a análise da “cegueira branca” que acomete as personagens em *Ensaio sobre a cegueira*, bem como da alienação que limita os horizontes do indivíduo.

O segundo objetivo básico - e de acordo com a necessária perspectiva sociológica acima referida - consiste em trazer à tona, ainda que muito brevemente, os focos de lucidez, bem como as próprias ações lúcidas no mundo que nos cerca, relacionadas ao exercício da consciência política e concretizadas em movimentos sociais altamente expressivos e significativos como resistência à opressão que se tenta impor aos indivíduos, tornando-os escravos e, conseqüentemente, pilares de sustentação deste mesmo sistema que os oprime.

Desta forma, poderemos compreender, no *Ensaio sobre a cegueira*, a questão da recuperação da visão ou de uma tomada de consciência para, em seguida, aprofundarmo-nos na questão da ação lúcida no mundo atual que, no *Ensaio sobre a*

lucidez, é retratada por meio de toda uma cidade que, em dia de eleições, decide, quase maciçamente, pelo voto em branco, expressando a grande insatisfação com o sistema vigente.

Pretendemos também abordar, ainda que de maneira bastante breve, a atuação do feminino em cada um dos capítulos de análise dos romances-ensaio. Mostrando-se sempre reveladores de sentidos e mensagens capazes de transgredirem o papel de submissão e silêncio imposto às mulheres há séculos, os papéis a elas atribuídos merecem especial atenção por serem portadores de preciosos significados que serão, sem dúvida alguma, elaborados pelos leitores no sentido de superar a crença na inferioridade comumente atribuída às mesmas até os dias de hoje. E estando o presente trabalho relacionado aos dois projetos de pesquisa da professora doutora Ângela Beatriz de Carvalho Faria, orientadora desta Dissertação, intitulados “A ficção portuguesa contemporânea das décadas de 80 e 90” e “África & Portugal: a *mise-en-scène* do ‘eu’ feminino no tempo das solidariedades ameaçadas”, torna-se essencial ressaltar a contemporaneidade e a atuação das personagens femininas nas referidas obras de José Saramago.

Assim, podemos afirmar desde já que não buscaremos apenas a compreensão de qual deva ser o papel do ser humano no atual cenário mundial, ou de quaisquer outras questões como as da forma literária, com o seu hibridismo ou a tênue fronteira existente entre os gêneros, ou da atuação do feminino, da perversidade e da solidariedade, da consciência e da alienação. Partiremos, sobretudo, em busca de algo que tem sido cada vez mais apagado pela lógica capitalista e consumista: a essência humana. Provavelmente Jean Paul Sartre discordaria, mas acreditamos que a sede do homem atual seja de harmonia social, que, por sua vez, só pode ser alcançada pelo resgate da

essência humana. Só assim teríamos aquilo que, como veremos, Saramago chamou de “justificação” para nossa própria existência.

2. BREVE PERCURSO PELOS ESTUDOS SOBRE ALIENAÇÃO HUMANA

“É preciso ver o homem moderno (...) devorado pela necessidade de conservar sua fortuna e aumentá-la, a inteligência tomada por problemas sempre renovados, a carne adormecida pela fadiga de sua batalha cotidiana, ele próprio transformado em pura engrenagem na gigantesca máquina social em plena atividade”.

(ZOLA)

Pelo étimo, temos dois sentidos para o termo “alienação”. Vem do latim *alienare*, *alienus* (que pertence a um outro) e também *alius*, alienar, tornar alheio, transferir a outrem o que é seu.

Antônio Geraldo da Cunha, em seu *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*², nos mostra que o verbo “alienar” significa “transferir para outrem o domínio de, alucinar, perturbar”. Não muito além dessas definições vai o *Dicionário Escolar da Língua Portuguesa*,³ segundo o qual “alienar” significa “tornar alheio; ceder; transferir; malquistar; alucinar (...)”.

É interessante observar que, para o senso comum, o sentido de alienação é logo relacionado a uma falta de consciência da realidade ao redor e/ou falta de consciência política, o que não deixa de ter ligação com um dos sentidos acima citado: “transferir para outrem o domínio de”, já que, a partir do momento em que um indivíduo não tem consciência da realidade que o cerca, automaticamente está transferindo para outrem o domínio da realidade à qual pertence. E, neste caso, “domínio transferido para outrem” traz à tona uma leitura mais política do termo, ligada à consciência política ou, mais exatamente, à inexistência dela, já que o próprio poder está sendo transferido a outro.

À pergunta do jornalista João Peschanski sobre qual seria a definição de “alienação”, o filósofo húngaro István Mészáros responde o seguinte:

É a perda de controle sobre as atividades humanas que poderíamos e deveríamos controlar. O sistema social é uma construção humana e deveria ser controlado pelos homens, mas está longe de nós, fora de nosso alcance, está alienado. Está, algumas vezes, usurpado. [o jornalista pergunta, então, como fazer esse controle]. Não tem como ser controlado sob a hegemonia do poder do capital. (...) A alienação é um tipo de controlador do capital, que não se preocupa com o destino do planeta, mas com sua própria reprodução, infinita⁴.

Esta definição de Mészáros, baseada no que ele chamou de “controle do sistema social”, já que este é uma “construção humana”, consiste justamente em um resgate do verdadeiro sentido do termo democracia, sentido este já bastante distorcido no mundo atual, o qual se relaciona a um governo do povo ou à soberania popular. Seria este, então, o sentido de “controlar o sistema social”, a concretização da democracia. É curioso observar o trecho em que o filósofo se refere ao fato de o controle estar alienado, ou seja, “transferido para outrem” o domínio do sistema social. Mas a questão mais grave por ele levantada é a de que o capital só se preocupa “com sua própria reprodução, infinita”, sendo a alienação o controlador dessa reprodução infinita. Logo, é fundamental o enfoque deste sentido de alienação, ligado à transferência do próprio poder a outrem, pois certamente enriquecerá nossa análise das obras de Saramago, principalmente no que se relaciona à observação do trajeto das personagens da alienação rumo à tentativa de ruptura com esta reprodução infinita do capital. Para tanto, urge que conheçamos os principais estudos acerca do tema da alienação humana, já que, assim, teremos um panorama dos fatores alienantes observados desde o século XIX pelos pensadores que mais se detiveram neste tema, o que, de certa forma, nos impulsiona na reflexão e na identificação dos fatores alienantes do mundo atual, tanto na realidade quanto na ficção.

Os primeiros estudiosos a se debruçarem sobre o tema da alienação foram Georg W. Friedrich Hegel⁵ (1770 – 1831) e Ludwig Feuerbach⁶ (1804 – 1872).

Posteriormente, é Karl Marx⁷ quem o focaliza a partir de uma análise desses dois filósofos.

Em Hegel, a alienação é o processo pelo qual o espírito se projeta para fora de si para, em seguida, retomar a identidade consigo mesmo. Trata-se de alcançar a consciência de si através do reconhecimento de si pelo outro. Tal processo fica mais esclarecido por meio da chamada dialética do senhor e do escravo, na qual temos o senhor que, para obter o reconhecimento de si pelo outro, arrisca a própria vida na relação de domínio do outro, adquirindo, assim, a consciência de si como ser humano através do escravo que domina. Já o escravo, temendo a morte, realiza a mediação entre o senhor e o mundo, bem como a mediação do senhor consigo mesmo. Logo, é pelo trabalho que o escravo adquire a cultura de forma mais concreta e imediata que o senhor, cultura esta que só pertence a este último de forma mediatizada.

Vemos, então, que Hegel desmaterializa o trabalho, para colocá-lo na esfera da consciência como determinadora da liberdade, pois é pela vivência extremada do medo da morte que o escravo transcende a mesma, bem como adquire a cultura de forma imediata, ao contrário do senhor, que, para ter acesso a ela, depende do escravo que, por sua vez, percebe aí uma possibilidade de liberdade. Entretanto, sem chances de efetivar a vivência dessa liberdade que possui, o escravo chega à chamada consciência infeliz, que busca a liberdade dentro de si mesma, sem poder alcançá-la concretamente, passando, então, pelo ceticismo até culminar na religiosidade, que o faz projetar para fora de si a liberdade que sabe possuir sem poder assumir. A consciência infeliz é aquela que, pela religião, projeta no deus sua liberdade, consolando-se com a esperança desta liberdade efetivada em outra vida. É através dessa projeção para fora de si, em um deus, que essa consciência infeliz se transforma em consciência alienada. Assim, não é

o espírito que se aliena na natureza, mas é a alienação que se dá na consciência do sujeito. Chegamos à questão dos contrários de Hegel para explicar a existência das coisas, sua dialética a partir da qual a existência de um ser só se justifica com a existência de seu oponente, neste caso mais específico, o senhor só existe porque existe o escravo, assim como o escravo só existe porque existe o senhor.

Simon Schwartzman⁸, em seu texto *Para um conceito sociológico de alienação política*, citando a perspectiva de Hippolite, nos mostra que a dialética hegeliana busca atingir uma dimensão ontológica como fenomenologia de um problema universal “que é o da consciência de si humana que, incapaz de se pensar como um cogito separado, não se encontra senão no mundo que edifica, nos outros eus que ela reconhece ou em que, por vezes, se desconhece”⁹. Schwartzman nos mostra também que, apesar dessa dimensão ontológica, a dialética hegeliana não admite a limitação da abstração, exigindo também uma dimensão concreta: “Importa-nos ressaltar que a alienação, correspondendo no sistema de Hegel à objetivação do Espírito, surge na consciência infeliz como alienação da consciência, que se manifesta historicamente, e não mais no Espírito”¹⁰. É, aliás, devido a essa concreção ligada à consciência histórica que seus sucessores irão lhe atribuir um caráter existencial, tirando-o de uma dimensão apenas idealista.

Feuerbach, discípulo de Hegel, acaba por tornar a leitura da alienação mais concreta e existencialista, desviando-se, assim, dos rumos tomados por seu mestre. Nas palavras de Schwartzman, a alienação para Feuerbach,

Ao invés de um ato de criação e retomada do mundo, (...) é a perda do homem de si mesmo, a perda da essência humana que, projetada no deus, torna o homem estranho a si mesmo. Só o amor entre os homens seria capaz de devolver-lhes a essência, trazendo para o seio dos homens a perfeição que fora alienada no deus¹¹.

Em Feuerbach, o materialismo tem seu fundamento no homem, e, portanto, gira em torno do humanismo. O erro do antigo materialismo foi conceber o homem como indivíduo passivo, modelado do exterior. Era, assim, mecanicista e reduzia o homem às circunstâncias.

Um ponto a ser destacado é sua crítica à filosofia especulativa. Para ele, a filosofia converte-se num jogo escolástico. O espiritual (tão comum no idealismo alemão) é substituído pelo sensível; a especulação hegeliana é concebida como um movimento do “puro conceito”, como uma espécie de teologia racionalizada. A filosofia de Hegel é alheia ao ser empírico, sensível; para Hegel, a realidade não vai além do pensamento, girando em torno do pensamento lógico. Hegel nega o ponto de vista imediato.

Feuerbach critica a teologia. Sua antropologia reconhece que na religião as determinações são extraídas da realidade humana, contra a lógica de Hegel onde o pensamento transcendente está fora do homem. Na especulação hegeliana, não tocamos a realidade verdadeira, objetiva; trata-se de abstrações particulares, de determinações privadas de concreção. É uma arbitrariedade especulativa. Daí Feuerbach ter proposto deixar de lado a filosofia hegeliana para que se desse a superação da teologia, pois aquela representa o último refúgio desta.

Para Marx, contudo, não se deve reduzir a importância de Hegel, já que ele teria conquistado percepções fundamentais como a essência do trabalho, além de conceber o homem objetivo como resultado de seu próprio trabalho. E a objetivação - que em Feuerbach, como vimos, era a alienação ocorrendo por meio da projeção do indivíduo em um deus - só constitui para Marx alienação quando há a perda do mundo

conquistado e, portanto, a perda do próprio homem que se constitui no diálogo com o mundo.

Ao contrário de Hegel, Marx afirma que a alienação encontra-se no homem concreto e histórico, e não no espírito, caracterizando-a como uma perda da abstração que realiza. Mas há que se ressaltar o fato de que a idéia de alienação para ele surge somente a partir do desenvolvimento da indústria e da propriedade privada, quando o homem se encontra alienado com relação ao seu próprio trabalho, como veremos mais adiante.

Wanderley Codo, em *O que é alienação*, através de uma releitura de Marx, nos diz que a alienação se dá pelo trabalho reduzido à “força de trabalho” no sistema capitalista, perdendo, assim, suas características criativas que devolvem ao homem uma imagem de si mesmo. Mais especificamente a partir do capitalismo ocorre a fragmentação da produção humana nas linhas de montagem das fábricas, fazendo com que o homem perca de vista a totalidade daquilo que produz, perdendo-se de si mesmo. Neste sentido, ele não é mais capaz de se reconhecer naquilo que ele mesmo ajuda a produzir, pois, se é através do trabalho que o homem se constrói, quando há a fragmentação daquele, torna-se óbvia a conseqüente fragmentação também deste. Codo nos mostra a forma como a alienação se opera no homem: “(...) ocorre (...) um divórcio entre o produto e o produtor, o trabalhador produz o que não consome, consome o que não produz”¹². O que ocorre é, de fato, a transformação do próprio trabalhador em mercadoria.

Quando discorre sobre a alienação segundo o senso comum, o autor nos mostra que há, na verdade, uma generalização causada pela falta de uma compreensão aprofundada do assunto, apontando o fato de a alienação não ser apenas um produto

da falta de consciência humana. Embora esta possua seu papel essencial nas transformações do mundo, não se deve imputar à consciência o papel exclusivo de agente das mudanças sociais. Assim, o autor nos aconselha da seguinte forma: “(...) não confunda a alienação, um processo econômico, com a consciência fragmentada que a alienação produz”¹³. E para ilustrar este fato, temos o exemplo de dois trabalhadores. Um que nem sabe que se encontra sem consciência de sua opressão e outro que é militante sindical. Há, então, a afirmação de que ambos estão igualmente alienados, pois “estão alheios do produto do seu trabalho, seus gestos são alugados para o dono da fábrica como uma mercadoria qualquer”¹⁴.

Vemos, assim, um processo econômico que conduz o indivíduo a transferir para o outro (uma determinada elite) a sua capacidade de opinar, de escolher, enfim, de tomar o poder. É o processo econômico que constitui a própria alienação, a qual, por sua vez, gera no indivíduo uma consciência fragmentada, impossibilitando, assim, que o trabalhador se veja no produto de seu trabalho, além de não se enxergar como peça essencial para o funcionamento desse processo. Desta maneira, o trabalhador militante social possui a conscientização política necessária para entender as causas de sua opressão e manter suas reivindicações. Porém, no processo econômico, do qual é peça fundamental, mas não essencial - já que existem milhares de trabalhadores que, como ele, dependem do trabalho para viver - está alienado, pois possui uma consciência fragmentada daquilo que produz e de si mesmo, mergulhado pela necessidade de sobreviver e de ter de continuar, apesar daquilo que Hegel havia chamado de “consciência infeliz”. Daí Codo afirmar que é errada essa linha de raciocínio do senso comum de a alienação ser sinônimo de falta de consciência humana.

Ao analisarmos estes dois romances do marxista José Saramago é necessário que tenhamos em mente o fato de ser a alienação o próprio sistema econômico que gera a fragmentação da consciência. Entretanto, para simplificar a expressão de nossas reflexões, decidimos nos referir à alienação como falta de consciência, pois, além de esta ser a leitura que se depreende da cegueira dos “ensaios”, os sentidos que se possam aplicar ao termo não fará diferença no que de fato importa visualizar: os mecanismos de fragmentação de consciências do atual processo econômico.

Para finalizar seu livro, Codo nos mostra que

Só a fusão dialética entre paixão [intervenção política] e razão [existência do capital determinada pela economia] é capaz de organizar os homens, (...), só um partido revolucionário é capaz de fazer a revolução. Transformar nosso lamento em um novo e vigoroso canto¹⁵.

Há para Codo, como vemos, uma certa esperança de que surja “um novo e vigoroso canto” que substitua “nosso lamento”. Nas obras de Saramago selecionadas nesta Dissertação, contudo, não parece haver grande entusiasmo com o poder de transformação das pessoas no mundo atual, mundo este que, segundo o autor, estaria tornando real a vivência das sombras do mito platônico da caverna, como veremos mais adiante.

Seria interessante mencionar também a teoria do sociólogo alemão Norbert Elias sobre este tema da alienação em seu livro intitulado *Envolvimento e alienação* (*Engagement und distanzierung*), de 1998, no qual temos a elucidativa introdução de Álvaro de Sá, que, por sua vez, nos informa sua opção pela tradução do termo alemão *distanzierung* para “alienação” e não para “distanciamento”, já que

(...) melhor atender à inserção do autor no intertexto filosófico e à projeção que deverá ganhar (...) pela proposta que faz de uma epistemologia dinâmica e sobre as implicações sociais dos humanos. (...) E as implicações

sociais oscilam entre o **envolvimento**, que leva as pessoas a se enredarem nos fatos, passando a atuar neles comprometidas pelas tensões a que ficam submetidas, e a **alienação**, que permite às pessoas se afastarem tanto das opiniões padronizadas e da coerção emocional dos fatos e, dentro deles, utilizar suas potencialidades, principalmente as advindas do conhecimento, para transpor as situações dilemáticas ¹⁶.

É imprescindível tal justificação do tradutor, pois o termo “alienação” - mais que o termo “distanciamento” - possui, no imaginário coletivo, um sentido bastante pejorativo, não apenas ligado à “falta de consciência”, como vimos, mas também a algo bem próximo de “pessoa desprovida de esperteza”, o que poderia confundir-nos em nossa pesquisa, já que, nesta tradução da obra de Elias, o termo “alienação” possui sentido oposto a este que assimilamos, sendo, portanto, algo bastante positivo. Da mesma forma, o termo *engagement*, ainda que traduzido como “envolvimento” e não “engajamento”, remete-nos a uma idéia de ativismo sócio-político, parecendo, portanto, ter um sentido mais positivo, o que, no entanto, não se confirma no texto de Elias, pois se refere, na verdade, a uma aproximação excessiva que impossibilita a ação lúcida do indivíduo.

Surpreendemo-nos, pois, no decorrer da obra, com termos que, na verdade, possuem sentidos invertidos daqueles que depreendemos em uma primeira leitura do título. Para Elias, “alienação” (*distanzierung*) tem um sentido positivo, sendo justamente o afastamento necessário ao indivíduo para que possa ter uma visão mais ampla da realidade que o cerca, permitindo-o encontrar soluções mais rapidamente. Álvaro de Sá acrescenta que “opostamente a Hegel e Marx, a alienação [para Elias] é (...) fundamental para a vida dos grupos, para a preservação da paz, do bem-estar e para o desenvolvimento”¹⁷. E vai ainda mais além, afirmando que esse resgate da importância da alienação em Norbert Elias seria uma tentativa deste em restabelecer o primado da razão. Por meio de uma investigação alienada, que valoriza a independência

do pensamento, seria possível a construção de um mundo real melhor, sem utopias. Já o envolvimento, por sua vez, gerando a impossibilidade de ver devido a uma excessiva aproximação de uma determinada questão, impede um maior conhecimento dos fatos, dificultando possíveis soluções.

Elias mostra que tanto os indivíduos de maneira geral quanto os próprios sociólogos sofrem de uma “cegueira do envolvimento emocional”, impedindo-os de observar os terríveis conflitos da atualidade - que constituem uma verdadeira ameaça à sobrevivência da humanidade - no sentido de superar seus moldes científicos, os quais acabam por representar as justificativas dos povos conflitantes, criando, desta forma, uma espécie de círculo vicioso. Segundo este autor,

(...) só os insanos podem permanecer totalmente desmobilizados diante do que se passa em seu redor. Normalmente o comportamento adulto repousa numa escala, em algum ponto localizado entre esses dois extremos. Em alguns grupos e em alguns indivíduos desses grupos, pode se aproximar mais de um deles do que de outro; pode variar, aqui e ali, conforme o aumento ou a diminuição das pressões sociais e mentais. (...) a existência real da vida ordenada em grupo depende do inter-relacionamento dos impulsos de pensamento e de ação das pessoas em ambas as direções: as que envolvem e as que alienam, mantendo-se regularmente em xeque¹⁸.

Somente com o desenvolvimento de um modelo de observação dos seres humanos em suas mutantes configurações (envolver e alienar) os sociólogos conseguirão encontrar soluções para os problemas práticos da atualidade.

Sem dúvida, notamos que sempre houve na vida ordenada em grupo os “impulsos de pensamento e de ação das pessoas”, uns para envolver, outros para alienar, seja lá qual for o sentido que possamos atribuir a estes termos. No entanto, não há como negar que a obtenção de poder às custas da miséria alheia constitua o caminho mais certo para a injustiça e para as desigualdades sociais, o que gera violência e infelicidade

e inquietações para todos, sem exceção. Pretendemos depreender tal constatação dos dois romances de Saramago a serem analisados nos próximos capítulos.

É curioso notar que “alienação” pode significar também loucura (“alucinar, perturbar”), como nos apontam os dicionários citados ao início deste capítulo, provavelmente pelo fato de esta consistir em uma espécie de distorção da realidade, sendo que, neste caso, não conferindo mais aquela transferência de algo a outrem. Trata-se somente de uma distorção da realidade levada a um extremo que torna o indivíduo incapaz de um convívio social pleno.

O fato é que, diante do desconhecido, ou daquilo que não se pode entender, muitas vezes se julga haver a loucura, em uma tentativa de eliminar uma afronta, um incômodo. É exatamente o que ocorre com os governantes do *Ensaio sobre a cegueira* no que diz respeito ao total desconhecimento acerca da cegueira branca da qual, a princípio, apenas alguns indivíduos são vítimas. Diante de um mal cujas causas são tão misteriosas quanto as da própria loucura, submetem tais “doentes” a uma quarentena que lhes é imposta - remetendo-nos ao que se costuma fazer aos loucos - confinando-os, por ironia, em um antigo hospício da cidade. Vemos, desta forma, que tudo o que é desconhecido e repellido por alguma razão precisa ser afastado ou até eliminado (os cegos que se rebelavam e tentavam questionar, chegando perto dos soldados, eram fuzilados). Tal atitude caracteriza, sem dúvida, uma forma de governo autoritarista e desigual. E se, em sua ficção, Saramago procura evidenciar os problemas de nossa realidade, ainda que por meio de situações extremas ou insólitas, vale aqui evidenciarmos o comportamento dos governos atuais, tentando detectar se não seriam na verdade ditaduras disfarçadas de democracia. E, vendo, poderemos talvez um dia “reparar” (consertar) o mundo.

Sobre esse tema da intolerância e do autoritarismo no romance perante o que não se consegue compreender ou apreender, podemos fazer uma ponte com o mito da caverna de Platão, mito este freqüentemente revisitado por Saramago, tendo até mesmo inspirado um romance seu, *A caverna*, do ano de 2000. Trata-se do trecho que retrata a suposição de Sócrates acerca da atitude dos prisioneiros da caverna diante da tentativa de um deles - que consegue escapar e ver a realidade do mundo exterior - de retornar e tentar fazer com que os companheiros ainda presos entendam a realidade que ele conheceu. Teriam chegado à ridicularização ou até mesmo à tentativa de assassinato deste que os importunam com o que não são capazes de compreender. Vemos, aqui também, que, diante do desconhecido, há o incômodo e a conseqüente intolerância que leva ao desejo de eliminação deste incômodo. Como teria ocorrido, aliás, na própria vida de Sócrates, o qual teria sido condenado à morte por causa de sua filosofia perturbadora das “verdades” estabelecidas. E tal atitude autoritarista pode ser observada não apenas no *Ensaio sobre a cegueira*, mas também no *Ensaio sobre a lucidez*, desde a votação maciça dos “brancos” que, ao contrário do que se poderia esperar em uma verdadeira democracia, são punidos por se expressarem, até a arbitrariedade da violência para com os prováveis “culpados”. É mister, portanto, que reparemos se este mundo fictício não estaria denunciando o mundo real que nos cerca.

Já que percorremos o conceito de alienação segundo alguns de seus principais teóricos, podemos agora transpor as teorias de alguns deles para o mundo atual, como, por exemplo, o conceito de religião para Feuerbach como fator alienante para o ser humano, agravado atualmente pela atuação feroz de uma mídia conservadora, sem, no entanto, descartarmos o conceito marxista do trabalhador transformado em mercadoria. Desta maneira, iniciaremos o levantamento daqueles mecanismos de

fragmentação da consciência de que falamos anteriormente, gerados pela alienação, que, segundo Codo, é o próprio processo econômico capitalista. Ademais, percebendo estes e outros mecanismos, poderemos entender a conjuntura dos personagens dos romances de Saramago, nos quais, certamente, encontraremos não só a atual realidade retratada em suas questões mais marcantes, mas também um reflexo de nós mesmos e do papel que temos assumido neste início do século XXI.

De maneira mais evidente na América Latina, as religiões atuam fortemente sobre a consciência do indivíduo, principalmente os oriundos das comunidades mais carentes, no sentido de fazê-los crer que, assim como Jesus Cristo sofreu, todos têm de sofrer, entre outras noções como, por exemplo, a de que o reino dos céus é dos pobres, o que anestesia qualquer indício de questionamento, revolta ou reivindicações sociais, já que, as misérias e mazelas sociais são todas atribuídas ao fato de serem a cruz ou o carma que cada um deve carregar no decorrer de toda sua existência. Além disso, é necessário, ao refletirmos sobre a alienação, que nos lembremos de questionar como certas crenças conseguem, por exemplo, produzir uma verdadeira “cegueira” no indivíduo, induzindo-o a doar dez por cento do salário para a igreja, tendo em vista o fato de o salário mínimo brasileiro ser um dos menores do mundo, bem como a cruel realidade de um grupo assustadoramente significativo ganhar ainda abaixo deste mínimo já tão inexpressivo. Tais atitudes constituem um grave empecilho para a ação lúcida, que deve, necessariamente, partir de reflexões baseadas em um pensamento crítico e não dogmático.

De acordo com Feuerbach, a alienação é provocada pela projeção do eu para fora, em um ser divino, ocorrendo, assim, a transferência para Deus das qualidades pertencentes, na verdade, ao próprio homem. Sem dúvida, esse é o raciocínio que

explica uma atitude tão absurda quanto a de se doar parte de um salário para uma igreja sem que haja qualquer tipo de contestação. Não cremos, contudo, que não haja a possibilidade de se seguir uma religião, que possui suas propriedades benéficas para o ser humano, com lucidez, driblando dogmas, não como quem transgride uma lei sagrada, mas com o espírito crítico, necessário a uma verdadeira evolução, a qual deve se operar primeiramente na vida social, para, em seguida, ocorrer na vida espiritual.

Se “alienar” é transferir a outrem o que é seu, neste caso temos a transferência do próprio poder de ação para Deus, que é quem decide os destinos dos seres, já que no que o “eu” é projetado para fora do indivíduo, este passará a estar desprovido de seu mais precioso bem, o de decidir o seu destino.

Detenhamo-nos agora na transposição da questão marxista do trabalhador transformado em mercadoria para os tempos atuais. No século XIX, Marx nos mostra que o sistema capitalista visa ao lucro em detrimento do humano, gerando a alienação iniciada no processo fragmentado do trabalho. A partir desta realidade que se estende até os dias de hoje, podemos deduzir o que ocorre com o indivíduo atualmente que, depois de um dia cansativo de trabalho – que geralmente inclui a desgastante tarefa de depender de um sistema de transporte ineficiente – chega exausto a casa e, por hábito, vai parar diante da televisão. Se para um intelectual engajado é, por vezes, árdua a tarefa de driblar a mídia dita conservadora, que concentra esforços para manter os privilégios das elites, omitindo e até mesmo mentindo sobre os fatos – e, portanto, alienando - é fácil entender esta espécie de alienação imposta a estes trabalhadores atualmente. São, na verdade, alienados no sentido de se tornarem totalmente apáticos com relação à realidade que os cerca. Como vimos em Codo, ocorre a consciência fragmentada produzida pela alienação, que é o próprio processo econômico,

sustentado por uma mídia também alienadora, além da religião. Assim, a realidade circundante é interpretada à maneira subliminarmente imposta pelos meios de comunicação, o que produz em todo um povo a total incapacidade de organização para reagir, questionar, reivindicar seus direitos.

Retomemos, aqui, mais uma vez, o mito da caverna de Platão. Trata-se de seres que, desde a infância, vivem aprisionados em uma caverna, forçados a verem na parede do fundo desta apenas as sombras da realidade exterior, sendo estas sombras, para eles, a verdade. Desconhecem totalmente o mundo externo, mas diante da hipótese de um deles sair, a princípio concluiu-se que não conseguiria enxergar nitidamente e, só aos poucos, iria se habituando à forte claridade e alcançando o conhecimento das coisas externas. No entanto, se tentasse voltar à caverna para libertar os prisioneiros e fazê-los conhecer a realidade do mundo externo, provavelmente seria ridicularizado por estes ou talvez tentassem mesmo matá-lo, pois não aceitariam a existência de outra realidade além das sombras que conheciam bem.

A televisão na atualidade é muitas vezes comparada a essas sombras da caverna, as quais nós, prisioneiros pelo medo da violência ou pelo medo de convivemos mais com nosso próximo nos espaços públicos, nas praças, estamos, assim, condenados a ver o que por ela é transmitido como única realidade possível.

No documentário *Janela da alma*¹⁹, Saramago afirma que, para que possamos conhecer, de fato, alguma coisa, há que “dar-lhe a volta” (com o sentido de andar em torno de algo para conhecer-lhe todos os ângulos possíveis). Sem dúvida, nesse mundo fragmentado, onde nós somos fragmentados em nossas consciências, em nossos olhares, encontramos-nos ressentidos da capacidade de ver sob todos os pontos de vista, de ver todos os ângulos, de dar a volta em torno dos fatos. E, sem dúvida

alguma, a televisão é a grande viabilizadora desta perda da capacidade de ver todos os ângulos, todos os pontos de vista, impondo belas imagens sem conteúdo, que consistem em verdadeiras hipnoses que anestesiam nossa capacidade de “reparar”.

Richard Peet, geógrafo da Universidade Clark, em Massachusetts, Estados Unidos, afirma que “a alienação [vista aqui como falta de consciência política] é a base social do império”²⁰ e que permitiu ao grupo fascista liderado por Bush alcançar o poder: “As pessoas não concordam (...) mas seu protesto não é mais do que ir para casa ligar a televisão e se desligar da política. (...) Essa é a natureza de pessoas consumistas. São rasas, não têm pensamentos profundos. Suas opiniões lhes foram impostas (...)”²¹.

Os redatores do jornal, então, levantam a questão de como o povo americano, que em outros tempos lutaram por direitos civis e pela democracia, aceita este cenário, ao que Peet responde o seguinte:

É um processo longo, no qual a mídia, como construtora ou destruidora de consciência, tem um papel fundamental. Os estadunidenses perderam o interesse em conversar com outras pessoas. (...) À noite, (...), foram domesticados para ir a suas casas assistir televisão (...), e ser bombardeado por imagens, rasas em conteúdo e belas em aparência. Essas pessoas, sentadas, são facilmente manipuláveis e, por isso, aceitam a loucura de Bush²².

Perante a constatação do lugar assumido pela televisão nos lares do mundo moderno, ocupando mesmo o centro das salas de estar nas quais as pessoas prostram-se e se deixam anestesiar, ao invés de conversarem e trocarem idéias, reflitamos um pouco sobre a pobreza, por exemplo, em sua forma retratada pelas atuais telenovelas brasileiras, as quais, inclusive, inundam a programação televisiva portuguesa de maneira assustadora, além de serem exportadas para vários outros países europeus. Estas mostram uma pobreza romântica, sem trabalho excessivo, sem salários-fome, sem geladeira vazia, enfim, não mostram o que de fato há, não mostram o que é a

verdadeira pobreza, a miséria. Já o rico é retratado como uma figura cercada de uma aura de divindade e perfeição, rodeados por luxos excessivos, os quais são vistos como privilégios de pessoas que “batalharam muito” ou que apenas “deram muita sorte” para alcançar tantos bens, que, no entanto, contrastam cruelmente com a dura realidade do povo que assiste, e que, graças à alienação, permanece inerte, assimilando subliminarmente uma conformação que impede de pensar e agir para transformar a realidade. Acabam por aceitar que pobre é pobre porque o destino assim o quis e não há nada a se fazer. A questão grave que surge deste fato é a de que muitos, sem dúvida, se conformam e permanecem pacatos, passivos. Outros desejam alcançar a qualquer custo os bens materiais exibidos na tela da televisão.

Chegamos aqui à questão do “ter” que prevalece sobre o “ser”. A essência do ser não importa. O sujeito é apenas o que tem. Se nada possui, nada consegue ser. Estes valores puramente materiais acabam por ser perseguidos por todas as classes sociais, lançando-os ao consumismo desenfreado. Esta constatação é de fundamental importância para entendermos melhor o indivíduo alienado e egocêntrico que vive dentro de um sistema capitalista voraz. Consumir consiste em um círculo vicioso gerado por necessidades criadas pela mídia e não por necessidade real. O homem adquire determinados objetos, os quais, por sua vez, devem se tornar obsoletos e descartados rapidamente para, o mais imediatamente possível, serem substituídos por outros que, da mesma forma, tornar-se-ão obsoletos e descartados e, assim, inicia-se um ciclo vicioso do qual não se pode libertar, sob o risco de se perder o próprio valor.

Em *Janela da alma*, José Saramago nos diz que

(...) a ditadura hoje é econômica! (...) poderia-se chamar também de ‘capitalismo autoritário’. Numa situação dessas em que as pessoas são levadas a crer que o melhor é triunfar na vida, e triunfar é ter muito, ter o mais que se possa, três automóveis em vez de um, duas, ou três ou quatro, quer dizer, tudo aquilo, todos os bens, quer dizer tudo aquilo a que se

chamam bens. Essa máquina de produção de bens, muitas vezes inúteis, que nos obriga a comprar, (...). O conceito de cidadão, que nos vem do século XVIII e que mais ou menos se manteve até os dias de hoje foi substituído por cliente. Nos converteram em clientes, somos consumidores nada mais! E isto põe, creio que sim, graves problemas²³.

Na mesma película, Win Wenders nos dá a dimensão mais aproximada dessa questão do excesso não apenas de coisas materiais, mas também de imagens, além de ressaltar as conseqüências destes excessos:

(...) temos muitas coisas em excesso nos dias de hoje. A única coisa que não temos suficiente é tempo, (...) e ter tudo em excesso significa que nada temos. A atual superabundância de imagens significa, basicamente, que somos incapazes de prestar atenção. Somos incapazes de nos emocionarmos com as imagens. Atualmente, as histórias têm de ser extraordinárias para nos comoverem, porque as histórias simples... não conseguimos mais vê-las²⁴.

Mas claro está que haverá sempre os excluídos desse processo consumista impulsionado pela mídia. Haverá sempre aqueles que não poderão consumir, não poderão ter e, portanto, não poderão ser ninguém. Estes são condenados à invisibilidade social, e, sem horizontes, amontoam-se nos “malabarismos” dos sinais de trânsito ou arriscam-se como os famosos “pivetes” que, quando pegos pela polícia, são duramente punidos, algumas vezes eliminados (com o apoio da sociedade), pois são os “incômodos”, os “estorvos” sociais. Antes de chegarem a este ponto, contudo, eles tentam suas inserções sociais através da escola e de subempregos em condições precárias. Não suportam por muito tempo, como é de se prever.

Para aprofundarmos nossas reflexões acerca da falta de consciência política que impede a luta por um mundo melhor, temos de partir do fato de que a opressão se dá verticalmente, de cima para baixo, tanto geográfica quanto socialmente: de norte para sul, de poderosos presidentes para seu povo, de patrão para empregado, resguardando, obviamente, as raras exceções. Esse sistema de verticalidade nas

relações entre os indivíduos só pode se sustentar ou por meio de violência (como nas ditaduras) ou graças à alienação que, como falta de consciência política, garante uma outra forma de ditadura, através da manutenção do poder e dos privilégios de uns poucos poderosos sobre uma enorme massa de pessoas inertes, passivas, incapazes de reagir.

Temos no *Ensaio sobre a cegueira* vivências de privações que não excluem ninguém, nem mesmo a única personagem imune à cegueira branca. Nas cenas do início do confinamento, porém, vemos alguns cegos transgredindo a ordem de levarem consigo apenas o mínimo necessário, levando também dinheiro e jóias. Outro exemplo marcante é a cena que mostra cofres de bancos e caixas eletrônicos sendo saqueados pelos cegos justamente no ápice do caos em que vive a cidade, quando, com exceção da mulher do médico, todos estavam completamente cegos. Vemos aqui em primeiro plano a outra cegueira, a alienação, mais resistente que a cegueira branca. Há um trecho de um depoimento de Win Wenders do já citado documentário *Janela da Alma*, o qual nos mostra que:

A maioria das imagens que vemos não tentam nos dizer algo, mas nos vender algo. (...) Mas a necessidade fundamental de ser humano é que as coisas comuniquem um significado. Como uma criança que quando vai dormir quer ouvir uma história não tanto pela história, mas pelo ato de contar a história que transmite segurança e conforto. Mesmo quando crescemos, continuamos a amar o conforto e a segurança que vem das histórias, qualquer que seja o tema. A estrutura da história cria sentido. E nossa vida, de maneira geral, carece de sentido. Por isso, temos uma intensa sede de sentido²⁵.

Em seguida, é Saramago quem nos alerta para essa grave crise do mundo atual, no qual é possível detectar a mesma carência ou “sede de sentido” de que nos falou acima Wenders:

Vivemos num mundo (...) onde há cada vez mais sentidos perdidos, perdidos em primeiro lugar de nós próprios, e em segundo lugar perdidos

na relação com o mundo. Acabamos por circular por aí sem saber muito bem nem o que somos nem para quê servimos nem que sentido tem a existência²⁶.

Havendo a crise do olhar (ou cegueira ou alienação) no mundo em que vivemos, não há como não desembocarmos necessariamente em uma perda de rumo daquilo que realmente importa, da essência de nossa vida, do sentido fundamental para a mesma. A fala de Saramago consiste mesmo em uma denúncia da perda da essência humana na modernidade. Mais uma vez, notamos o ceticismo do autor guiando suas reflexões, quando, ao se referir ao fato de nunca termos vivido tão plenamente na caverna de Platão, diz que “vai ser cada vez mais” desse jeito, ou seja, prevalecerá o império das imagens televisivas que não permitem ver, enxergar a realidade, dominando cada vez mais a humanidade. É importante entendermos a postura pessimista do autor perante a vida no mundo atual para que possamos entender suas opções no mundo da ficção, principalmente nestas duas obras a serem analisadas. As pessoas serão cada vez mais alienadas, cada vez mais guiadas pelo princípio do “ter” em detrimento do “ser”, cada vez mais afastadas de suas essências. Parece ser a crença de Saramago de que, apesar de ser da natureza humana a busca da felicidade, a única coisa que poderá conquistar é a infelicidade, pois o que impera são as trevas da ignorância, da ganância, do egoísmo. O que vemos é, por vezes, um imenso abismo entre as pessoas, solidão gerada por um mundo ferozmente competitivo, que desemboca quase sempre em depressão amenizada por antidepressivos, angústia anestesiada por altas doses diárias de alienação.

Como nos mostra Eduardo Galleano em seu livro *De pernas pro ar: a escola do mundo ao avesso*, nesse mundo em que vivemos,

Quem não é prisioneiro da necessidade é prisioneiro do medo: uns não dormem por causa da ânsia de ter o que não têm, outros não dormem por causa do pânico de perder o que têm. O mundo ao avesso nos adentra para

ver o próximo como uma ameaça e não como uma promessa, nos reduz à solidão e nos consola com drogas químicas e amigos cibernéticos²⁷.

Há uma música de Rita Lee que nos diz que “o desconforto anda solto no mundo, e você sempre (...) atento ao que menos importa”²⁸, letra que aponta a existência da consciência anestesiada pelo enfoque das futilidades, remetendo à questão do consumismo vazio em detrimento do despertar da indignação perante “os desconfortos” causados por um mundo violento, injusto, incoerente. Incoerência esta que pode ser notada não só nos fatos, mas também no uso das palavras, na forma como são utilizados os conceitos de civilização *versus* barbárie, democracia *versus* ditadura, entre outros, com seus sentidos totalmente invertidos, quando, por exemplo, ouvimos George Bush dizer que levará a civilização ao Iraque, a democracia à Venezuela, quando o que leva, de fato, é guerra, golpes, destruição, ou seja, a barbárie.

Adauto Novaes, em seu texto *Crepúsculo de uma civilização*, pertencente ao livro por ele organizado, intitulado *Civilização e barbárie*, nos mostra que a simples questão “o que é ser civilizado?” remete-nos à pergunta “quem é, então, o bárbaro?”, havendo várias visões e possibilidades de respostas, como, por exemplo, a que seria a mais ingênua de apontar os mais “antigos, exóticos e distantes” como bárbaros. Enquanto na antiguidade os gregos consideravam bárbaros todos os que não falassem grego, hoje em dia teríamos como tradução desta visão a crença de que “nas guerras santas de todas as espécies, o Bem somos nós, civilizados – contra o Mal, os outros, Bárbaros”²⁹. Novaes nos aponta uma lembrança de Francis Wolff acerca de uma visão mais sofisticada, que consistiria na negação ou na relativização do problema, por meio da afirmação de que “Nenhum povo é mais civilizado que o outro, nenhum costume é

bárbaro”³⁰, diante da qual surgem terríveis impasses: “O que fazer, pergunta Wolff, quando julgamos, (...), que outras culturas, consideradas tão ‘civilizadas’ quanto a nossa, são produtoras de humilhação, opressão e exploração?”³¹. E como saída para tal impasse, Francis Wolff teria proposto uma definição de quem é o bárbaro, mostrando, portanto, quem é o civilizado: “Seria bárbara toda cultura que não disponha, em seu próprio interior, de possibilidades que não lhe permitam admitir, assimilar ou reconhecer uma outra”³². Assim, podemos constatar, juntamente com Novaes, que “(...) a civilização (...) traz em si mesma a possibilidade de retorno à barbárie. (...) Paul Valéry aponta o desenvolvimento técnico como um dos elementos essenciais, certamente aquele que concentra e define o ponto de partida da crise [da civilização]”³³.

Adauto Novaes evidencia ainda que as sociedades democráticas modernas “baseiam-se na defesa do direito à diferença para afirmar a tolerância como valor fundamental da vida em sociedade”³⁴, bem como aponta-nos outra importante visão, desta vez de Paul Valéry, em um de seus célebres ensaios intitulados *A política do espírito*. Segundo este autor, o mundo moderno não criou uma política apropriada para gerar harmonia dos indivíduos inseridos nesse mundo “de posse de um capital técnico prodigioso”³⁵, no qual há a imposição a todos os homens de modos de vida e de pensamento. Criou-se o “capital técnico”, porém não foram criados os meios de se lidar com ele na vida prática em todos os seus aspectos, ético, moral, jurídico; enfim, não foram criados os meios práticos que geram harmonia entre esse capital técnico e as necessidades humanas mais fundamentais para uma convivência feliz em sociedade. Obviamente que a opressão, cada vez maior, sufoca não só o indivíduo, mas também o ser ou a essência humana que vem sendo apagada, tornando, assim, inviável a harmonia necessária para que o conceito de civilização volte a ter seu sentido primeiro resgatado.

É intrigante observar, neste nosso “mundo ao avesso” ou “de pernas pro ar”, como disse Galleano, algo assustador que ocorre diariamente diante de olhos alienados e lúcidos: a banalização da barbárie. Se, como vimos anteriormente, a alienação é a base social de todas as injustiças e desigualdades, o que se opera na mente alienada, ou na consciência fragmentada, é mais do que indiferença. Ao aceitar passivamente, ou simplesmente não ver a inversão dos fatos e dos conceitos, bem como a violência que tais inversões pretendem justificar diante dos nossos olhos, pacatos, o que temos é, na verdade, a banalização do mal, da barbárie, da injustiça, por meio de uma espécie de treino intensivo e diário da frieza, da crueldade, da insensibilidade.

Antônio Ozaí da Silva, em seu texto *A força da tradição no mundo ao avesso*, nos diz sobre o indivíduo que “A realidade social não lhe diz respeito; treinam a insensibilidade e fogem (...) de qualquer compromisso coletivo com as transformações necessárias para humanizar o mundo real”³⁶.

Sobre essa grave questão do treino da frieza e até mesmo da crueldade, há o exemplo curioso dos funcionários de matadouros. Ao assistirmos a um programa de uma emissora comunitária, a qual mostrava o dia-a-dia violento destes locais, deparamo-nos com a fala de uma psicóloga que afirmava haver uma terrível ameaça ocorrendo por detrás dos empregos dados a estes funcionários, os quais estariam sendo transformados em psicopatas, já que, pela necessidade de emprego e sobrevivência, precisavam praticar diariamente atos de tanta violência com os animais a serem abatidos que, após passarem por todo um processo altamente traumático de superação do medo e do horror, ou acabavam por banalizar o mal, chegando mesmo à prática consciente da crueldade, ou acabavam por se demitirem, horrorizados ainda, e

emocionalmente tão abalados ao ponto de beirarem a loucura . Não há pesquisas acessíveis nesta área, até por questões de interesses econômicos do país com relação à criação de gado, mas há quem afirme que tal processo de treinamento da frieza e da crueldade contribua para a formação de criminosos, sociopatas ou psicopatas, que podem vir a representar um grande perigo à sociedade. A psicóloga, em entrevista ao referido programa, afirmou ser possível constatar este perigo a qualquer um que se dispuser a observar o cotidiano de um matadouro.

Cabe a nós, ao longo deste trabalho, ressaltar este treino de insensibilidade e de fuga referido por Antônio Ozaí que garante a perpetuação de um sistema dentro do qual a violência cai em um círculo vicioso, estendendo-se a todas as suas formas possíveis de manifestação, inviabilizando qualquer tentativa de construção de uma vida em sociedade mais solidária e pacífica. Talvez assim consigamos visualizar meios efetivos de superação da cegueira, que não nos permite ver o “mundo ao avesso”, incoerente e que, por essa razão, não nos permite ver a causa de nossas angústias, de nossas inquietações e infelicidade. Ainda que, com essa visualização somente, não sejamos capazes de construir outro mundo, é necessário deixar germinar a consciência plena do mal-estar.

Em *Janela da Alma*, Saramago nos diz que “(...) ser agressivo, egoísta, violento, enfim, isso é o que nós somos. E o espetáculo que o mundo nos oferece é precisamente esse. Um mundo de desigualdades, de sofrimento, sem justificação”³⁷. Assim, vamos colhendo pistas que nos levam a entender a razão que levou este autor a lançar seus personagens em situações caóticas, extremas. Provavelmente, havia nesses extremos a necessidade de se encontrar “justificações” para as incoerências do mundo. Talvez por meio desse olhar lúcido sobre os indivíduos do mundo atual, Saramago

tenha visualizado a cegueira branca que leva o “ser” à contramão do “ter”, já que, diante da epidemia, “tudo o que é sólido desmancha no ar”³⁸, fazendo assim com que se necessite buscar o que verdadeiramente importa, aquilo que há dentro de nós e que não tem nome, mas que consiste exatamente naquilo que somos, mostrando-nos, com isso, que, antes de construir outro mundo, é necessário que resgatemos aquilo que nos faz humanos, nossa essência, fragmentada e cada vez mais perdida.

Sobre esta questão fundamental da essência humana temos de recorrer principalmente a Karl Marx. Em sua *Ideologia alemã*, por meio de suas “Teses sobre Feuerbach”, ele nos mostra que o materialismo de Feuerbach, ainda que se opondo ao idealismo de Hegel, tão fixado puramente no abstrato, não consegue, contudo, desvincular-se do âmbito do teórico, ou como vemos nas palavras do próprio Marx, “A disputa sobre a realidade ou não-realidade do pensamento isolado da práxis – é uma questão puramente *escolástica*”³⁹. Querendo apontar o defeito das teses de Feuerbach, as quais expunham um materialismo intuitivo que não apreendia a importância da atividade revolucionária, prático-crítica, Marx afirma que este filósofo dissolve a essência religiosa na essência humana, que, por sua vez, se constituiria de uma abstração própria do indivíduo singular. Para ele, no entanto, a essência humana não consiste em uma abstração do indivíduo visto isoladamente, como pensa Feuerbach, mas no conjunto das relações sociais. É justamente esta a visão que devemos focar, já que Saramago sempre afirmou ser comunista-marxista e já que suas duas obras aqui analisadas retratam uma determinada sociedade, bem como seu “conjunto das relações sociais”, ou mais especificamente, sua estruturação baseada muito mais no egocentrismo e na alienação das pessoas que a constituem do que na

fraternidade e na solidariedade, sendo necessária a cegueira extrema para fazer ver, como veremos no próximo capítulo.

Ao longo das análises das obras, é importante observarmos a forma como o conceito de essência humana de Marx (enquanto conjunto das relações sociais) é trabalhado pelo marxista José Saramago. Se as atuais relações sociais baseiam-se no egocentrismo, no individualismo exacerbado e na alienação, vemos surgir várias perguntas para as quais esperamos encontrar respostas no decorrer da leitura dos romances: como superar essa condição que se mostra tão propícia à barbárie, gerando apenas conflitos constantes e promessas de infelicidade com belas roupagens de felicidade eterna? Haverá meios de se resgatar a essência humana como um conjunto de relações sociais fraternas e solidárias? São inúmeras as questões que surgem ao longo da leitura dos “ensaios”. Vale aqui lembrar as palavras de Simon Schwartzman sobre Feuerbach, citadas acima: “Só o amor entre os homens seria capaz de devolver-lhes a essência, trazendo para o seio dos homens a perfeição que fora alienada no Deus”⁴⁰.

Como vida e literatura, realidade e ficção se confundem, veremos nos ensaios-romance de José Saramago esse nosso mundo atual, no qual impera, por um lado, a alienação, e por outro, o egocentrismo e a ganância por poder, sendo retratados de maneira angustiante, a partir da qual vemos pessoas em situações-limite, pendendo entre humanidade e desumanidade, entre solidariedade e perversidade.

O indivíduo é alienado não só pelas relações de produção, como vimos em Marx, mas também pela ausência de produção de relações, como veremos no próximo capítulo; não só pela religião, como vimos em Feuerbach, mas também por uma mídia manipuladora que prega um consumismo desenfreado que aprisiona os indivíduos em

um círculo vicioso, de necessidades artificialmente criadas, que, por sua vez, geram a perda da essência humana.

Mais uma vez temos aqui as palavras de Antônio Ozaí da Silva, as quais nos mostram que:

As drogas modernas assumem ares de inocência: apresentam-nas sob a embalagem religiosa; sob a “ingênua” programação televisiva; sob o rótulo propagandístico que estimula o consumismo, o ter e o individualismo; sob o refúgio da virtualidade dos *chats* e da overdose de informações e do lixo que transita *on-line* pela *web*. Os indivíduos buscam a felicidade (...) no consumismo, no misticismo (...) ⁴¹.

Como temos visto até aqui, a alienação das maiorias, que garante a manutenção do poder por parte de alguns poucos, pode-se realizar por uma série de fatores ou “mecanismos de fragmentação da consciência”. Claro que há outros fatores alienantes, que não foram mencionados, como, por exemplo, o progressivo desmantelamento do sistema público de educação. Todos estes procedimentos tão agressivos para o alcance do bem-estar comum nos levam a questionar qual seria a razão de pequenos grupos de poderosos espalhados pelo mundo (e tão insignificantes na quantidade perante uma massa assustadoramente gigante de pessoas), não temerem uma possível revolta de povos cada vez mais privados do básico para sobreviverem. Não estariam eles excessivamente confiantes no poder apassivador da alienação, sem cogitarem uma possível reversão nos rumos por eles programados? Vários acontecimentos recentes ao redor de todo o mundo apontam para uma organização e movimentação popular que a mídia insiste em ignorar, quando não distorce. Os excluídos deste sistema estão cada vez mais organizados, inquietando-se, movimentando-se, rompendo a indiferença com o outro e consigo mesmo, quebrando a inércia, driblando as manipulações. Estariam eles superando a alienação - por meio

do excesso de invisibilidade, de dor e da morte constantemente a espreitar - e preparando uma revolução?

A seguir, assistiremos a todo um povo acometido de uma cegueira, a chamada cegueira branca, que leva todo um povo a vivenciar o caos, já que abala profundamente as estruturas estabelecidas em um mundo chamado “moderno”. Nós, leitores, cidadãos do “mundo moderno”, entramos repentinamente em contato com a vivência da cegueira que nos angustia na medida em que nos faz refletir não somente sobre o caos presente na ficção magistral de José Saramago, mas também o caos de nossa própria realidade.

3. O ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA OU O RESGATE DA LUCIDEZ.

“(…) vocês são cegos, (...), atualmente, vivemos em um mundo que perdeu a visão. (...) perdemos o olhar interior, perdemos o distanciamento. (...) vivemos em uma espécie de cegueira generalizada”.

(BAVCAR, Eugen)

“(…) da cultura antiga só restará um amontoado de escombros e, para terminar, um amontoado de cinzas, mas haverá espíritos que flutuarão sobre essas cinzas”.

(WITTGENSTEIN)

José Saramago, em depoimento ao documentário *Janela da alma*, conta que, certa vez, em um restaurante de Lisboa,

De repente, eu pensei: e se nós fossemos todos cegos? No segundo seguinte, eu estava a responder a esta pergunta que tinha feito, mas nós estamos realmente todos cegos! Cegos da razão, cegos da sensibilidade, cegos, enfim, de tudo aquilo que faz de nós não *ser* razoavelmente funcional no sentido da relação humana... mas, pelo contrário, *ser* agressivo, *ser* egoísta, *ser* violento, enfim, isso é o que nós somos. E o espetáculo que o mundo nos oferece é precisamente este. Um mundo de desigualdade, de sofrimento, sem justificação⁴².

Surge, assim, repentinamente, a idéia que fundamentaria o romance *Ensaio sobre a cegueira*, de 1995, no qual Saramago coloca toda uma população diante de um mal contagioso que vai, aos poucos, tomando conta de toda uma cidade até que se alcance o completo caos.

Vamos repentinamente entrando em contato com um tipo de cegueira crônica, que ocorre, “[não] Como uma luz que se apaga, [mas] como uma luz que se acende”⁴³.

Ao contrário da conhecida cegueira que turva as vistas à escuridão, esta torna tudo branco.

Assim, tal obra coloca também a nós, leitores, diante da fragilidade e da efemeridade das coisas que acreditamos eternas, em uma sociedade pautada por valores puramente materiais, tendo como pilar o mundo da tecnologia em constante avanço regendo quase todos os setores da vida moderna. Coloca, portanto, leitores refletidos em personagens que se desesperam diante da perda do mundo conhecido, dito “civilizado”, “moderno”, forçando a questionar e repensar tais conceitos, bem como a reconstruir não apenas um outro mundo, mas também um outro modo de estar nesse mundo. Há o momento em que chegam mesmo a planejar uma forma de sobrevivência mais primária, como em uma espécie de regresso no tempo, imaginando a vida simples no campo, onde beberiam a água dos rios e colheriam da terra o alimento por eles mesmos semeados. Claro fica que, dentro da conjuntura apresentada na obra, essa nova forma de estar no mundo representaria muito mais um progresso humano do que um regresso no tempo, tendo em vista a total impossibilidade de sobrevivência no moderno, porém caótico, mundo das altas conquistas tecnológicas. Temos de entender a mensagem que o autor deseja nos transmitir ao descrever uma cegueira que torna inútil toda conquista material da humanidade. Teresa Cristina Cerdeira da Silva afirma que

(...) a travessia dos personagens se faz (...) ao inverso do processo que conduziria o pecador à tomada de consciência de que o pecado gerou a punição. Se esta imagem por vezes atordoa as vítimas (...) o processo de enfrentamento da tragédia está (...) em afastar ao mesmo tempo a marca de punição divina e a esperança de salvação centrada num espaço que esteja fora do humano⁴⁴.

Em se tratando de um autor ateu, torna-se óbvio que a cegueira branca não poderia ganhar os contornos de uma “punição divina”. O mais importante, contudo, é frisarmos o trecho acima que nos reporta a um duplo sentido do que se disse sobre “espaço humano”. Embora a ensaísta tenha se referido ao afastamento da idéia de

salvação fora de um espaço humano, opondo humano a divino, não podemos deixar de observar que é possível também a oposição humano *versus* desumano, questão esta bastante recorrente nas obras. De fato, perante a tragédia causada pelo mal branco, não parece possível a salvação por meio de valores e interesses que não mais focalizem o humano em primeiro plano.

Nesta nossa análise, tomaremos a epígrafe como ponto de partida: “Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara”⁴⁵. Há aqui um conselho que propõe uma espécie de gradação da visão, de um “ver menos” para um “ver mais”, além de podermos considerar um segundo sentido para o verbo “reparar”, significando não apenas “olhar mais atentamente”, mas também “consertar”. Sabemos, entretanto, da impossibilidade de se enxergar ou consertar algo estando alienado ou sem consciência da necessidade do conserto, do reparo.

No espaço ficcional, são mencionados três tipos de cegueira. A princípio, entramos em contato com a cegueira branca que se apresenta em contraste com a conhecida cegueira “escura”, sendo estas duas cegueiras fisiológicas, que impedem os órgãos visuais de desempenharem plenamente as suas funções de enxergar o mundo ao redor. O terceiro tipo de cegueira apresenta-se ao término da obra quando uma das principais personagens se dá conta de que, afinal, mesmo antes do “mal branco”, todos sempre estiveram cegos, “cegos que, vendo, não vêem”⁴⁶.

É aqui que entra em cena aquilo que se convencionou chamar de alienação, uma cegueira que não é fisiológica, mas que também impede de enxergar, ou “reparar” a realidade ao redor. Apesar de a história se iniciar e permanecer centrada na cegueira branca, nós, leitores, percebemos ao final do romance, juntamente com a mulher do médico, que não é exatamente esta cegueira que deveria ser superada. Ao

contrário, vamos observando que o caos desencadeado pela cegueira branca é que pode promover a superação da cegueira-alienação, esta sim verdadeira vilã da história.

De maneira muito elucidativa, Teresa Cristina Cerdeira nos mostra que

(...) a cegueira tanto pode ser estar cego e não saber (...) como ser lançado no branco desumanizador, que é, contudo, o estranhamento necessário para distanciar os homens da rotina e obrigá-los a observar de um modo novo o que parecia aceito como natural: em outras palavras, estamos a falar de formação, (...), reviravolta do ser ou *paidéia* para Platão⁴⁷.

Antes, contudo, de pensarmos sobre a alienação, vejamos como a obra se estrutura. Este “ensaio” encontra-se estruturado como a maioria dos romances do autor, já que a narrativa está em terceira pessoa, com narrador onisciente. Mas a característica que mais chama a nossa atenção é o fato de, como no *Ensaio sobre a lucidez*, os personagens não possuírem nomes próprios, sendo todos, sem exceções, designados apenas por características físicas, grau de parentesco, profissão. Da mesma forma, não há especificação de espaço e tempo no romance, apesar de, por meio de algumas referências, podermos detectar os traços típicos dos tempos ditos modernos (automóveis, caixas eletrônicas de bancos, prédios com elevadores, etc.). Ainda assim, não é possível identificar com precisão o tempo no romance. Tais ausências talvez pretendam universalizar o tema da cegueira branca e torná-lo acessível a qualquer leitor, de qualquer tempo ou de qualquer parte do mundo.

Esta característica da universalização provavelmente está ligada à atual questão da globalização, sobre a qual Stuart Hall, em seu estudo intitulado *A identidade cultural da pós-modernidade*, nos dá um bom panorama, mostrando a diferença entre os conceitos de espaço e lugar, estando neste último as nossas “raízes” e sendo o espaço algo que “pode ser ‘cruzado’ num piscar de olhos – por avião a jato, por fax ou por satélite”⁴⁸. Este encurtamento do espaço seria também o responsável pelo risco que as sociedades atuais sentem de perder suas tradições e identidades

culturais através da globalização. No romance de Saramago, essa perda de identidade não ocorre apenas no que se refere à identidade cultural, mas também à identidade pessoal, encontrando-se expressa pela ausência de nomes próprios e de referências de lugares, no sentido que Hall dá ao termo.

Shirley de Souza Gomes Carreira, em seu texto intitulado *O não-lugar da escritura: uma leitura de Ensaio sobre a cegueira de José Saramago*, nos mostra que a impossibilidade de se situar a história do romance naqueles três conceitos da historiografia (tempo, espaço e identidade) faz desta obra um retrato contundente da própria condição humana, o que nos remete à questão da essência humana abordada no capítulo anterior.

Entendemos que é através da ausência dos marcadores de tempo, espaço e de identidades que se dá no romance uma espécie de denúncia do estado deteriorado das relações sociais que, por sua vez, apontam para a também deteriorada essência humana, já que, para Marx, como vimos, esta última nada mais é do que o conjunto das relações sociais. Não admira que os personagens beirem constantemente o abismo existencial levado ao extremo pela vivência do caos, fazendo-os, inclusive, contemplar essa existência pendendo entre o humano e o animal:

Tão longe estamos do mundo que não tarda que comecemos a não saber quem somos, nem nos lembramos sequer de dizer-nos como nos chamamos, e para quê, para que iriam servir-nos os nomes, nenhum cão reconhece outro cão, ou se lhe dá a conhecer, pelos nomes que lhes foram postos, é pelo cheiro que identifica e se dá a identificar, nós aqui somos como uma outra raça de cães, conhecemo-nos pelo ladrar, pelo falar, o resto, feições, cor dos olhos, da pele, do cabelo, não conta, é como se não existisse, (...) ⁴⁹.

Se as relações sociais ficam aqui equiparadas a “relações animais”, se assim as podemos chamar, vemos que a essência humana se perde na velocidade vertiginosa deste mundo dito pós-moderno, retrocedendo a um estágio primitivo, próximo da

animalidade. Tal constatação configura-se como um tópico importante a ser explorado e, por essa razão, estas recorrentes equiparações entre o humano e o animal ao longo da obra terão um maior destaque no decorrer do presente estudo. Shirley Carreira, citando Marc Augé, nos mostra que este teórico,

analisa a relação do homem com o espaço, a questão da identidade e da coletividade. Ele designa <<não-lugar>> todos os dispositivos e métodos que visam à circulação de pessoas em oposição à noção sociológica de <<lugar>>, isto é, à idéia de uma cultura localizada no tempo e no espaço. A ausência de marcadores temporais e espaciais na narrativa e a própria cegueira das personagens reforçam a idéia do *não-lugar*. Todas as raízes, que marcam o lugar antropológico – que pretende ser identitário, relacional e histórico – são desfeitas⁵⁰.

Portanto, a substituição na obra de Saramago desse “lugar antropológico” pelo “não-lugar” de Augé, se daria pelo fato de os indivíduos serem levados a vivenciar situações-limite, nas quais se encontram privados das coisas mais básicas para se sentirem verdadeiramente humanos, o que os faz experimentar a animalidade e a barbárie que os conduz, então, à perda de qualquer referência do mundo anteriormente conhecido, ou seja, os conduz à vivência do “não-lugar”.

É importante observarmos o quanto o indivíduo do mundo atual encontra-se retratado nos personagens do *Ensaio sobre a cegueira*, que vivenciam esse “não-lugar” devido à “provisoriedade da subsistência (...), pela redução dos códigos de convivência social a um estado de barbárie, em que será preciso aprender a viver de novo, a construir novos parâmetros para a identidade e a relação”⁵¹.

Cabe aqui ressaltarmos que a “provisoriedade da subsistência” que gera a “redução dos códigos de convivência social a um estado de barbárie” nada mais é do que a realidade de milhares de pessoas em nosso mundo “moderno”. Todavia, é visível o desejo de José Saramago de vislumbrar uma sociedade igualitária neste seu romance, ainda que tendo de driblar o seu ceticismo no que diz respeito às práticas

sociais da fraternidade e da liberdade. Há uma interessante constatação de Shirley Carreira sobre o romance de Saramago flagrado em seu ímpeto igualitário: “A cegueira branca é descentralizadora; não privilegia classes”⁵². De fato, a cegueira branca - com a única exceção da mulher do médico - atinge a todos. No entanto, tal epidemia auxilia na recuperação de uma lucidez essencial para que uma sociedade mais justa e igualitária seja possível, ainda que apenas no plano ficcional, sendo, portanto, uma utopia. Neste sentido, porém, Teresa Cristina Cerdeira da Silva nos esclarece que “De certa maneira, *O Ensaio sobre a cegueira* de José Saramago está a apontar a sua crença de que, ainda hoje, tudo o que é sólido se desfaz no ar. Esta talvez seja a base utópica de toda reconstrução possível”⁵³. Sem dúvida alguma, não tem como haver uma “reconstrução possível” sem uma base utópica. E esta utopia de Saramago aponta de maneira certa para que este objetivo seja alcançado. Apesar de o romance terminar sem oferecer praticamente nenhuma pista do que haveria por vir, não há como não depreender esperança de seu desfecho:

A mulher do médico (...) foi à janela. Olhou para baixo, para a rua coberta de lixo, para as pessoas que gritavam e cantavam. Depois levantou a cabeça para o céu e viu-o todo branco, Chegou a minha vez [de cegar], pensou. O medo súbito fê-la baixar os olhos. A cidade ainda ali estava⁵⁴.

O próprio fato de a personagem não ter, afinal, perdido a visão, conforme seus temores a faziam crer, já traz consigo mesmo o sentido de esperança, apontando para a possibilidade de reconstrução. No entanto, a forma como esta reconstrução se dará não fica clara, pois o romance possui um final aberto.

Retornando à questão da ausência de marcadores temporais e espaciais, podemos notar na obra as tentativas de recuperação das identidades através da recuperação dos lugares, nas cenas em que os cegos conseguem encontrar suas

respectivas residências, ainda que com a ajuda da mulher do médico, única personagem que não cegou. Entretanto, tais “lugares” encontram-se devastados, saqueados, e, em alguns casos, ocupados por outros cegos, o que representa, naquele momento, a impossibilidade de resgate das identidades perdidas. Desta forma, os cegos não tinham outra opção senão reconstruírem novas identidades, novas formas de estarem no mundo. Valores como solidariedade e fraternidade precisariam ser resgatados, em busca de uma coerência que falta a um mundo cheio de tantas conquistas materiais e avanços tecnológicos, que se tornam repentinamente inúteis.

Sobre a tentativa dos personagens de resgatarem identidades através da tentativa de recuperação de suas antigas residências, ou dos lugares, Shirley Carreira nos mostra o seu enfoque: “no não-lugar, recompõem-se alguns lugares, até porque (...) são evocados pelos ritos da memória” e, assim, vemos que “o não-lugar nunca se realiza totalmente. (...) é impedido de existir de forma pura”⁵⁵. Assim, não apenas nas tentativas de recuperar as antigas residências, mas também na evocação dos “lugares” pelos “ritos da memória”, essa vivência angustiante da perda de referência do mundo anterior, ou seja, a vivência do “não-lugar”, não era plena, constante. Mais adiante, acrescenta que

Ao mesmo tempo em que as personagens evocam os lugares da memória, substitutos para o lugar antropológico do qual já não fazem parte, as citações e provérbios que entrecortam a narrativa são a evocação de lugares antropológicos diversos, dos quais o romance, em sua aparente ausência de espaço-temporalidade, não se afasta na realidade⁵⁶.

Entendemos, com isso, que o romance evoca em sua “aparente ausência de espaço-temporalidade”, ou seja, na própria forma em que se encontra estruturado, uma lógica dialética bem típica do autor, na qual o não-lugar nunca se realiza totalmente, tendo sempre evocado o lugar que, por sua vez, devido à cegueira, também não alcança sua plena realização e, desta forma, a oscilação entre lugar e não-

lugar ocorre até o final do romance, quando termina a epidemia e todos voltam a enxergar novamente.

Vale agora ressaltar os possíveis significados que podemos levantar sobre a cegueira branca na obra em questão. Quando Wanderley Codo nos mostra a importância de lutar contra o inimigo certo, referindo-se à questão de que a participação social mal direcionada poder levar justamente ao avesso do que se pretende reivindicar, podemos notar que, no romance, a cegueira de fato constitui uma luta contra o inimigo certo, já que representa uma arma voltada diretamente para a base de um sistema incoerente, que não dá mais conta de sustentar seu discurso sobre civilização, liberdade e democracia, mas que, ainda assim, insiste em vigorar, o que, no romance, torna-se despropositado e inútil a partir do momento em que todos cegam. Na inexistência de um partido revolucionário, como propôs Codo, somente o caos da cegueira branca poderia implodir a partir do cerne o sistema capitalista, cujo intuito é o de transformar tudo em mercadoria, até mesmo o próprio ser humano.

Assim, pretendemos pontuar nossa leitura da “cegueira branca” como uma forma de caos construtivo, ou seja, um caos que força a reconstrução do mundo regido pela cegueira da alienação geradora de passividade e inércia. Obviamente que a cegueira branca pode ser lida como um fator que assinala o sentido de cegueira-alienação que não permite a ação lúcida e a luta por um mundo melhor. Entretanto, é a partir de uma noção primeira do caos como uma espécie de destruição que leva à construção, ou de uma desordem que leva à ordem, que entendemos a cegueira branca. Já a cegueira-alienação, como veremos, é a última a ser constatada pelos personagens - mais especificamente pela mulher do médico - como um mal que sempre houve,

mesmo antes da “epidemia branca”, e que sempre gerou todos os males daquela sociedade ali retratada:

Vejo, diziam-na os que já tinham recuperado a vista, diziam-na os que de repente a recuperavam, Vejo, vejo, em verdade começa a parecer uma história doutro mundo aquela em que se disse, Estou cego. (...) Por que foi que cegamos, Não sei, talvez um dia se chegue a conhecer a razão, Queres que te diga o que penso, Diz, Penso que não cegamos, penso que estamos cegos, Cegos que vêem, Cegos que, vendo, não vêem⁵⁷.

A alienação (cegos que, vendo não vêem) detectada pela mulher do médico como a cegueira “que sempre houve” se contrapõe claramente neste trecho à cegueira branca que, depois que “já tinham recuperado a vista”, começou a “parecer uma história doutro mundo”. E o que nos chama a atenção aqui é a dificuldade que se anuncia no processo de recuperação da consciência lúcida, uma vez que temos a pergunta “Por que foi que cegamos”, seguida da resposta “Não sei, talvez um dia se chegue a conhecer a razão”. Mas claro fica que o primeiro passo para o resgate da lucidez eles deram, que foi o do reconhecimento da alienação. Teresa Cristina C. da Silva elucida esta questão da seguinte maneira:

Para que essa revelação se faça, para que a tomada de consciência precária, talvez, mas necessária, de saber-se cego aconteça, há que se exercitar o ritual filosófico platônico do *thauma*, esse espanto que desloca e permite a reviravolta do ser. (...) este *Ensaio sobre a cegueira* pode ser lido inversamente como um ensaio sobre a visão⁵⁸.

Para André Bueno, o *Ensaio sobre a cegueira* merece análise que o relacione com a época atual, em meio às crises de proporções mundiais, que deve ser tratada como crise global do capitalismo avançado:

(...), trata-se de pensar a experiência da condição humana no final do breve e extremo século XX, em termos de uma espécie de cegueira central do capitalismo, que se traduz numa contradição que parece insolúvel: um máximo de meios materiais, técnicos e culturais ao lado de um máximo de miséria e exclusão social⁵⁹.

Se assim pudermos nos expressar, esse uso “irracional da razão”, aquela mesma “razão” outrora venerada a partir de Descartes, e sem dúvida alguma relacionado à crise do capitalismo avançado, é consequência da cegueira-alienação. No romance, surge a cegueira branca apenas para detonar uma bomba que estouraria mais cedo ou mais tarde, sendo que, neste caso, o impacto é maior. As personagens não esperam pela epidemia branca, são pegas de surpresa e têm de vivenciar situações-limite, que as fazem beirar o abismo da humanidade. Tudo o que mais valorizavam, torna-se inútil. Podemos dizer que, no *Ensaio sobre a cegueira*, havia, a princípio, o que Bueno acima chamou de “máximo de meios materiais” em contraste com um “máximo de miséria e exclusão social”, até que, após o surto, todos vivenciam ao extremo somente o “máximo de miséria”, sem exceções.

Temos ainda a tratar no *Ensaio sobre a cegueira* o tema da perversidade que permeia as relações humanas como fonte das injustiças, principalmente nas cenas do manicômio - metonímia do estado totalitário do século XX - relacionadas à opressão imposta pelos cegos que faziam parte de um grupo violento e autoritário aos outros que também estavam confinados no espaço da exclusão, através da supressão dos direitos, da limitação da liberdade, da destruição das estruturas mentais:

(...) o procedimento criminoso dos cegos opressores, que preferem deixar que se estrague a comida a dá-la a quem dela tão precisado está, pois se é certo que alguns daqueles alimentos podem durar umas semanas sem perder a virtude, outros, em particular os que vêm cozinhados, se não são comidos logo, em pouco tempo estão azedos ou cobertos de bolores, portanto imprestáveis para seres humanos, se estes o são ainda⁶⁰.

Quando o narrador põe em dúvida o caráter humano dos indivíduos (“seres humanos, se estes ainda o são”), evidencia-se a barbárie. Trata-se daquele “treino da insensibilidade”, do qual falamos no último capítulo, levado a um extremo, quebrando qualquer código de convivência social que pudesse ter vigorado anteriormente,

trazendo à tona o lado cruel e perverso do ser, sufocando qualquer possibilidade de uma visão fraternal do outro. E em plena era moderna, de avanços tecnológicos, parece no mínimo incoerente haver o predomínio da barbárie, da crueldade e da perversidade humanas. Como nos diz Shirley Carreira,

A luta da mulher do médico para que os cegos da primeira camarata não se entreguem à barbárie não é uma apologia do passado, do ‘mundo civilizado’ que conheciam, (...), mas o contraponto que há de evidenciar os sentimentos, as modulações de sentido, que nortearão as relações entre os cegos a partir da quarentena – a longa jornada do aprendizado da visão⁶¹.

De fato, vemos na realidade que nos cerca que o “mundo civilizado”, “moderno”, “tecnológico”, “democrático”, não é capaz de se fazer coerente em seus objetivos, focalizando apenas lucros em detrimento da própria vida, já que a destruição do meio ambiente caminha a passos largos, o que leva inevitavelmente à perda da própria vida e, portanto, à perda do que deveria ser a principal razão de ser do lucro: a vida que permite usufruir o lucro.

Toda essa alta tecnologia do “mundo civilizado”, sabemos, nunca constituiu um bem comum a todos, mas apenas a uns poucos, os detentores de maior poder aquisitivo, o que certamente provoca a manifestação irônica de Saramago sobre aquele mundo capitalista, agora esvaziado pela cegueira de todos. E, neste sentido, é interessante observar novamente o caráter democrático da cegueira branca, já que, quando tais avanços, entre outros “bens” de uma elite, perdem totalmente seu valor, tornam-se coisas inúteis para todos, igualando os indivíduos na inacessibilidade às mesmas e promovendo uma espécie de justiça social às avessas:

A mulher do médico olhou em redor, o que ainda houvesse de aproveitável [de comida] estava a ser disputado no meio de socos e empurrões que não escolhiam entre amigos e adversários, sucedendo às vezes que o objeto da peleja se lhes escapava das mãos e jazia no chão, à espera que alguém viesse tropeçar nele⁶².

É doloroso para os leitores entrar em contato com o caos de forma agudizada no que se refere à invalidação não apenas dos bens materiais da moderna “civilização” urbana, mas também dos bens culturais: “Quanto aos museus, é uma autêntica dor de alma, de cortar o coração, toda aquela gente, gente, digo bem, todas aquelas pinturas, todas aquelas esculturas, sem terem diante de si uma pessoa a quem olhar”⁶³.

É interessante notar a maneira que o narrador nos mostra a relação da obra de arte com seu espectador. Não é este quem deveria observar a arte, mas a arte que não tem quem olhar, apontando para a humanização do objeto e para a reificação do homem no texto. Mas o que se faz mais expressivo no texto e representativo dessa intenção de desconstruir o homem capitalista são os trechos que mostram o destino dos bens materiais de um sistema que não se sustenta mais na nova realidade:

(...) agora seguem por uma extensa avenida, com altos e luxuosos edifícios de um lado e do outro. Os automóveis, aqui, são de preço, amplos e cômodos, por isso se vêem tantos cegos a dormir dentro deles, e a julgar pela aparência, uma enorme limusina foi mesmo transformada em residência permanente⁶⁴.

Mais adiante, temos a descrição, em fina ironia, da decadência do símbolo maior da modernização do sistema capitalista, os caixas eletrônicos, bem como do sistema bancário como um todo:

(...) não há que esquecer o pormenor das caixas automáticas, arrombadas e saqueadas até à última nota, no mostrador de algumas, enigmaticamente, apareceu uma mensagem de agradecimento por ter sido escolhido este banco, as máquinas são de facto estúpidas, se não seria mais exacto dizer que estas traíram os seus senhores, enfim, todo o sistema bancário se veio abaixo num sopro, como um castelo de cartas, e não porque a posse de dinheiro tivesse deixado de ser apreciada⁶⁵.

Vamos percebendo que aquele contexto insólito de toda uma cidade cegar gera situações que, a princípio, soam também insólitas. Aos poucos, no entanto, vamos

constatando, pasmos, que ali está a realidade que nos cerca: pessoas que vivem no completo abandono, muitas vezes se matando por comida nos lixões das grandes cidades, pessoas se matando por dinheiro (como vimos acima, ainda que com tudo invalidado pela cegueira, os cegos não deixaram de “apreciar” tal posse, saqueando bancos “até à última nota”, revelando a ganância desenfreada que chega ao completo despropósito e incoerência), milhares de pessoas pelo mundo sem acesso ao saneamento básico, vivendo em meio ao esgoto aberto, expondo-se a todo tipo de infecções e doenças, sem acesso ao mínimo necessário para se ter dignidade humana. E trazer tal realidade à tona de uma forma asfíxiante no espaço ficcional consiste, como temos visto, numa tentativa de, por meio de uma cegueira branca, iluminar, conscientizar ou “desalienar” não só os personagens, mas também os leitores.

Só a lucidez permite ao indivíduo identificar e “reparar” naquilo que o filósofo István Mészáros chama de “racionalização da insanidade”:

(...) ironia da humanidade é que conseguiu desenvolver instrumentos suficientes para manter-se, para que todos tenham o que comer, mas [ao invés disso] são usados para estimular a alienação, pois faz com que a população aceite esse paradoxo. A alienação leva à racionalização da insanidade, o que cria a ilusão de ser a ordem correta das coisas⁶⁶.

Trata-se mesmo daquele “treino de insensibilidade”, praticado inconscientemente, do qual falamos no capítulo anterior, que nos faz ver as coisas erradas, injustas, como certas. Assim, não podemos perder de vista o risco, do qual também já falamos, de que esse treino da insensibilidade, da indiferença, possa resultar no treino da crueldade que forma psicopatas, não só pelo fato de estes serem incapazes de conviver pacificamente como também de serem representantes do perigo e da constante ameaça à vida dos que o cercam.

Aos poucos, e de acordo com o grau de indiferença ou insensibilidade de cada leitor do *Ensaio sobre a cegueira*, vamos notando o fato de que é através da privação

extrema de tudo aquilo que dignifica o ser humano, que é possível questionar o sentido da existência e detectar que o que há, na verdade, é mais do que a privação das conquistas materiais. O que há, na verdade, é a privação do próprio sentido de ser humano, da própria essência humana: “Ao longo da rua (...) havia homens a aliviar a urgência matinal da bexiga, as mulheres preferiam o resguardo dos automóveis abandonados. Amolecidos pela chuva, os excrementos, aqui e além, alastravam na calçada”⁶⁷.

A descrição escatológica, feita pelo narrador com riqueza de detalhes e com muita objetividade, é capaz de causar no leitor uma forte náusea, sendo-nos quase possível sentir a atmosfera fétida das ruas labirínticas desta cidade imersa no caos:

O lixo das ruas, que parece ter-se duplicado desde ontem, os excrementos humanos, meio liquefeitos pela chuva violenta os de antes, pastosos ou diarréicos os que estão a ser eliminados agora mesmo por estes homens e estas mulheres enquanto vamos passando, saturam de fedor a atmosfera, como uma névoa densa através da qual só com grande esforço é possível avançar⁶⁸.

Não podemos deixar de observar a força da expressão “os excrementos humanos” cuja ambigüidade nos pareceu bastante esclarecedora da forma como o narrador vê os seres humanos, já que se pode ler “excrementos” tanto como produzido pelos humanos quanto como sendo os próprios humanos. E notamos também que há no trecho acima a inclusão do leitor na cena, juntamente com o narrador: “(...) enquanto vamos passando (...)”. Nesta inclusão, percebemos o convite do autor para uma aproximação máxima da degradação humana - onde o humano se reduz a excremento - e, assim, o narrador nos convida a “olhar”, a “ver”, a “reparar” essa realidade, que é a nossa, por meio da ficção.

Vemos que, a partir do momento em que os cegos vão para a quarentena, e mesmo depois de se libertarem desta, todo o tipo de limitação vem à tona, desde as

físicas até as de caráter moral e ético, colocando à prova a humanidade de cada um. O que garante a adaptação do ser humano a toda sorte de situação degradante é deixar “de ser pessoa” (como veremos no trecho abaixo), beirando a animalidade. Talvez essa seja outra justificativa para o fato de os personagens não possuírem nomes próprios no romance. Esta pode ser uma das formas de a narrativa mostrar o indivíduo no limite entre humano e desumano, do nominável e do inominável. Dar nomes às coisas e às pessoas consiste em uma capacidade essencialmente humana que se realiza através da linguagem, sendo os nomes próprios a forma não apenas de identificação, mas também de conferir dignidade ao indivíduo na comunidade em que está inserido. A não existência de nomes próprios sinaliza uma espécie de afastamento do humano ou a reificação das pessoas. Temos, então, seres diretamente relacionados aos seus objetos de uso pessoal, como a rapariga dos óculos escuros e o velho da venda preta, ou relacionados ao grau de parentesco, como a mãe do rapazinho estrábico, a mulher do primeiro cego e a mulher do médico, além dos designados de acordo com a ocupação, como o ladrão e o médico. Ademais, há uma cena presenciada pela mulher do médico que é bastante representativa desta questão do humano animalizado, cada vez mais desumanizado:

(...) uma matilha de cães devora um homem. (...) A mulher do médico desviou os olhos, mas era tarde de mais, o vômito subiu-lhe irresistível das entranhas, (...), como se o seu próprio corpo, ainda vivo, estivesse a ser sacudido por outros cães, **a matilha da desesperação absoluta**, aqui cheguei, quero morrer aqui⁶⁹.

A personagem vivencia de forma metafórica a náusea existencial que se manifesta fisicamente pelo vômito. Para Jean Paul Sartre, a náusea é o nome dado a tudo o que põe em dúvida o sentido da existência do homem. Sartre vai além de Descartes, por exemplo, cuja dúvida relacionava-se apenas às formas de conhecimento

humano. Lança mão da afirmação de Heidegger, segundo a qual a existência precede a essência, e desenvolve sua doutrina existencialista amplamente arraigada no valor atribuído ao indivíduo concreto. Em primeiro lugar está o existir. Logo, toda a possibilidade de determinação por uma essência anterior a esse existir é influenciada pelo próprio ato de existir.

Dentro desse enfoque existencialista levado a um extremo, a náusea é, portanto, a dúvida do sentido da existência humana em geral, e também do sentido do outro, de Deus, da história, da arte. E a cena acima referida reflete, ainda que de maneira mais extremada, uma náusea existencialista no tocante ao indivíduo enfocado de forma concreta e cruel, fazendo-nos lembrar do conceito do absurdo da existência humana evidenciado pelo narrador-personagem da novela sartriana *A náusea*, de 1937, como podemos observar nos trechos a seguir:

Éramos um amontoado de entes incômodos, estorvados por nós mesmos, não tínhamos a menor razão para estarmos ali, nem uns nem outros, cada ente confuso, vagamente inquieto, se sentia demais em relação aos outros. (...) E eu (...) também eu era demais. (...) Pensava vagamente em me suprimir, para aniquilar pelo menos uma dessas existências supérfluas. Mas até mesmo minha morte teria sido demais. Demais, meu cadáver, (...) eu era demais para a eternidade. A palavra ‘Absurdo’ surge agora sob minha caneta. (...) E sem nada formular nada claramente, compreendi que havia encontrado a chave da Existência, a chave de minhas Náuseas, de minha própria vida. De fato, tudo o que pude captar a seguir liga-se a esse absurdo fundamental⁷⁰.

(...) não foram necessários mais de três segundos para que todas as minhas esperanças fossem varridas⁷¹.

E mais adiante:

Não estava surpreso, bem sabia que aquilo era o Mundo, o Mundo inteiramente nu que se mostrava de repente, e sufocava de raiva desse ser grande e absurdo⁷².

Por essa razão, a mulher do médico - a única personagem imune à cegueira branca - tem evidenciada no texto, além de sua náusea, a sua completa indignação

perante o desumano: “(...) teria ela própria de cegar também para compreender que **uma pessoa se habitua a tudo, sobretudo se já deixou de ser pessoa, (...)**”⁷³.

Não podemos deixar de ver neste trecho do *Ensaio sobre a cegueira* uma clara alusão a essa náusea existencialista, que põe em dúvida o sentido da própria existência humana, levando, no caso do ensaio de Saramago, a mulher do médico a desejar a morte ou o fim da consciência do absurdo: “aqui cheguei, quero morrer aqui”⁷⁴. Como vimos, o personagem de *A náusea* rejeita o desejo de morte, por considerá-lo excessivo e transcendente, uma vez que opta pela imersão na contingência existencial.

Logo, para o existencialismo de Sartre os seres e as coisas existem simplesmente, sem ter finalidade alguma, não há essência nem sentido para absolutamente nada, sendo a vida, portanto, um grande absurdo de cuja consciência a náusea surge como expressão. Para Saramago, por sua vez, esta náusea, apesar de surgir também como expressão da consciência do absurdo, não está vinculada à idéia de que os seres e as coisas não tenham finalidade nem essência. Há aqui a grande diferença que separa esses dois grandes autores. Saramago, dando às suas obras um forte cunho materialista marxista, percorre os caminhos que levam ao resgate da essência humana, denunciando a perda de valores essencialmente humanos que vão sendo substituídos no mundo capitalista pelos valores materiais, de forma cada vez mais agressiva e voraz. Já o ateu Sartre, como nos mostra o filósofo Gerd Bornheim,

(...) continua ferrenho inimigo de qualquer forma de materialismo: sempre que se interpreta a história a partir da categoria do objeto, através, por exemplo, de leis econômicas, a subjetividade humana é abandonada, o homem é desfigurado. E contra esse perigo sempre iminente, faz-se necessário que se coloque na base da doutrina, como sua única razão de ser, o indivíduo concreto, a subjetividade individual, livre e consciente⁷⁵.

Como temos visto, então, a cegueira branca, levada ao extremo de sua exasperação, tem um aspecto positivo no que se refere à necessidade de desenvolver

no indivíduo outras formas de percepção da realidade que o cerca, através da apuração de todos os seus outros sentidos. Lembramo-nos aqui de palavras do próprio Saramago, em depoimento ao documentário *Janela da alma*, no qual afirma que para se conhecer algo devemos “dar-lhe a volta”, no sentido de conhecer-lhe todos os ângulos possíveis. A cegueira branca força o indivíduo a dar a volta ao redor de tudo para conhecer. Sob este enfoque, esta cegueira se contrapõe à cegueira-alienação, já que a primeira possui este aspecto de colaborar com a superação da segunda. Não podemos, contudo, deixar de observar que estes dois tipos de cegueira correspondem na ficção à alienação dos indivíduos do processo social e existencial, diferenciando-as neste sentido somente o fato de a cegueira branca ser uma forma de alienação tão extremada que chega mesmo a ser visível, forçando o indivíduo a se perceber alheio à realidade e à sua própria essência.

Voltando à questão sobre a equivalência entre humano e animal nos trechos anteriormente colocados, quando uma pessoa “já deixou de ser pessoa”, certamente pode estar associada à “matilha da desesperação absoluta”. É importante notar que o narrador retrata a imaginação da mulher do médico: “o seu próprio corpo (...) sacudido por outros cães”. Aqui podemos constatar que se seu corpo é sacudido por “outros” cães, é porque ela mesma é um cão. Diante da privação total de tudo o que caracteriza o humano, vê-se sendo devorada por outros que, como ela, deparam-se com o abismo da humanidade e não têm outra escolha a não ser se atirarem no vazio.

É curioso notar a presença simbólica do animal no texto e o papel a ele conferido. Faz-se necessária, neste sentido, uma análise do cão como elemento importante para a decifração de valiosos sentidos para a compreensão da obra.

Em uma primeira leitura, o “cão das lágrimas”, que surge como um doador de amparo afetivo, principalmente para a personagem acima referida, de quem lambe as lágrimas nos momentos mais difíceis, é, sem dúvida alguma, um dos raros personagens mais humanizados do *Ensaio sobre a Cegueira*:

Não há dúvida, está perdida. Deu uma volta, deu outra, já não reconhece nem as ruas nem os nomes delas, então, desesperada, deixou-se cair no chão sujíssimo, empapado de lama negra, e, vazia de forças, de todas as forças, desatou a chorar. Os cães rodearam-na, (...), **um deles lambe-lhe a cara**, talvez desde pequeno tenha sido habituado a **enxugar prantos**. A mulher toca-lhe na cabeça, passa-lhe a mão pelo lombo encharcado, e o resto das lágrimas chora-as abraçada a ele⁷⁶. (grifos nossos)

Já pelo nome, temos um ser designado por uma característica mais aproximada do humano do que os próprios humanos, já que o cão é “das lágrimas”. O velho, por sua vez, é o “da venda preta” e a rapariga é a “dos óculos escuros” – personagens caracterizados através de referências metonímicas que surgem como extensão dos próprios sujeitos. Ironicamente, nenhum personagem evidencia seu afeto de forma mais expressiva do que o cão das lágrimas. Ademais, é curioso notar com relação aos animais que aparecem no romance o fato de não constar em momento algum que os mesmos tenham sido acometidos da cegueira branca que contagiou os humanos. Ao contrário, há cenas em que estes são guiados por cães, evidenciando a “humanidade” dos animais, com maior capacidade de desenvolver a fraternidade e a solidariedade do que os seres humanos.

Como já havíamos constatado, o texto apresenta uma tendência a designar o objeto e o animal humanizados e os humanos reificados ou animalizados. No trecho acima, vemos que o cão é quem cerca a mulher em seu momento de desespero para praticar uma ação que caberia a um humano e não a um cão, a ação de “enxugar prantos”. Notemos aqui que o verbo “lamber”, que expressa uma ação mais típica dos animais, foi substituído pelo verbo “enxugar”, expressando uma ação mais típica dos

humanos. Neste sentido, a cegueira branca só era necessária aos seres humanos e não aos animais, já que estes possuíam o sentimento de solidariedade que falta no mundo dos humanos, dominado pelo desejo do “ter” em detrimento do “ser”, ou seja, um mundo de seres que perderam de vista aquilo que justifica sua humanidade, tendo perdido, assim, a própria essência.

Em uma leitura simbólica do cão, podemos recorrer ao *Dicionário de símbolos* de Chevalier e Gheerbrant e explorar seus possíveis significados: “A primeira função mítica do cão, universalmente atestada, é a de **psicopombo**, guia do homem na noite da morte, após ter sido seu companheiro no dia da vida”⁷⁷. No *Ensaio sobre a cegueira*, o caos social instaurado após a “cegueira branca” aproxima-se da “morte”, do fim, do mundo subterrâneo. O próprio cão, em sua simbologia ambivalente⁷⁸, introduz também a idéia de iniciação e de renovação, como apontará o final do romance. Além de “conhecer o mundo em que vivem os seres humanos”, o cão também se apresenta como “herói civilizador”, ligado à instauração de um novo ciclo.

No mais, no que concerne ao desencanto relacionado à condição humana que por vezes emerge na obra de José Saramago, André Bueno nos mostra que

(...) os relatos são de um ceticismo acentuado, embora matizado por vários momentos em que os personagens se humanizam em meio à desumanidade que os envolve e pressiona. (...) os relatos (...) permanecem no meio da crise, sem indicar qualquer saída, sugerindo um ceticismo aplicado à própria condição humana como uma mistura de medo, ruindade e indiferença. [Para Saramago] predominam amplamente a sociedade do espetáculo, a vida na caverna pós-moderna, as variações em torno da cegueira, a barbárie apontando os frágeis limites da civilização do dinheiro e da mercadoria, agravados pela intolerância religiosa, étnica e cultural. (...) esse desencanto é um resultado da crise, (...) fazendo da tradição revolucionária um campo cheio de escombros e ruínas⁷⁹.

Entretanto, não podemos afirmar que não haja a possibilidade de interpretar uma mensagem mais otimista, já que todos os males evidenciados no texto estão

associados à cegueira branca, e esta, ao final, é superada. A própria questão à qual nos deteremos a seguir, que é a da essência dialética do ser, a princípio dividido entre o bem e o mal, mas que termina por resolver-se em unidade, mostra que há a possibilidade de se interpretar uma espécie de resquício de crença no ser humano, nos valores da solidariedade e da fraternidade. Embora, como disse Bueno, na obra de Saramago “predominem amplamente a sociedade do espetáculo, a vida na caverna pós-moderna, as variações em torno da cegueira, a barbárie”, percebemos que esse desencanto do autor consiste em um “resultado da crise”. Assim, ele nos afirma que, embora haja um forte ceticismo, há também no texto “vários momentos em que os personagens se humanizam em meio à desumanidade que os envolve e pressiona”.

Teresa C. Cerdeira nos mostra que

Esses cegos chegaram ao fundo do poço de onde puderam ver surgir suas fraquezas, sua arrogância, sua intolerância, sua impaciência, sua violência, a monstruosidade dos universos concentracionários. Mas assistiram também à sua própria força, à sua solidariedade, à sua generosidade, ao seu espírito revolucionário e à revisão de seus próprios preconceitos⁸⁰.

Podemos constatar, através da elaboração ficcional de Saramago, que os personagens deste ensaio demonstram ser possível irromper em um mesmo indivíduo seu lado bom (força, solidariedade, generosidade, espírito revolucionário, revisão dos preconceitos) e também seu lado mal (fraquezas, arrogância, intolerância, impaciência, violência, monstruosidade). Na verdade, o julgamento do que é humano ou desumano, do que é bem ou mal, do que é positivo ou negativo no ser humano consiste em uma tarefa bastante complexa. Há tênues fronteiras em tudo na vida real, assim como na ficção, como veremos. Vivemos em uma sociedade de formação judaico-cristã, com predominância dos valores cristãos, norteados por uma visão maniqueísta do mundo, havendo sempre o bem e o mal, o bom e o mau, o solidário e o

perverso, o pacífico e o violento, o pecado e o perdão, e assim por diante. Não somos capazes sequer de cogitar a hipótese de um mesmo indivíduo ser capaz de algo terrível ao mesmo tempo em que é capaz de algo maravilhoso. E remetemo-nos aqui às cenas iniciais do *Evangelho segundo Jesus Cristo*, nas quais temos do narrador uma descrição bastante generosa do “mau ladrão” da conhecida cena bíblica da crucificação em contraste com a descrição não tão generosa do “bom ladrão”. Outro exemplo, e do próprio *Ensaio sobre a cegueira*, é a mulher do médico que, apesar de ser solidária, amparando e guiando um grupo de cegos até as últimas linhas do romance, em um determinado momento, deixa vir à tona toda a sua violência e mata a tesouradas o chefe dos cegos “maus”:

São eles, pensou, e virou-se rapidamente com a tesoura pronta. (...) As mulheres (...) tinham vindo a gritar (...), que uma mulher tinha morto à facada o chefe dos malvados, que houvera tiros, (...). Agora estamos livres, eles sabem que o que os espera se quiserem outra vez servir-se de nós, Vai haver luta, guerra, Os cegos estão sempre em guerra, sempre estiveram em guerra, Tornarás a matar, Se tiver de ser, dessa cegueira já não me livrarei⁸¹.

O ato de matar o outro revela a única forma possível de preservar a dignidade humana, de fazer justiça e de tentar eliminar o terror e o caos. O que impulsiona a mulher do médico é um sentimento ético e político, que busca eliminar a exploração e a dominação do homem em relação ao outro. Essa personagem feminina deseja devolver ao outro com quem convive, em condições adversas e arbitrarias, a liberdade. Pretende, desta forma, contribuir com a eliminação da alienação, com a submissão a um outro, com a servidão e a perda de autonomia. Apesar de haver este atenuante da autodefesa e da luta por libertação, não podemos, no entanto, negar que a personagem tenha seu lado violento e que tenha necessitado acessá-lo em determinado momento.

Há vários aspectos muito interessantes no trecho citado. O narrador, ao transmitir a fala de um personagem, mostra-nos que se há o chefe “dos malvados” é porque certamente há também os bons, evidenciando uma visão maniqueísta do ser humano. Da mesma maneira, no discurso da mulher do médico, temos a afirmação de que ela, se preciso for, tornará a matar, a lutar, a guerrear, para citar apenas os termos por ela usados para expressar a violência de que se encontra disposta a lançar mão, ainda que em busca do contraditório à violência, que é a paz. Vemos assim que a violência não é algo que “repentinamente” surgiu nela, graças aos estímulos externos, mas é algo que sempre houve em seu interior e, na vivência de uma situação-limite, precisou acessar para garantir a sobrevivência não apenas de seu corpo, mas também de sua dignidade. Não se trata de um ato violento apenas para salvar a própria pele, mas também a de todo um grupo de mulheres, freqüentemente violentadas e estupradas, além de submetidas ao terror psicológico. Assassinar a tesouradas um indivíduo, por mais odioso que este seja, não deixa de ser um ato perverso e violento que, no entanto, traz em si mesmo o aspecto da generosidade e da solidariedade como salvação. A natureza humana é por demais complexa para a reduzirmos a uma simples visão maniqueísta do ser. Temos, portanto, em uma mesma ação os seus dois lados dialéticos, contraditórios, porém complementares, ação esta provinda de uma personagem na qual apenas a “bondade”, a “generosidade” e a “solidariedade” costumavam estar mais destacadas em sua atuação social. Neste mesmo sentido, cabe aqui ressaltar que o lado “malvado” dos cegos violadores não veio à tona somente após a cegueira, mas sempre houve e, pelo visto, predominando sobre o lado bom mesmo antes da cegueira, já que eram tão organizados em suas ações criminosas, tendo até mesmo entrado para o prédio da quarentena armados.

No trecho citado há, ainda, a afirmação de que “Os cegos estão sempre em guerra, sempre estiveram em guerra” e, assim, vemos, portanto, a guerra associada à cegueira-alienação, que sempre houve, mesmo antes da inédita ou inusitada cegueira branca que passa a acometê-los. E para reiterar tal constatação, vemos logo em seguida a mulher do médico acrescentar que “Se tiver de ser [se tiver de matar], dessa cegueira já não me livrarei”, o que remete ao sentido de obscuridade da consciência, do ato de violência praticado e que a marcará para sempre, a uma determinada cegueira (“essa”) que revelará a outra face se seu ser.

É curioso, entretanto, observar, no ensaio, a sutileza da expressão o “mal branco” como sendo um termo “dialético” por conter duas palavras de sentidos aparentemente opostos, já que a cor branca, no imaginário coletivo, dificilmente seria associada a “mal”. “Branco”, ao contrário, nos remete à idéia de claridade, de luz, ou, de acordo com o que já dissemos anteriormente, de lucidez. É, portanto, “mal” porque desencadeia um verdadeiro caos na cidade, mas é “branco” não apenas porque leva a ver tudo branco, como um “mar de leite”, mas também porque leva à claridade, à luz, à lucidez, como poderemos constatar mais adiante.

Singular, também, torna-se a expressão “mar de leite”, uma vez que o “mar” simboliza a dinâmica da vida, o lugar dos nascimentos, das transformações e dos renascimentos; “o estado transitório entre as possibilidades ainda informes às realidades configuradas, uma situação de ambivalência, que é a de incerteza, de dúvida, de indecisão, e que pode se concluir bem ou mal”. “Leite”, por sua vez, parece-nos apontar uma analogia com a brancura e com aquilo que possibilita “alimentar” uma transformação, propiciar a sobrevivência futura do sujeito⁸².

Recorrendo, ainda, ao *Dicionário de símbolos*, vemos que há uma ambivalência que caracteriza o “branco”, significando “ora a ausência, ora a soma das cores. Assim, coloca-se às vezes no início e, outras vezes, no término da vida diurna e do mundo manifesto, o que lhe confere um valor ideal”⁸³. Em nossa leitura, temos visto que, de igual forma, a cegueira branca assume, por um lado, o papel negativo de privar os indivíduos de um dos principais sentidos, que é o da visão, e, por outro lado, através das privações, a cegueira branca possibilita que se “enxergue” outros valores mais solidários e fraternos. Mais adiante, o mesmo dicionário nos informa que o “branco”,

é uma cor de **passagem** (...) e é justamente a cor privilegiada desses ritos, através dos quais se operam a mutação do ser, segundo o esquema clássico de toda iniciação: morte e renascimento. (...) Conduz à ausência, ao vazio noturno, ao desaparecimento da consciência e das cores diurnas⁸⁴.

Como vimos acima, o caos social instaurado após a epidemia branca leva os indivíduos a aproximarem-se da idéia de situação-limite, de “morte”, de fim, que gera a reviravolta tão necessária à recuperação da essência humana. Logo, remete-nos à simbologia do branco associada à “passagem”, mais especificamente à “mutação do ser”, já que há “morte [da visão] e renascimento [não apenas recuperação da visão ao final do romance, mas também da consciência lúcida]”. A princípio, a cegueira branca realmente “conduz à ausência, ao vazio noturno, ao desaparecimento da consciência e das cores diurnas” para, em seguida, levar à recuperação das mesmas. De fato, há um caráter ambivalente na simbologia da cor branca, como havia também na simbologia do cão. Por enquanto, precisamos apenas esclarecer que a cegueira branca não é a causa do surgimento do lado mau no ser humano, ela apenas agudiza os dois lados do ser humano, trazendo à tona tanto a solidariedade quanto a perversidade humanas,

restando a cada indivíduo a possibilidade de enfatizar mais um lado do que outro, ou, ainda, coexistir com os dois, sim, ao mesmo tempo.

Claro está que as cenas que predominam no romance são aquelas que ressaltam as privações, a imundície, a lama, a podridão, tanto da cidade quanto das pessoas. Porém, há também as cenas em que as pessoas aparecem ajudando umas às outras, revelando essa dialética característica do ser, como a cena em que a mulher do médico presencia a generosidade humana quando vai ao mercado em busca de comida:

Um cego levantou-se do chão a queixar-se, um caco de garrafa tinha-se-lhe espetado num joelho, o sangue corria-lhe já pela perna. Os cegos do grupo rodearam-no, Que foi, que foi e ele disse, Um vidro, no joelho, Qual, O esquerdo, uma das cegas agachou-se, Cuidado, (...), apalpou para distinguir uma perna da outra, Cá está, disse, ainda o tens espetado, (...). Fazendo pinça com o polegar e o indicador, (...), extraiu o vidro, depois atou o joelho com um trapo que rebuscou no saco que trazia ao ombro, (...)⁸⁵.

Faz-se agora necessário atentar para uma questão de fundamental importância no *Ensaio sobre a cegueira*. Trata-se da atuação do feminino, principalmente através da figura mais marcante do romance: a mulher do médico. Como ignorar uma personagem que, sendo aparentemente apenas a esposa de um oftalmologista, tenha sido a única a não cegar quando toda a cidade se contagia com a cegueira branca? Neste caso, a intrigante pergunta que nos fazemos logo de início é por que o escolhido pelo autor para não cegar não foi justamente o oftalmologista, que é um especialista no órgão da visão? Ou até mesmo outro personagem qualquer? Por que justamente uma mulher? (e notemos bem que não se trata de uma mulher qualquer, mas da mulher do oftalmologista). Quando todos vão cegando, sentimo-nos compelidos a crer que ela foi a única que deu sorte, quando, de fato, ela foi a personagem que vivenciou mais intensamente todo o horror, pois teve em suas mãos a maior das

responsabilidades: “a de ter olhos quando os outros os perderam”. A própria personagem nos fala sobre sua vivência: “(...), é que vocês não sabem, não o podem saber, o que é ter olhos num mundo de cegos, não sou rainha, não, sou simplesmente **a que nasceu para ver o horror, vocês sentem-no, eu sinto-o e vejo-o**”⁸⁶.

Talvez a mulher do médico seja, na imaginação do autor, o exemplo mais perfeito de visão lúcida, “desalienada”, pois integra o ver e o sentir. Mas há que se considerar o fato de ter sido uma mulher e, justamente esposa de um oftalmologista, e não o próprio oftalmologista, a pessoa eleita para cumprir a missão de não cegar e de conduzir. Para libertar as pessoas que a cercavam da opressão chega até mesmo a cometer um crime, ao assassinar, violentamente, o chefe dos cegos. E provavelmente foi por essa razão que ela foi a primeira a “reparar” - conforme o “conselho” da epígrafe - a realidade que sempre os cercou, concluindo, assim, o resgate da lucidez.

Certamente, tal fato se deu para evidenciar a importância fundamental da atuação do feminino na condução das mudanças essenciais não apenas no espaço ficcional, mas também na História, sempre tão vinculada à atuação masculina. Teresa Cristina Cerdeira da Silva, em seu texto *O avesso do bordado*, vai mais além e elucida muito bem esse fato: “A opção pelo feminino, (...), aponta, em José Saramago, para um sentido mais radical do processo revolucionário, lá onde a questão ideológica ou política é ultrapassada para se chegar a rasurar um modelo cultural de raízes patriarcais”⁸⁷.

Com relação à mulher do médico, não podemos deixar de observar que, dentro do espaço ficcional, e em “terra de cegos”, ela é a única capaz de relatar ao escritor - que encontrou ocupando a casa do primeiro cego - tudo aquilo que viu e sentiu, dando uma dimensão mais ampla acerca dessa epidemia da cegueira. Não é à

toa que surge o personagem do escritor no percurso desse grupo de cegos protagonistas. Ao entrarmos em contato com esta cena, somos tentados a deduzir que ele talvez deixe registrado para a posteridade o seu ensaio sobre a epidemia de cegueira branca que leva a ver melhor as coisas do mundo e da vida. E, assim, é possível entrevermos a hipótese de este escritor-personagem do *Ensaio sobre a cegueira* deixar para as futuras gerações um “ensaio sobre a lucidez”.

Há que se atentar, desta forma, para a importância desta personagem feminina, a única que não cega e que é justamente uma mulher. A mulher que guia, que conduz à iluminação. É ela quem possibilita a travessia da cegueira rumo à lucidez, não somente pelo fato de guiar um grupo, mas também pelo fato de ser a primeira que, ao final do romance, “olha”, “vê”, “repara” a alienação a que sempre estiveram submetidos, alcançando assim a percepção luminosa que liberta e propicia o resgate da lucidez. Observa-se, desta forma, a *mise-en-scène* do eu feminino no tempo das solidariedades ameaçadas.

Podemos, para finalizar este capítulo, tornar a afirmar que há uma travessia não apenas dos personagens, mas também a dos leitores da obra no sentido de “reparar” o mundo caótico ao nosso redor, bem como a nossa própria sede de coerência, justiça social e paz. Caímos em um turbilhão de sentimentos de perda, de vazio, de desespero e, por fim, de iluminação, ao acompanhar um “mundo” ficcional no qual tudo o que havia de sólido, desfaz-se no ar, subitamente. E diante apenas de ruínas, ao longo de nosso doloroso percurso, vamos nos dando conta de que, afinal, a desconstrução era necessária para que se desse lugar ao resgate de algo que valia mais que qualquer conquista aparentemente “civilizada”. Referimo-nos aqui não apenas à recuperação da lucidez, mas também àquilo que, claro está, sem a lucidez, jamais se

pode alcançar, já que se encontra há muito tempo amordaçada nos subterrâneos do homem por um sistema que, por meio do treino da insensibilidade e da indiferença, desumaniza ou animaliza. Referimo-nos, sobretudo, ao resgate da essência humana ou das características humanas que justificam o título dado aos indivíduos de “seres racionais”. Uma única mulher não ter cegado em ‘terra de cegos’ constitui obviamente uma grande incoerência da ficção, incoerência esta que, no entanto, é mais justificável do que as incoerências do ‘mundo moderno’. Em tempos de altos avanços tecnológicos e científicos, temos, além da miséria de uma maioria, solidariedades ameaçadas e barbárie. A lucidez parece estar sempre sendo vencida pela cegueira.

4. BREVE PANORAMA DA AÇÃO LÚCIDA NO MUNDO ATUAL

Pretendemos esclarecer aqui o sentido daquilo que chamamos de *ação lúcida*. Contrapondo-se à alienação, propomos o termo “ação lúcida” para designar toda e qualquer atitude advinda da consciência crítica e questionadora que se exercita por meio da constante observação da realidade, gerando o olhar que, como nos disse Saramago, “olha”, “vê”, “repara”. E, através desse olhar lúcido, o indivíduo é capaz de agir no sentido de contestar, propor e exigir alternativas, transformando a realidade. Acreditamos ser este breve panorama sobre a lucidez no mundo atual - bem como o capítulo II, sobre os conceitos de alienação humana - necessários para conseguirmos entender melhor não somente o caminho da cegueira à lucidez, tanto na realidade quanto na ficção, como também a nítida visualização dos pré-requisitos necessários para que se efetive o resgate da essência humana ou dos aspectos que caracterizam a “humanidade” dos indivíduos. Sem dúvida alguma, nossa análise do *Ensaio sobre a lucidez* estará mais facilitada pela compreensão dessa trajetória que vai do “olhar” ao “reparar”.

Assim, cremos também que, de acordo com a epígrafe do *Ensaio sobre a cegueira*, o olhar lúcido, o “reparar”, esteja diretamente associado a um “ver” que integra em si o “sentir”. Há a necessidade de resgatar algo que ficou perdido no culto à razão iniciado no século XVIII com o Iluminismo, tendo se acentuado ao longo do século XIX, época, aliás, em que Nietzsche, em sua crítica à ação racional imposta ao mundo ocidental pelos gregos, pôde detectar a falta de uma consciência humana revestida de intuição e instinto. Para o autor, o que o homem ocidental até então conseguiu construir a partir da razão foi, na verdade, uma “falsa consciência”: “Acreditando já possuir a consciência, os homens pouco se esforçaram por adquiri-la; e

ainda hoje não é diferente! Trata-se ainda de uma tarefa eminentemente atual, que o olho humano começa apenas a entrever: de se incorporar o saber tornando-o instintivo no homem”⁸⁸. cremos ter aqui a consciência como algo que não deve ser só o saber ligado à razão, ou o saber “intelectualizado”, mas um saber “sentido”, um saber inerente à intuição humana.

Pensamos que, recuperada a visão que integra o “ver” e o “sentir”, principalmente pelas pessoas pressionadas pela miséria e a total falta de perspectivas, emergirá uma maioria esmagadora, antes inerte e alienada, que certamente partirá para uma ação lúcida que poderá, enfim, tomar as proporções de uma verdadeira revolução. E nos “ensaios” de Saramago, este percurso da tomada de consciência (*Ensaio sobre a cegueira*) à ação lúcida (*Ensaio sobre a lucidez*), como vimos, ocorre também devido à total falta de horizontes, a uma total privação vivenciada pelos personagens, que passam, então, à organização de um movimento extremamente lúcido pelo voto em branco: “(...) usando o símbolo máximo da democracia - o voto -, os eleitores parecem questionar profundamente o sistema governamental em seu país”⁸⁹.

Pretendemos que este capítulo seja apenas um breve resumo dos fatos atuais mais significativos, enfocando principalmente o Brasil, já que se trata de uma realidade que retrata questões comuns à maioria dos países regidos pelo atual sistema do neo-liberalismo (naturalmente com algumas particularidades e variações), realidade esta cujas principais características podem ser facilmente constatadas nos dois romances-ensaios aqui enfocados. Assim, decidimos estabelecer uma ponte entre realidade e ficção para que possamos reconhecer que certos fatos fictícios aparentemente insólitos podem estar mais próximos de nossa realidade do que imaginamos. E com relação ao real, podemos aqui citar um fato ocorrido recentemente, o qual a mídia veiculou de

maneira bastante deturpada. Um grupo de manifestantes do MLST (Movimento de Libertação dos Sem Terra) completamente tomados por uma revolta extrema e reclamando ouvidos que os escutassem, invadem a Câmara dos Deputados, em Brasília, com atos violentos, carregados do ódio advindo da exclusão social. Como era de se esperar, a falta de horizontes destes manifestantes perante um governo que apenas promete e negocia, mas jamais realiza as reformas necessárias, foi ignorada. A opinião pública, maquiavelicamente manipulada, vocifera contra o movimento. E este fato real não está longe de parecer com o ficcional do *Ensaio sobre a lucidez*, no qual veremos um povo duramente reprimido pelo simples fato de ter votado maciçamente em branco, manifestando, assim, sua insatisfação com o governo. A cidade dos chamados “brancos” é isolada, cercada pelas forças armadas e até mesmo submetida às ações terroristas por parte do próprio governo, como a explosão no metrô da cidade.

A manifestação em Brasília, acima referida, da qual a mídia insiste em ignorar a verdadeira causa, expressa uma movimentação popular que vem avançando não apenas no Brasil, mas em todo o mundo. São vários os atuais exemplos que comprovam o fato de que germina esse olhar que rompe com a cegueira da indiferença e que “repara”.

No Chile, temos as constantes manifestações estudantis pelo passe livre nos transportes, entre outras reivindicações do povo. Na Argentina, temos grandes conflitos gerados por violentas manifestações populares causadas pela sucessão de governos elitistas e corruptos. Na Bolívia, assistimos a um imenso aglomerado de pessoas - em sua maioria indígena - tomando as ruas em apoio ao primeiro presidente vindo do povo, e, portanto, também índio, o qual se elegeu com a promessa de realizar as reformas tão essenciais para superar a pobreza, bem como as injustiças e explorações sofridas pela população ao longo dos séculos. No México, apesar da recente vitória de um presidente

conservador, vemos crescer, paralelamente a esta elite que domina o país, o EZLN (Exército Zapatista de Libertação Nacional), o qual tem por objetivo derrotar o neo-imperialismo norte-americano e implantar uma verdadeira democracia por meio do socialismo. Na Colômbia, apesar de haver um governo totalmente submisso às demandas estadunidenses, temos as FARCS (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia). Enfim, vamos notando uma resistência crescente por parte de um povo que já não suporta mais a exploração e a privação de direitos básicos, e que toma dimensões cada vez maiores. Para não nos estendermos muito, lembraremos aqui também as manifestações populares ocorridas em vários países da Europa, tendo como exemplo mais extremo os atos de revolta e violência na capital francesa, gerados também pela falta de perspectiva de um povo que não consegue mais permanecer calado por muito tempo, apesar de todas as “fortes ondas” alienantes que, como vimos anteriormente, constituem os principais mecanismos de manutenção do sistema capitalista.

Assim, vemos que, em todo o mundo, há focos de resistência por parte dos excluídos que, excessivamente privados do que é básico para se alcançar uma existência digna em sociedade, revoltam-se e se rebelam por não admitirem em suas vidas essa tênue fronteira entre humanidade e animalidade, a qual nos foi possível detectar no *Ensaio sobre a cegueira*. E, neste sentido, acabam por romper com a cegueira, chegando à lucidez por meio de atos muitas vezes violentos devido ao ódio gerado pela visão cruel da realidade a que sempre foram submetidos. Mas o *Ensaio sobre a lucidez*, como veremos, apresenta uma manifestação mais que pacífica, chegando a ser mesmo silenciosa, e que, no entanto, é altamente eficaz com relação ao abalo nas estruturas do poder elitista estabelecido.

Se no plano ficcional Saramago nos aponta para um nítido caminhar da cegueira à lucidez, mais uma vez no plano do real, Hugo Rafael Chávez Frías, presidente da Venezuela desde 1999, mostra-nos como se deu sua trajetória de uma condição mais “alienada” rumo a uma das ações mais lúcidas que se têm operado na América Latina nos últimos tempos. Em entrevista ao programa “Roda Viva” da TV Cultura, o presidente venezuelano diz o seguinte a um jornalista representante de um tipo de mídia conservadora, quando este o acusou de “agudizar a polarização entre elite e povo” em seu país:

Eu era um soldado. (...) Tinha minha mulher e três filhos pequenos,(...) minha casinha, (...) eu gostava de cantar, dançar, fim de semana, praia, um rapaz normal... **até que eu comecei a ver a verdade: um povo pobre, explorado, que quando saía a protestar, vinham os soldados para detê-los.** Eu liderei uma rebelião da Juventude Militar Venezuelana. (...) Fui para a prisão (...) e dois anos e meio [depois] (...) ganhei as eleições. [A elite, então, tenta conseguir cargos nos ministérios e isenções de impostos. Chávez nega a todos estes pedidos que, como seria de se esperar, vinham seguidos de várias promessas e propostas ‘imperdíveis’]. E vem um emissário deles e diz: ‘se você não der um passo atrás, vem um golpe’. [Ao que Chávez responde:] ‘Venham então atrás de mim, porque eu prefiro morrer a ter que trair o povo’. Essa é a verdade da Venezuela⁹⁰.

Não se deixar corromper, enfrentar ameaças e governar para o povo é uma atitude consciente, coerente com esse ator social que visa suprir as cruéis desigualdades sociais em seu país. E essa ação adveio da consciência, da lucidez, do “reparar” (“até que eu comecei a ver a verdade”). Procurando colocar em prática o sentido etimológico da palavra democracia, consegue impor limites não apenas à elite histórica de seu país como também às explorações desenfreadas dos Estados Unidos da América.

Apesar de haver os países que optam pela submissão às elites nacionais e/ou internacionais e se curvam diante das demandas de países imperialistas, não há como negar a crescente organização dos povos excluídos deste sistema, já nitidamente desgastado em todo o mundo. Como exemplo ficcional, tirado deste segundo “ensaio”

de Saramago, o da lucidez, tal organização se dá pela maciça votação em branco, o que, a despeito do silêncio que a caracteriza, não deixa de constituir, ainda e fundamentalmente, uma manifestação pacífica.

Sabemos que, a partir da II Guerra Mundial, os Estados Unidos tornaram-se potência mundial. Desde então, vêm literalmente guerreando para manter este *status*, tendo sido capazes até mesmo de financiar as cruéis ditaduras que ocorreram na América do Sul, o que, obviamente, nos aponta para o comando que sempre tiveram sobre tais países. E, findo o horror da ditadura militar, surge o discurso que vigora até os dias do hoje, que é o da necessidade de se manter a “democracia”. Como vimos, contudo, tal conceito já se encontra bastante deturpado pelo capitalismo voraz. Chama-se de democracia o que é, na verdade, imposição da miséria que sustenta impérios. Trata-se de uma estratégia de se afirmar com veemência uma mentira até que esta se torne verdade, com base na alienação das pessoas. Para se deixarem convencer e para permanecerem acomodados com as coisas do jeito que estão, os indivíduos precisam estar mergulhados no profundo transe de alienação. Esta é a estratégia de domínio dos Estados Unidos, bem como das chamadas “transnacionais”, para conseguirem matéria-prima quase de graça, e, com a busca dos povos empobrecidos pelo chamado *american way of life*, conseguem também barata a mão-de-obra que sustenta este “neo-império”.

Richard Peet, geógrafo de uma Universidade americana, citado no capítulo II, nos mostra que o imperialismo americano tem dois lados:

Em primeiro, o neoconservadorismo, que é uma corrente de pensamento segundo a qual os Estados Unidos são a expressão máxima da liberdade, da democracia e da felicidade. Guerras são defendidas como um meio solidário para que outros países tenham acesso ao sonho estadunidense. É uma reversão teórica em todos os sentidos, pois se justifica o inaceitável como se fosse o bem para todos. (...) os Estados Unidos não são uma democracia. Eleições são vendidas e compradas. Cada pleito custa quatro

bilhões de dólares, principalmente gastos em propaganda. (...) não é uma democracia, é um grande mercado para os ricos. Em segundo, tem o lado do neoliberalismo, que defende que a economia estadunidense, perfeita e livre, deve ser expandida para todos os países. O mercado deve dominar a sociedade, o Estado tem que cair fora, privatizar as empresas públicas e garantir o funcionamento de instituições financeiras. Tudo isso (...) é para garantir a entrada de investidores internacionais nos países, para que acumulem quanto dinheiro quiserem. Na lógica [deles] (...), o Brasil não passa de uma oportunidade para fazer dinheiro. O governo estadunidense não liga para o povo brasileiro. O mundo é visto como uma oportunidade para conseguir mais lucro⁹¹.

Estas palavras de Peet mostram que o que há, de fato, não são governos de determinados países, mas a viabilização, por meio de negociações financeiras, de altos lucros para alguns grupos econômicos. Neste sentido, vemos aqui tomando forma, talvez, o ponto de partida de Saramago para as questões enfocadas em *Ensaio sobre a lucidez*, já que nesta obra o que se configura a nós leitores é uma população que não consegue aceitar a presença de uma instância governante, incapaz de desvincular-se deste ímpeto neo-liberal, que funciona apenas visando aos interesses de alguns grupos, perdendo, assim, o sentido de nação, que, por sua vez, leva ao desprezo pelo povo e suas necessidades. Vamos notando, ao contrário, a lucratividade cada vez mais ceder espaço à solidariedade entre os personagens. Com relação a este sistema em que vivemos, em *Janela da alma*, José Saramago nos mostra que:

(...) já é tempo de dizer, vivemos sob uma ditadura econômica, é que nós, antes, quando se falava em ditadura, a gente sabia o que era... era uma ditadura política, muitas vezes uma ditadura militar... portanto, a gente via... eram os militares mal-encarados, que, enfim, prendiam, torturavam(...), e não percebemos que a ditadura mudou. A ditadura já não precisa de militares mal-encarados, já não precisa de políticos corruptos, já não precisa de batalhões da morte, ainda os usa o que lá *está*, mas (...) já não precisa disso, a ditadura hoje é econômica! (...) poderia-se chamar também de “capitalismo autoritário”. (...) Alguém acredita que os políticos (...) mandam alguma coisa?! Aparentemente sim, fazem leis, estabelecem impostos, enfim, parece que mandam. Não. Não mandam! Quem manda é o capital. Alguma vez a Coca-Cola precisou se apresentar às eleições num país qualquer para dizer “o nosso problema político é este, nossos candidatos são esses, votem em nós?” Não, não precisa... porque ela é quem manda... e quem diz a Coca-Cola, diz a General Motors ou diz as transnacionais que estão por aí, que efetivamente são aquelas que nos

governam. Veja-se como funcionam as universidades, por exemplo. Hoje estão aí para fazer aquilo que as empresas necessitam. A empresa diz “necessitamos técnicos disto e daquilo e daquil’outro” e a universidade prepara! A universidade não tem ou deixou de ter ou vai tendo cada vez menos, um critério próprio sobre a formação dos jovens que entram lá dentro... está dependente daquilo que a sociedade, não em geral, mas o setor dela, que é o empresariado, lhe peça, lhe reclama e exige!⁹².

Vemos, assim, que o objetivo deste sistema econômico em que vivemos é apenas o de alcançar a maior lucratividade possível, e, não somente por meio da exploração do homem pelo homem, mas também pela destruição da natureza.

Leonardo Boff, em seu livro intitulado *Ecologia: grito da terra, grito dos pobres* denuncia que:

Hoje a Terra se encontra em fase avançada de exaustão e o trabalho e a criatividade, por causa da revolução tecnológica, da informatização e da robotização, são dispensados e os trabalhadores excluídos até do exército de reserva do trabalho explorado. Ambos, terra e trabalhador, estão feridos e sangram perigosamente⁹³.

Boff nos mostra o quanto a ética da sociedade capitalista é utilitarista e egocêntrica na medida em que ignora a real necessidade e o desejo dos sujeitos nela inseridos, visando apenas à exploração abusiva dos mesmos. E conclui afirmando que ético seria a criação de limites para os desejos humanos (mais especificamente - acrescentamos – das classes dominantes), já que “(...) estes levam facilmente a procurar a vantagem individual à custa da exploração de classes, subjugação de povos (...)”⁹⁴.

Este autor nos faz refletir, ainda, sobre uma questão muito interessante, que é a do domínio da ciência e da tecnologia no mundo moderno, não para beneficiar toda a humanidade, mas como instrumento para se alcançar o progresso a qualquer custo: “(...) é a ciência e a técnica que produziram o industrialismo, a informatização e a robotização. Estes instrumentos não surgiram por pura curiosidade. Mas da vontade de

poder, de conquista e de lucro”⁹⁵. É justamente por essa razão que Saramago, em seu *Ensaio sobre a cegueira*, propõe o desmoronamento de todos os valores capitalistas, bem como dos avanços tecnológicos, não só para alguns, mas para todos, extinguindo privilégios, excluindo a todos, já que a inclusão não parece possível.

Focalizando a realidade, vemos que, no tocante aos excluídos deste processo econômico, há para os mesmos apenas dois caminhos: viver na miséria até morrer ou lutar. Pela luta, há duas possibilidades de organização, uma em forma de movimentos sociais que reivindicam seus direitos, e a outra, a mais perigosa para a vida em sociedade, que é a organização criminosa.

Quanto aos movimentos sociais, no Brasil, atualmente, temos inúmeros exemplos cada vez mais significativos: MTST (Movimento dos Trabalhadores Sem Teto), MPA (Movimento dos Pequenos Agricultores), MAB (Movimento dos Atingidos por Barragens), MLST (Movimento de Libertação dos Sem Terra), VIA CAMPESINA, entre tantos outros. O MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) existe há mais de vinte anos e é, sem dúvida alguma, o mais expressivo, nacional e internacionalmente. Além deste, outros movimentos se formam pelo mundo, principalmente na América Latina, em organizações cada vez mais sólidas que lutam pelo direito a uma vida digna para todos. Curioso é o fato de o grito ser colocado como uma fonte de expressão dos movimentos sociais e, no entanto, no *Ensaio sobre a lucidez*, a organização dos “brancos”, como veremos, não se dará por meio do grito, perpassando todo o texto de Saramago no mais absoluto “silêncio”, quase como se houvesse neste fato a sugestão audaciosa de que a revolta popular toma forma nem que seja por meio deste mesmo silêncio que sempre lhes foi imposto.

Observamos a repressão do grito fora da ficção não apenas nas ditaduras mas também em muitas “democracias”. As vozes historicamente abafadas tentam gritar. A mídia conservadora, por sua vez, impõe ao povo a forma de pensar (ou de deixar de pensar) que convém às elites dominantes. Entretanto, muitas vozes excluídas se organizam não somente nos movimentos sociais, mas também na criação de uma mídia alternativa, comprometida com a democratização da informação. São rádios comunitárias, jornais, romances, ensaios críticos, crônicas, documentários, filmes, todos comprometidos em dar a todos a mesma oportunidade de acesso à informação, sem manipulações. Sabemos, porém, que tais organizações costumam sofrer todo tipo de pressão no sentido de serem silenciadas, já que não interessa a muitos a veiculação dos fatos como verdadeiramente são.

No próximo capítulo, veremos ainda que, no *Ensaio sobre a lucidez*, a mídia, exatamente como temos visto ao longo deste trabalho, encontra-se também na ficção completamente absorvida pelos interesses dos donos do poder, servindo-lhes como meio de manipulação, ao invés de servir democraticamente como meio de comunicação. O povo, contudo, parece não mais admitir enganações, permanecendo disposto a levar adiante seu silêncio eloqüente que afronta e enfrenta o governo.

O que nos cabe aqui ressaltar é que, tanto na ficção como na realidade, há a iminência não de movimentos isolados, como nos querem fazer crer os donos do poder, mas de uma movimentação que se espalha de forma expressiva por todo o mundo, constituída pelos excluídos. É precisamente isto o que ocorre no plano ficcional, no qual esta movimentação é elaborada literariamente através da ação lúcida dos “brancos” na fictícia cidade de Saramago.

Para o jornalista Emir Sader, os movimentos sociais latino-americanos foram os protagonistas das lutas contra o neoliberalismo, bem como sempre foram os responsáveis pela luta política, apesar de, a princípio, não caber a eles a direção de um governo:

Começou a se impor o ponto de vista dos movimentos sociais, de que a grande maioria não recebe benefícios da globalização liberal, de que se impõe a necessidade da substituição de metas econômico-financeiras por metas sociais. (...) A luta dos movimentos sociais é uma luta pela defesa dos direitos da massa da população, atacadas pelas políticas neoliberais. Não se deveria exigir desses movimentos substituir as forças políticas. Mas na prática os movimentos sociais personificam alternativas, lutaram por elas e não podem se encerrar nas lutas sociais, terminam sendo responsáveis, diretos ou indiretos, pela luta política⁹⁶.

É necessário frisarmos aqui a realidade exposta acima por Sader, sobre a qual temos falado ao longo deste capítulo, no que se refere ao fato de “(...) a grande maioria não recebe[r] benefícios da globalização liberal” e, devido a esta privação dos “benefícios”, não haver outros caminhos possíveis além dos já mencionados anteriormente: se deixar abater ou lutar. Em um determinado momento de sua análise, Sader afirma que os projetos políticos são decisivos e que os movimentos sociais têm de tomar posições em relação a eles, pois as experiências desses governos, boas ou ruins, dão a prova de que do destino destes depende o dos movimentos sociais e dos povos. No *Ensaio sobre a lucidez*, observaremos o fato de a organização do povo lúcido forçar o governo a tomar medidas imediatas, ainda que, neste caso, estas sejam repressivas e negativas.

Diante de um sistema que Saramago chamou de “ditadura econômica”, podemos visualizar mais nitidamente o motor que impulsiona os movimentações organizadas pelos excluídos, sendo estes cada vez mais movidos pelo mesmo sistema que os exclui e os explora. Logo, vemos que há aqui um percurso da alienação à ação lúcida, que se opera nas camadas populares de forma muito curiosa, justamente pelo

excesso de opressão e descaso por parte daqueles a quem interessa manter a alienação. Cabe agora ressaltar que, tanto em nossa realidade quanto nos “ensaios”, há a tomada de consciência gerada pelo excesso de privação. No *Ensaio sobre a cegueira* é precisamente isto que ocorre.

Neste sentido, seria interessante concluir o presente estudo construindo uma ponte entre este primeiro romance e seu sucessor, o *Ensaio sobre a lucidez*, no qual o que veremos é, ao contrário, uma grande ameaça de retorno à condição de cegueira-alienação, um retrocesso absurdo diante da “iluminação” arduamente alcançada. Tal constatação nos leva a concluir que a lucidez não é algo que, uma vez conquistada, não possa mais ser perdida. Faz-se essencial e, portanto, imprescindível, o seu constante exercício.

Depois de detectarmos alguns focos de resistência e de ações lúcidas que se espalham pelo mundo, urge que iniciemos uma análise do *Ensaio sobre a lucidez* para que possamos entender a forma fictícia dada por Saramago à essa movimentação popular rumo à descoberta de uma outra forma possível de estar no mundo, mais solidária e fraterna, delineando, assim, a sua tentativa de resgatar a essência humana.

5. O ENSAIO SOBRE A LUCIDEZ OU O RETORNO À CEGUEIRA?

“A visão é alterada por sentimentos fortes”.

(VARDA, Agnès)

“O ato de ver e olhar não se limita a olhar para fora, não se limita a olhar o visível, mas também o invisível. De certa forma, é o que chamamos de imaginação”.

(SACKS, Oliver).

Dando continuidade às nossas elucubrações e conforme a proposta inicial do presente trabalho, iniciaremos a leitura deste ensaio que, a princípio, se contrapõe ao primeiro ao levarmos em conta o título de cada um deles. Em *Ensaio sobre a lucidez*, através de um narrador também aqui onisciente e em terceira pessoa, temos uma narrativa que, na verdade, dá continuidade à história do primeiro, desenvolvendo a ação em torno das conseqüências de uma atitude lúcida coletiva: o voto em branco. Se antes tínhamos a cegueira branca que propiciou a visão, a lucidez, temos, agora, o voto em branco justamente como conseqüência daquela lucidez arduamente conquistada.

José Saramago, em entrevista concedida ao caderno “Prosa e verso” do Jornal O Globo, afirma que

(...) *Ensaio sobre a lucidez* não é uma continuação do *Ensaio sobre a cegueira*, ainda que à primeira vista o possa parecer. Foi só quando a escrita deste novo romance já ia bastante avançada que me ocorreu a possibilidade e o interesse ficcional de estabelecer uma relação com as personagens da “Cegueira”⁹⁷.

No entanto, não há como negar que esse próprio “estabelecimento” de uma “relação com as personagens da *Cegueira*” seja, de fato, a continuação da história daquele grupo de cegos que acompanhamos no “ensaio” anterior.

A narrativa inicia-se em torno de um dia de votação que, aparentemente, seria como todos os outros, com exceção das fortes chuvas nunca registradas pela

meteorologia local. Como acreditamos que na obra de Saramago dificilmente poderá haver algum elemento surgindo gratuitamente, recorremos ao *Dicionário de símbolos* de Chevalier e Gheerbrant para elucidarmos a simbologia da chuva e constatamos um significado bastante curioso: “Aquilo que desce do céu para a terra é também a fertilidade do espírito, a luz, as influências espirituais”⁹⁸.

Ao final do processo de apuração dos votos, constata-se um fato jamais ocorrido na história do país: mais de setenta por cento dos eleitores votam em branco:

Os votos válidos não chegavam a vinte e cinco por cento, distribuídos pelo partido da direita, treze por cento, pelo partido do meio, nove por cento, e pelo partido da esquerda, dois e meio por cento. Pouquíssimos os votos nulos, pouquíssimas as abstenções. Todos os outros, **mais de setenta por cento da totalidade, estavam em branco**⁹⁹.

De fato, mais de setenta por cento de votos em branco parecem a princípio o resultado de uma espécie de súbita “fertilidade de espírito, (...) luz, [ou até mesmo] (...) as influências espirituais”. Contudo, vamos entrando em contato com a conjuntura dessa população e esclarecendo as verdadeiras causas de um ato maciço, mais relacionado à fertilidade de espírito, à luz, do que a qualquer tipo de “influência espiritual”. Saramago nos diz o seguinte sobre seus “ensaios”: “Encontrava-me diante de duas situações de caráter excepcional: no primeiro caso, uma cidade que se tornou toda cega; no segundo caso, a mesma cidade que decide votar *maioritariamente* em branco. Cegueira branca, voto branco. Mas a brancura agora não é cegueira, é lucidez”¹⁰⁰.

Na verdade, só é possível constatar que o resgate da lucidez pelos personagens se efetivou ao iniciarmos a leitura deste segundo “ensaio”, já que é neste que ficamos sabendo serem os “brancos” de agora os “cegos” de outrora. E sendo o voto em branco um ato de extrema lucidez, constatamos também a eficácia da cegueira branca.

Para que possamos estabelecer uma ponte entre a situação vista no capítulo anterior - relacionada às atitudes reacionárias, com intuito de explorar e lucrar - e o

Ensaio sobre a lucidez, é interessante acompanharmos atentamente as reações dos governantes do romance diante da ação lúcida do voto em branco. Inconformados, e já tomados pela histeria gerada pela ameaça de perda dos privilégios, os governantes fictícios programam novas eleições, esperando resolver o que julgavam ser um simples engano do povo. Os novos resultados, no entanto, instalam o pânico no meio político, evidenciando as incoerências de seus antigos discursos:

Prezados concidadãos, disse [o Primeiro Ministro], o resultado das eleições que hoje se realizaram na capital do país foi o seguinte, partido da direita, oito por cento, partido do meio, oito por cento, partido da esquerda, um por cento, abstenções, zero, votos nulos, zero, **votos em branco, oitenta e três por cento.** (...) O governo, (...) estando unanimemente de acordo sobre a necessidade de uma séria investigação das causas primeiras e últimas de tão desconcertantes resultados, considera, após ter consultado com sua excelência o chefe do estado, que a sua legitimidade para continuar em funções não foi posta em causa, não só porque a eleição agora concluída foi apenas local, mas igualmente porque reivindica e assume como sua imperiosa e urgente obrigação apurar até às últimas conseqüências os anômalos acontecimentos de que fomos, (...), além de atônitas testemunhas, temerários actores¹⁰¹. (grifos nossos).

Mais adiante, temos o tom que esse importante representante do governo utiliza para apontar as conseqüências dos “silenciosos” votos em branco:

(...), aqueles votos em branco, que vieram **desferir um golpe brutal contra a normalidade democrática** em que decorria a nossa vida”. (EL, p.35) “(...), É tempo ainda de **emendar o erro, não por meio de uma nova eleição**, (...), mas através do rigoroso exame de consciência a que, (...), convoco os habitantes da capital, todos eles, (...) para que **se corrijam da maldade** a que se deixaram arrastar sabe-se lá por quem, **sob pena de se converterem no alvo directo das sanções previstas no estado de excepção** (...)”¹⁰². (grifos nossos).

Podemos perceber neste discurso a inversão do verdadeiro sentido das palavras operada por aqueles que governam, sendo este um mecanismo bastante utilizado para alienar os indivíduos, principalmente com o auxílio da mídia, dificultando qualquer tomada de iniciativa por parte destes.

No mundo moderno, regido por um sistema capitalista voraz, aos conceitos de civilização, democracia, liberdade, entre tantos outros, são conferidos, na prática,

justamente os seus sentidos opostos. Saramago, em depoimento ao documentário *Janela da alma* já aqui mencionado, nos coloca que:

Há algo que hoje parece-me que se converteu numa moda que é a “moda da democracia”. Bom, eu sou democrata, há que dizê-lo. Só que o meu conceito de democracia não tem nada que ver com o conceito que se usa e que se pratica. O conceito de democracia que se limita a pedir do cidadão, que ainda o é, enfim, que de quatro em quatro anos apareça com um papel na mão e o meta dentro de uma urna e que depois o manda embora, que agora não é mais preciso, “volta cá daqui há quatro anos”... um conceito de democracia que no fundo significa que a partir do momento em que o cidadão, o eleitor põe o seu voto na urna passou a sua própria capacidade política, a sua própria capacidade crítica, passou-a a outra pessoa que muitas vezes nem sequer conhece... passou-a a um partido, a um conjunto de pessoas (...) que ocupam esse partido ou que se aproveitam dele e que se vão aproveitar do poder para fazer aquilo que muito bem entenderem... tudo isto acaba por se converter em pura ilusão, porque esses políticos no fundo não mandam nada!¹⁰³.

Há que se questionar, portanto, o uso do termo “normalidade democrática” proferido no discurso do Primeiro Ministro do *Ensaio sobre a lucidez*. Este personagem deveria vir a público com intenções (estas sim democráticas) de saber do povo todas as suas insatisfações por meio de um amplo debate, do qual emergissem novas idéias para a solução mais razoável de todos os problemas levantados. Como vimos, portanto, a falsidade presente nos discursos que louvam a “democracia”, discursos estes cheios de explícitas ameaças autoritaristas, típicas daquilo que é, de fato, uma ditadura: “(...) sob pena de se converterem no alvo directo das sanções previstas no estado de excepção”.

Parece-nos importante ressaltar aqui a incoerência mais absurda do discurso político acima citado, que é a de rejeitar o que há de mais democrático num sistema de governo: o voto. É então que vemos a falácia dos discursos empolados sobre “democracia” que nada mais fazem que propagar o terror ditatorial, por meio da imposição ameaçadora para que o povo vote “corretamente”, ou seja, para que prossigam, a partir do voto, no caminho “democrático” do sistema tal qual sempre foi.

Ratificando a presença de elementos que caracterizam um discurso típico da época da ditadura, notamos no romance o uso de expressões que remetem de imediato ao discurso paternalista do maior ditador da história de Portugal: Antônio de Oliveira Salazar. Vemos, portanto, no “ensaio” em questão, as seguintes colocações: “(...), vindo aqui, como **pai amantíssimo**, recordar à parte da população da capital que se desviou do recto caminho a lição sublime da parábola do filho pródigo, (...)”¹⁰⁴. (grifos nossos).

E, mais adiante, há outro trecho bastante representativo deste discurso paternalista que traz consigo, no entanto, a arrogância de uma imposição: “**Honrai a pátria, que a pátria vos contempla, com rufos e tambores e berros de clarins (...)**”¹⁰⁵. (grifos nossos).

Curiosamente, apesar de toda essa fúria dos governantes perante o que parecia ser o início de um processo revolucionário, não há em todo o texto indícios desse tipo de movimentação por parte do povo ou ao menos discursos engajados por parte de algum personagem em especial. O foco da narrativa encontra-se, na maior parte do tempo, voltado apenas para a reação repressiva do governo perante um silêncio popular tão insondável que chega a beirar um forte grito. Como na “brancura” do voto que não possui identificação de candidato algum e que, portanto, possui em si mesmo um silêncio, vemos no decorrer da obra que esse povo não profere discurso algum. Entretanto, vai aos poucos ficando muito claro que tal silêncio persistente traz em si o desejo da mudança de um sistema incapaz de satisfazer o povo. Vai se tornando cada vez mais claro para o leitor, no decorrer da leitura da obra, que há, de fato, uma movimentação extremamente organizada e que, apesar de silenciosa, expressa um grito altamente eloqüente.

Através da repressão do governo, vamos notando, portanto, o forte teor ditatorial que leva toda uma população a um terrível caos através da imposição de “estado de sítio” à cidade dos “brancos”. Assim, vêm à tona, finalmente, os elementos típicos de uma ditadura: todo o local é cercado pelas forças armadas, há investigações, interrogatórios, ameaças e assassinatos.

No dia seguinte, o Presidente da República vem a público, em rede de televisão, proferir o seu discurso:

Falo-vos com o coração nas mãos, falo-vos despedaçado pela dor de um afastamento incompreensível, **como um pai abandonado pelos filhos** a quem tanto amara, perdidos, perplexos, eles e eu, ante a sucessão de uns acontecimentos insólitos que vieram **romper a sublime harmonia familiar**. E não digais que fomos nós, (...) ¹⁰⁶. (grifos nossos).

Mais uma vez, como no discurso de caráter paternalista do Primeiro Ministro, o que vemos são palavras e termos que nos remetem à retórica dos longos anos de repressão vividos por Portugal - quase meio século de ditadura salazarista. Podemos notar claramente nestes discursos aquilo a que nos referimos anteriormente como uma inversão do sentido das palavras e dos conceitos. E, mais adiante, as ameaças explícitas:

(...), é certo que **vos encontrais cercados, rodeados, confinados dentro do perímetro da cidade, que não podeis sair dela, que se o tentais sofrereis as conseqüências de uma imediata resposta pelas armas**, (...) Vós, sim, sois os culpados, Vós, sim, (...) para seguides o caminho torcido da **subversão**, da **indisciplina**, do mais perverso e diabólico **desafio ao poder** legítimo do estado (...), o arrependimento penetrará docemente nos vossos corações e voltareis a congregar-vos com a comunidade nacional, raiz de raízes, e com a legalidade, regressando, como o filho pródigo, à casa paterna. Agora sois uma cidade sem lei. (...), nenhuma autoridade virá proteger-vos de ladrões, violadores e assassinos, essa será a vossa liberdade, desfrutai dela ¹⁰⁷. (grifos nossos).

Claro está que se trata de um discurso típico de governante ameaçado de grandes perdas, consistindo mesmo em um delírio causado pela ameaça do voto em branco. E

em decorrência desse ato popular lúcido, temos a histeria do governo que se transforma rapidamente em um autoritarismo extremo:

(...) **Talvez venhais a rebelar-vos** como no tempo dos constrangimentos autoritários, **como no ominoso tempo das ditaduras**, mas, não tenhais ilusões, **sereis reprimidos com igual violência**, e não sereis chamados a votar porque **não haverá eleições**, ou talvez, sim, as haja, mas não serão isentas, limpas e honestas como as que haveis desprezado, (...). **Votar em branco é um direito irrenunciável**, ninguém vo-lo negará, **mas tal como proibimos às crianças que brinquem com lume, também aos povos prevenimos de que vai contra a sua segurança mexer na dinamite**¹⁰⁸. (grifos nossos).

Temos assim a declaração de que o que há é, de fato, uma ditadura, deixando-se de lado as inversões dos sentidos das palavras ou qualquer outra forma de manipulação, uma vez que, em um sistema autoritário, não há a necessidade de tais “rodeios”. Impõe-se simplesmente. Quem não se curva por bem, curva-se por mal. Isto posto, concluímos que aquelas inversões só eram válidas diante da cegueira. Uma vez diante de um povo lúcido, que “reparava”, já não havia mais razão para a distorção dos sentidos. Teriam de sucumbir à força. É curioso pensarmos em uma afirmação que se faz freqüentemente de que, na época ditatorial, os indivíduos eram mais criativos por terem de estar sempre inventando meios de driblar uma violenta censura. Já nos tempos atuais, podemos dizer que estes mesmos indivíduos se tornaram fantoches manipulados ou hipnotizados pela era das belas imagens virtuais que trazem em si uma realidade pronta, que amortece qualquer indício de inquietação ou de criação, que aliena.

Vale aqui ressaltar que neste *Ensaio sobre a lucidez* há uma crítica contundente à ação da mídia e do papel que esta toma para si, o qual se desvia do seu objetivo maior (que seria o de comunicar democraticamente) para manipular, distorcer a realidade, moldá-la de acordo com os interesses de uma elite que pretende defender seus privilégios e seu poder.

Independente de qualquer tentativa de manipulação da mídia local, entretanto, o povo desta ficção age com consciência plena de sua insatisfação perante o cenário político, não se deixando ludibriar. E seguem até o fim com seu silêncio “brancoso”, um silêncio altamente significativo e capaz de derrubar um governo que tem por intuito restabelecer a “ordem” de seus próprios interesses. Vemos, então, já nas primeiras linhas da obra, que este povo “reparava”, não apenas a realidade do mundo exterior à “caverna”, mas também daquele mundo televisivo - as próprias sombras da caverna - que se impunha como realidade. Passaram a ouvir os verdadeiros sentidos das palavras que escutavam, passaram a ver o verdadeiro sentido das imagens que olhavam.

Vamos, no decorrer da obra, entrando em contato com o tipo de “movimentação” deste povo perante o anúncio da ditadura. Serviços públicos como os da limpeza das ruas e os de segurança do cidadão foram suspensos, a partir de um pedido do Ministro do Interior ao Presidente da Câmara que havia permanecido na cidade com a família. Este, a princípio, obedece às ordens de seus superiores, inclusive as de investigar quem seriam os organizadores do movimento pelo voto em branco. A partir de um determinado ponto de suas investigações, alguns fatos emergem, fazendo com que o Presidente da Câmara repense o lado que realmente deseja representar.

Com o passar dos dias, ao contrário do que esperavam os governantes (que toda a cidade se rendesse diante da desordem, da sujeira e do aumento dos índices de criminalidade) os habitantes resolveram sair às ruas com suas próprias vassouras, cada um fazendo sua parte ou o seu possível para manterem não somente a limpeza, mas também a ordem e a paz.

É interessante observar a ironia e, por vezes, a sátira ao sistema repressor apresentada com relação à nova situação em que vive o povo, baseada no cooperativismo e na solidariedade. É aí que percebemos a presença dos recursos estilísticos de que Saramago lança mão neste ensaio, os quais já foram utilizados por ele em outros romances.

Ao proceder à resenha do livro *Artimanhas da ironia*, organizado por Lélia Parreira Duarte da Universidade Federal de Minas Gerais, Maria Nazareth Soares Fonseca nos mostra que a ironia pode se revestir tanto da figura de retórica quanto da intencionalidade do texto em se apresentar como artifício. De acordo com a ensaísta, possuiria a ironia um aspecto desestabilizador no tocante ao fato de, ao mesmo tempo em que se baseia na reversibilidade da palavra, baseia-se também na utopia de um significado imutável, caracterizando, desta forma, o que ela chama de “deslizamento de significantes e significados”. Grosso modo, seria a ironia uma capacidade da linguagem de “multiplicidade de jogos que garantem o eterno deslizar de intenções, sentidos e significações: a relativização de verdades e a desconstrução do poder”¹⁰⁹. Temos aqui o que parece ser a definição de ironia que melhor se encaixa na obra de Saramago, pois há em sua elaboração literária, principalmente nos dois “ensaios” aqui abordados, uma árdua tentativa de desestruturar o poder ou o sistema vigente, seja por meio de uma “cegueira branca” que inutiliza todas as conquistas deste sistema, seja pelo voto em branco, forma mais direta de se atacar e derrubar o poder estabelecido. Há, de fato, uma intencionalidade que antes de se manifestar artisticamente como figura de retórica, encontra-se na maneira de ver um mundo cheio de injustiças. Ademais, haveria também, segundo a ensaísta, uma certa pretensão de “dominar as forças que regem o destino”: “(...) a ironia aparece não só como recurso estilístico e de e de conscientização social,

mas também como artifício do homem que finge dominar, pelo uso da linguagem, as forças que regem seu destino”¹¹⁰.

E, mais adiante, acrescenta que a ironia, na obra de Saramago, aparece da seguinte forma:

(...) como recurso que possibilita a visão crítica do poder político e religioso a partir de um trabalho lúdico produtor de um entrecruzar de sentidos em que se perde o leitor desavisado. E às vezes até o advertido. Jogo de esconde-esconde construído por vozes que, falando em eco, procuram confundir o leitor que corre sempre o risco de cair nas armadilhas acionadas pelo texto¹¹¹.

Já a definição de sátira, segundo Massau Moisés, em seu *Dicionário de termos literários*, é a seguinte:

(...) consiste na crítica das instituições ou pessoas, nas censura dos males da sociedade ou dos indivíduos. (...) pressupõe uma atitude ofensiva, ainda quando dissimulada: o ataque é quase sempre a sua marca indelével, a insatisfação perante o estabelecido, a sua mola básica. De onde o substrato moralizante da sátira, inclusive nos casos em que a invectiva parece gratuita ou fruto do despeito¹¹².

O que nos é apresentado é uma cidade que, sem lei e sem governo, encontra-se em “estado de sítio”. Quando, entretanto, o narrador nos sugere que tal cidade encontra-se melhor sem governo instaurado, o tom irônico alcança seu auge na narrativa com a expressão “Ao contrário das predições dos agoureiros”, como vemos a seguir:

Ao contrário das predições dos agoureiros, não se tinham dado durante estes dias nem mais roubos, nem mais violações, nem mais assassínios que antes. Parecia que a polícia, afinal, não fazia nenhuma falta à segurança da cidade, que a própria população, espontaneamente (...), tinha tomado à sua própria conta as tarefas de vigilância¹¹³.

A ironia aparece, pois, na narrativa, mostrando-nos que aquilo que o governo denominou “estado de sítio”, querendo transmitir a idéia de caos, é, na verdade, a ordem e a paz se estabelecendo. Por essa razão, mais do que um simples recurso de estilo, a ironia nos é apresentada como um caminho através do qual Saramago nos coloca a conscientização social por meio da desconstrução do poder. Além disso, e conforme já

dito, é importante ressaltarmos que este recurso que emerge em *Ensaio sobre a lucidez* não é algo novo nas obras de Saramago, como bem nos aponta Maria Nazareth Soares Fonseca no mesmo texto acima citado:

[Também] os textos sobre *Memorial do convento* e *O ano da morte de Ricardo Reis*, de José Saramago, desvelam a ironia como recurso que possibilita a visão crítica do poder político e religioso (...) ¹¹⁴.

Vemos, então, a nova forma de estar no mundo sugerida pelo autor dos romances. Esta é, certamente, a mensagem mais simples e, no entanto, mais necessitada de “visão” que o autor desejou nos transmitir: a importância do cooperativismo, da solidariedade e da fraternidade entre os indivíduos. Estes conceitos entram em cena, deixando para trás a cruel realidade do “ter” em detrimento do “ser” e, além disso, é interessante lembrarmos que, no *Ensaio sobre a cegueira*, vimos o mundo capitalista sendo desconstruído e, paralelamente a esta desconstrução, forçamo-nos a visualizar outras possibilidades. Já neste “ensaio”, vemos, com maior clareza, um mundo vislumbrado por Saramago, mundo este no qual valores mais humanos vigoram, fazendo o egocentrismo e o individualismo perderem espaço. Acreditamos tratar-se mesmo de uma forma de concretização do que sempre foi a utopia deste autor: mostrar ser possível a convivência harmônica de uma sociedade baseada em um sistema comunista, tal como foi idealizado por Karl Marx.

No romance em questão, vale ressaltar que é somente na cena em que os governantes lêem a carta do primeiro cego (e é neste momento que vamos entrando em contato novamente com os personagens do *Ensaio sobre a cegueira*) que ficamos sabendo ser a mulher do médico a denunciada por este personagem como possível culpada pelo ato dos “brancos”. Os argumentos da denúncia giravam em torno do fato de esta mulher ter matado um homem no prédio da quarentena, além de nunca ter

cego durante toda a epidemia, o que parecia suspeito. Fica nítido o intuito de encontrar um culpado, tanto por parte do governo quanto por parte do primeiro cego, certamente acuado pelo bloqueio imposto à cidade. É a partir deste ponto da narrativa que vamos notando, apesar da forte resistência, uma grande ameaça de retorno da cegueira.

Através de uma mídia de seriedade e qualidade questionáveis, os governantes transformam a mulher do médico no alvo de todas as iras de uma parcela do povo que não era constituída de “brancos”. À medida que vai entrando em contato com este fato e com as razões extremamente coerentes do povo que optou pelo voto em branco, percebendo que violentas, cruéis e incoerentes eram as atitudes de seus superiores, o Presidente da Câmara pede demissão e passa a perambular pela cidade, dando continuidade às investigações para tentar ser útil a esse povo de alguma forma. Logo, também ele passaria a ser alvo de um sistema completamente corrompido. É, então, com o assassinato deste em plena luz do dia, além da perseguição à mulher do médico, que vamos percebendo uma súbita ruptura com a esperança que vinha se desenvolvendo nas linhas do romance. A princípio, podemos dizer que esta perda da esperança se dá somente no leitor da obra. Contudo, não podemos afirmar que os “brancos” resistem à repressão. Apesar de o final ser aberto, como no primeiro “ensaio”, não deixando clara a continuação deste rumo de resistência por parte do povo, há alguns elementos que não podem ser ignorados e que nos levam a crer que o que há é, de fato, uma ameaça de retorno à cegueira-alienação.

Observamos, então, não apenas a trajetória de um governo rumo à imposição de sua verdadeira face autoritarista, mas também a possibilidade de retorno à alienação,

após o árduo resgate da lucidez, principalmente quando nos surpreendemos com o assassinato da mulher do médico:

Às onze horas o homem da gravata azul com pintas brancas subiu ao terraço de um prédio quase fronteiro às traseiras daquele em que vivem a mulher do médico e o marido. Leva uma caixa de madeira, (...). Dentro há uma arma (...), um fuzil automático com mira telescópica, que não será utilizada porque a uma distância destas é impossível que um bom atirador possa falhar o alvo. Também não usará o silenciador, (...). Passou uma hora, e a mulher do médico ainda não apareceu, tem estado a chorar, a pobre, mas agora virá respirar um pouco, não abre uma janela das que dão para a rua porque sempre há gente a olhar, prefere as traseiras, muito mais tranqüilas desde que existe a televisão. A mulher aproxima-se da grade de ferro, põe-lhe as mãos em cima e sente a frescura do metal. Não podemos perguntar-lhe se ouviu os dois tiros sucessivos, jaz morta no chão e o sangue desliza e goteja para a varanda de baixo. O cão veio a correr lá de dentro, fareja e lambe a cara da dona, depois estica o pescoço para o alto e solta um uivo arrepiante que outro tiro imediatamente corta¹⁵.

Exatamente como ocorria nas épocas das trevas ditatoriais, o que temos é a imposição do poder por meio das armas. E mesmo não podendo precisar o que sucederá ao povo desta capital, podemos afirmar que há, sem dúvida, a possibilidade de a cegueira vencer a lucidez, principalmente no trecho a seguir, o qual encerra o romance, logo após a morte da mulher do médico: “Então **um cego** perguntou, Ouviste alguma coisa, Três tiros, respondeu **outro**, Mas havia também um cão aos uivos, Já se calou, deve ter sido o terceiro tiro, Ainda bem, detesto ouvir cães a uivar”¹⁶. (grifos nossos).

É fundamental que notemos o significado desses dois “cegos” surgindo justamente no encerramento do romance. Eles sabem perfeitamente que o que ouviram foram tiros, e ainda sabem que foram três. Sabem também que o terceiro matou o cão que uivava, mas ao invés de demonstrarem o mínimo de preocupação com o fato, um deles ainda se alivia com sua morte, uma vez que não suportava os uivos do animal. Mas o que nos parece ainda mais estarrecedor é ver que os cegos sabiam da possibilidade de os outros dois primeiros tiros terem sido disparados contra outras

peças e, ainda assim, não terem se sensibilizado, demonstrando, ao contrário, uma total indiferença ou alheamento. Estamos, sem dúvida, diante da cegueira como a alienação das pessoas, novamente. Desta forma, surge a seguinte questão: o que é feito daquela lucidez conquistada a partir da epidemia da cegueira, a qual permitiu que toda uma cidade pudesse manifestar sua insatisfação com os políticos nos votos em branco?

A cegueira foi branca porque, apesar de ter levado todos de uma cidade às trevas ou ao completo caos social, garantiu à mesma, em contrapartida, uma chance de se iluminar, de alcançar a “brancura” ou a “claridade” da lucidez. O voto, por sua vez, é branco justamente para comprovar que todo aquele povo anteriormente submetido à cegueira branca, havia, por meio desta, alcançado a lucidez e, portanto, a “brancura” ou “claridade” que permite ver a fragilidade do sistema político. E este “ver” de agora, certamente passou por aquela “gradação de percepção” ou de lucidez exposta na epígrafe do *Ensaio sobre a cegueira*: “*Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara*”. Sem dúvida alguma, eles, agora, podiam “reparar”.

O texto, todavia, não deixa clara a postura do povo perante a acusação da mulher do médico e de tudo o que foi afirmado contra ela. Amontoam-se alguns em frente ao prédio onde mora, porém não se pode ter certeza se é com intuito solidário, se é para acusá-la, ou apenas para “contemplar o espetáculo”, como se, por fim, tivessem sido seduzidos pelas tramas maquiavélicas do discurso político, com todo o seu poder persuasivo, seja pela repressão ou pela mentira.

Assim, e pelo próprio desfecho da obra, não é possível afirmar que a lucidez tenha sido uma conquista permanente e que não possa ser substituída por um novo surto de cegueira. A lucidez mostra ser algo que não se adquire como a um bem material,

como se pudesse ser uma aquisição eterna, e, neste sentido, não podemos ignorar os elementos do texto que nos apontam esta possibilidade de retorno à cegueira.

Temos o assassinato das figuras mais fraternas e solidárias do romance, nas figuras do Ex-presidente da Câmara, da mulher do médico e do próprio médico, bem como o assassinato do cão das lágrimas - que incorporou, no “ensaio” anterior, os traços mais próprios dos humanos, como a capacidade de amparar e de se solidarizar nos momentos mais difíceis - o que talvez possa ser lido aqui como a morte do que restaria de humano nos seres.

Mas, a nosso ver, há uma cena que é a mais representativa da iminência de retorno da cegueira. Trata-se da cena final dos cegos que não “reparam” a realidade que os cercam e se encontram incapazes de qualquer indignação perante a violência dos tiros que ouvem e que sabem terem sido a causa do súbito silenciar dos uivos que os “incomodavam”. Desta vez, porém, acreditamos estar diante de uma cegueira que é, sim, “(...) [mais] como uma luz que se apaga, [e não] mais como uma luz que se acende”¹¹⁷. Desta vez, não há luz alguma se acendendo. Trata-se das trevas para qualquer tipo de percepção. Temos aqui, portanto, a cegueira-alienação, aquela mesma que sustenta impérios cruéis desde sempre.

Daí talvez a dificuldade do homem atual em romper com as mentiras e as limitações que lhe são impostas, já que tal atitude, além de extremamente cansativa, constitui grave ameaça contra a própria vida. Daí também o fato de o sistema comunista jamais ter sido verdadeiramente vivenciado em parte alguma do globo terrestre.

Seria a alienação, a opressão e a miséria, então, os únicos caminhos “pacíficos”? Tememos que estes sejam uma bela ilusão, já que a violência ocorrerá

de qualquer jeito, seja pelo excesso de privação que leva o indivíduo ao crime, seja pela repressão às ações lúcidas em prol da justiça social. E, se escapamos da violência, é sempre por pouco. Vive-se por um triz, inevitavelmente. Pensamos ser este o raciocínio que se encontra submerso à lógica dialética de José Saramago: diante da inevitável iminência da dor e da morte, lutemos, então!

Antes de concluirmos este capítulo, faz-se necessário ressaltar, como vimos na introdução deste estudo, a atuação feminina coletiva, tanto na formação do movimento dos brancos, quanto na bela cena em que, privadas dos serviços públicos básicos, como o da limpeza das ruas, as mulheres saem às ruas da cidade sob estado de sítio com suas vassouras não apenas para a manutenção da limpeza, mas também como prova da capacidade revolucionária - e totalmente pacífica – de modificar a realidade através da justiça e da paz, como bruxas ou feiticeiras, um exército místico em busca da ordem em meio ao caos e à desordem. Trata-se mesmo de um verdadeiro ritual de libertação, no qual estas personagens mostram-se dispostas a lutar com as armas que lhes estiverem mais chegadas às mãos.

As mulheres sempre simbolizaram o cuidado com a casa, tendo aqui esta casa um sentido mais amplo, de pátria, sendo sua luta, uma luta por soberania acima de tudo. Note-se que o silêncio, imposto às mulheres ao longo da História, não impediu que, aqui, houvesse luta. Lutam, ainda que caladas. Ademais, temos aqui novamente a presença da mulher do médico, mesmo que em uma rápida passagem pelas linhas do romance, como a dizer aos leitores da obra “de fato, cá estou, quatro anos depois, e nunca cheguei mesmo a cegar!”. Afirma-se, pela sua simples aparição nesta segunda obra, como sendo a eleita para alcançar o modelo de visão lúcida, como vimos, o “ver” que integra o “sentir”. Assim, podemos afirmar que o papel da mulher em ambas as

obras revela um destaque quase mágico, superior, capaz de rasgar os antigos papéis de submissão impostos desde sempre ao longo da História. Saramago, portanto, mostra sua colaboração e seu empenho em acelerar este processo social de libertação feminina através de sua ficção. Urge, para tanto, que se “desmonte” a antiga imagem de uma mulher frágil e submissa.

Temos de concluir o presente capítulo, portanto, frisando que há no romance, apesar do visível ceticismo do autor no desfecho do mesmo, aquilo que chamamos aqui de vislumbre de um mundo melhor, um mundo regido por um outro sistema, com valores mais humanos, fraternidade, justiça social, cooperativismo e solidariedade. A lógica dialética destas obras consiste em uma forma de o autor nos dizer que, apesar de o *Ensaio sobre a cegueira* ser, na verdade, um “ensaio sobre a lucidez”, bem como o *Ensaio sobre a lucidez* ser, de fato, um “ensaio sobre a cegueira”, temos de lutar sempre pela lucidez, pela ação lúcida, já que, caso optemos pelo comodismo da alienação, não nos restará de qualquer jeito nada além de dor e/ou de morte. Lutemos, pois.

6. ENSAIO, ROMANCE, FÁBULA, ALEGORIA, LIBELO: A HIBRIDEZ OU A TÊNUE FRONTEIRA ENTRE OS GÊNEROS NOS “ENSAIOS” DE JOSÉ SARAMAGO.

“Possivelmente não sou um romancista, antes alguém que gostaria de ser ensaísta, mas, porque não sabe, se dedica a escrever romances... Não convém, no entanto, tomar essas palavras à letra, a não ser para reconhecer que há algo de ensaístico no meu modo de abordar a ficção”.

(SARAMAGO, José)

Fez-se necessário dedicar este capítulo à questão de o *Ensaio sobre a cegueira* e o *Ensaio sobre a lucidez* serem, na verdade, romances “que se quer[em] ensaio[s]”*, o que mais uma vez nos remete a uma outra questão, a da problematização do pós-modernismo, no que se refere à tênue fronteira ou à hibridez dos gêneros literários. E, como veremos, são romances “que se querem” também fábulas, sátiras, libelos, alegorias. Na obra de Saramago, é de praxe se intitular de “memorial” (*Memorial do convento*), “história” (*História do cerco de Lisboa*), “manual” (*Manual de pintura e caligrafia*), entre outros, textos que são, na verdade, romances.

Eduardo Prado Coelho, em *O cálculo das sombras*, vai além e nos mostra que:

O ensaio é uma forma de pensamento em que se pesa o valor das idéias – num exercício intelectual de *ponderação* (outro vocábulo que também entra nesta teia metafórica). (...) surge como um acto de *pôr à prova*, numa acepção que talvez não seja alheia ao *saborear prévio* dos alimentos com que se pretendia eliminar o efeito de eventuais venenos criminosos. Isto é, através de uma *experiência*, procura-se afastar o que poderá ser perigoso para a conservação do indivíduo, quer do ponto de vista físico (o veneno) quer do ponto de vista mental (a idéia envenenada)”¹¹⁸.

* Citação de um termo usado por Teresa Cristina Cerdeira da Silva, em seu texto “De cegos e visionários: uma alegoria finissecular na obra de José Saramago, citado na bibliografia.

A definição de “ensaio” como “acto de pôr à prova”, de fato, encaixa-se perfeitamente tanto no *Ensaio sobre a cegueira* quanto no *Ensaio sobre a lucidez*, já que ambos põem à prova não somente a forma literária, que não se encaixa definitivamente em um ou outro gênero narrativo, mas também o conteúdo, com seus temas geralmente dicotômicos, por vezes dialéticos, como veremos adiante. A própria vivência de situações-limite por parte dos personagens das obras deixa entrever esse “pôr à prova” da definição de Eduardo Prado Coelho. Podemos, neste sentido, ver a “cegueira branca” como um “acto de pôr à prova” o indivíduo acostumado ao conforto do mundo capitalista, como vimos, com seus altos avanços tecnológicos e científicos, os quais perdem totalmente o sentido diante da referida cegueira que acomete a todos na cidade, levando ao caos, que, por sua vez, força a repensar outra forma de estar no mundo, totalmente na contramão do sistema vigente.

De maneira mais positiva, já que relacionada a uma ação lúcida, porém também geradora de caos, o voto em branco - devido à reação histórica dos governantes - desencadeia a forte pressão sofrida pelos “brancos” na cidade cercada. Experimentam, na verdade, mais uma espécie de “terror psicológico” (que, inclusive, leva o primeiro cego a acusar a mulher do médico como sendo a mentora do movimento dos “brancos”) do que propriamente o caos. Diante do decreto de “estado de sítio”, com a retirada de todos os serviços públicos e de assistência social, a população do *Ensaio sobre a lucidez* passa a viver melhor. Assim, não se viam pressionados a pensar em outra forma melhor e mais fraterna de estar no mundo, pois já a tinham alcançado. Tal fato, inclusive, deixa entrever não só uma dura crítica às instituições públicas, mas também a descrença do autor com relação ao poder de decisão e de atuação política dos governantes do mundo atual, o que, aliás, ficou claro

numa citação de um depoimento de Saramago em *Janela da alma* citado anteriormente, no qual nos fala da “ditadura econômica” e do poder das transnacionais. O que, então, consistia no “acto de pôr à prova” os “brancos” era o perigo que os rondava e, certamente, os afligia com relação às constantes ameaças e perseguições do governo, que os faziam vivenciar ora uma verdadeira democracia, dentro da cidade regida por regras de convivência solidária e cooperativista, ora a ditadura, imposta pela ganância de poder dos governantes. Apesar de esta população nunca se manifestar por meio da voz, havia no texto a presença de elementos que nos fazem ver a movimentação, ainda que silenciosa, do povo perante as decisões autoritaristas do governo. Mas por se tratar de uma obra aberta, não podemos afirmar que este povo, tendo arduamente alcançado a lucidez, possa conseguir mantê-la apesar da forte repressão que lhe é imposta. De qualquer maneira, há aqui o “pôr à prova”, sem dúvida alguma, de que nos falou Prado Coelho sobre o gênero narrativo do ensaio, em todos os planos das duas obras analisadas, tanto no plano formal, quanto no plano do conteúdo.

Ainda sobre a citação de Eduardo Prado Coelho, curiosa é a leitura que depreendemos do trecho em que o ensaísta nos fala do “saborear prévio dos alimentos” no intuito de “eliminar o efeito de eventuais venenos criminosos”, afastando “o que poderá ser perigoso para a conservação do indivíduo” referindo-se a outra vertente de definição para o ensaio. De fato, através da “cegueira branca”, é possível afastar o que poderá ser perigosos para conservação do indivíduo, que é a alienação. Já por meio do voto em branco e de atitudes lúcidas de resistência, o povo se afasta do perigo para sua conservação, que é a submissão perante a repressão e a possibilidade de retorno à cegueira-alienação, já que esta leva o indivíduo a ignorar a

exploração de si mesmo e a do próprio planeta, ameaçando, assim, o destino de todos os seres humanos. Entretanto, neste último romance, como vimos anteriormente, de final aberto, entretanto, não podemos nos certificar se o povo sucumbirá ou não à repressão e, portanto, à cegueira. Mas a possibilidade permanece no ar, o que talvez represente a própria tentativa de, por meio da exposição desse fato, “eliminar o efeito de (...) venenos criminosos” ou o efeito da alienação gerada pela repressão.

Teresa Cristina C. da Silva, sobre o primeiro “ensaio”, acrescenta que: “(...) este não é tão somente um romance cujo assunto é a cegueira, mas também um ensaio entendido como experiência, experimentação que revele a possibilidade de enxergar para além das aparências”¹⁹. Realmente vemos neste “ensaio” de Saramago não só a possibilidade de os personagens enxergarem além das aparências após a “cegueira branca”, mas também vemos a obra como a experimentação do autor que o possibilita enxergar além, bem como a dos leitores que, da mesma forma, passam a ver, a reparar outros horizontes além daqueles que se nos apresentam cotidianamente. E, mais uma vez, Eduardo P. Coelho nos diz que: “(...) a noção de *ensaio* [reside], no sentido de ensaiar-se a si próprio, de se pôr a si próprio à prova face à mudança das coisas (...)”²⁰. Nos “ensaios” em questão, parece-nos, de fato, que o autor ensaia-se a si próprio (e aos leitores) no que se refere à cegueira branca e ao voto em branco.

Todavia, os denominados “ensaios” possuem o formato ficcional de um romance, com narrador, personagens e todos os outros elementos que caracterizam este gênero narrativo. E são justamente estes elementos que pretendemos agora ressaltar. Segundo Carlos Reis e Ana Cristina M. Lopes, em *Dicionário de narratologia*, o romance foi

(...) talhado para modelizar em registro ficcional os conflitos, as tensões e o devir no Homem inscrito na História e na Sociedade (...). (...) as suas

relações genológicas com outros gêneros narrativos, (...) sua capacidade de modelização do real e de representação ideológica. (...) relata-se normalmente uma acção (v.) relativamente extensa, eventualmente complicada por ramificações secundárias, podendo implicar componentes de ordem social, cultural ou psicológica e envolvendo de modo decisivo o destino das personagens; (...) ¹²¹.

Diferenciado da epopéia por acabar com a distância entre o mundo e o homem, aproximando o objeto representado artisticamente à realidade contemporânea, o romance, justamente devido ao fato de ter uma ação mais extensa, possui personagens geralmente caracterizados de maneira mais intensa, tanto na quantidade quanto na complexidade, do que se pode notar nos outros gêneros narrativos. E é possível observar nas obras aqui analisadas que elas se encaixam perfeitamente nestas definições mais gerais acerca do gênero literário chamado, mais precisamente a partir do século XVIII, de romance. Carlos Reis e Ana Cristina Lopes nos mostram que:

(...) a ficção narrativa rege-se, sobretudo desde que o **romance** atingiu maioridade cultural, por motivações indirecta de directamente histórico-culturais, com inegáveis incidências ideológicas ¹²².

Mas como vemos inclusive na definição a seguir de Reis e Lopes, o romance acaba por “cruzar-se” com outros gêneros narrativos, e, assim, entramos em contato com a questão da hibridez ou da tênue fronteira entre os mesmos:

Sem que seja talvez pertinente falar em crise, a verdade é que o romance actual cruza-se intensamente com outros gêneros narrativos, perfilhando registo do histórico e cultivando as instâncias da biografia, da autobiografia, do diário e das memórias, (...); assim se desvanecem os limites da **ficcionalidade**, num tempo cada vez mais propenso à coexistência de registos discursivos muito diversos ¹²³.

Neste sentido, as obras em questão são, por vezes, consideradas fábulas, libelos, alegorias. No *Jornal de Letras, Artes e idéias*, José Carlos de Vasconcelos nos diz que:

Ensaio sobre a lucidez é uma poderosa fábula sobre a degradação ou o apodrecimento da democracia nas actuais práticas de regimes democráticos, quando comandados por partidos ou pessoas sem princípios nem valores. Depois da *Cegueira* (do anterior Ensaio), vem a

Lucidez: ao branco de quem não vê sucede-se o de quem, por ver, vota em branco, como forma de protesto pela <<democracia>> que lhe dão. Uma fábula, pois, que é também um libelo. Além de que, sublinha o escritor, <<sendo uma fábula, é uma sátira, e sendo uma sátira, é uma tragédia>>¹²⁴.

Apenas para revisitar os sentidos de alguns destes gêneros, podemos aqui dizer que a fábula, lembrando parte das histórias que ouvimos principalmente na infância, pertence a um gênero que se refere à narrativas curtas, geralmente com uma razão moral, “implícita ou explícita, que deve encerrar (...) sua estrutura dramática. No geral, é protagonizada por animais irracionais, cujo comportamento, (...), deixa transparecer uma alusão, via de regra satírica ou pedagógica, aos seres humanos”¹²⁵. Na mesma obra citada acima, Reis e Lopes, no verbete “fábula”, complementam o significado deste gênero:

(...) a **fábula** resulta do ordenamento lógico e cronológico dos motivos nucleares que, pelo seu caráter dinâmico, asseguram a progressão regular e coesa dos acontecimentos narrados. Em suma, reconstituir a **fábula** de um texto narrativo implica eliminar todas as **digressões** (v.), todos os desvios da ordem causal-temporal, de modo a reter apenas a lógica das ações e a sintaxe das personagens, o curso dos eventos linearmente ordenados¹²⁶.

José C. de Vasconcelos, na citação acima, afirma ser o *Ensaio sobre a lucidez* também um libelo: “Uma fábula, pois, que é também um libelo”. Segundo o *Dicionário Escolar da Língua Portuguesa*, de Francisco da Silveira Bueno, “libelo” é uma “exposição articulada do que se pretende provar contra um réu; escrito difamatório”¹²⁷. Vasconcelos referiu-se a uma fábula “que é também um libelo” provavelmente pelo fato de esta obra estar sendo por ele interpretada como uma sátira, uma vez que esta envolve, como vimos, o intuito “ofensivo” e de “ataque”, caracterizando-se, também, como um libelo ou um “escrito difamatório”, uma “exposição do que se pretende provar contra um réu”, que, no caso do *Ensaio sobre a lucidez*, poderia ser a democracia. Afinal, é possível pensar este romance como sendo

satírico, já que, segundo as palavras do próprio Saramago, “sendo uma fábula, é uma sátira, e sendo uma sátira, é uma tragédia”¹²⁸. Há nesta afirmação uma forte ironia do autor quando afirma ser uma “tragédia” o seu “ensaio”, provavelmente referindo-se ao fato de, nesta sua obra, o conceito de democracia ser alvo da sátira. Vemos, então, a dificuldade de definição de gênero narrativo como algo intrínseco não apenas à elaboração literária deste autor, mas também na de muitos autores em tempos pós-modernos. E urge aqui que busquemos entender o que seja aquilo que se convencionou denominar de pós-modernismo.

Segundo Linda Hutcheon, em *Poética do pós-modernismo*, tal conceito é colocado da seguinte maneira:

(...) o pós-modernismo é um fenômeno contraditório, que usa e abusa, instala e depois subverte, os próprios conceitos que desafia (...). (...) o pós-modernismo não pode ser utilizado como um simples sinônimo para o contemporâneo. (...) não descreve um fenômeno cultural internacional, pois é basicamente europeu e (norte- e sul-) americano. (...) como uma atividade cultural que pode ser detectada na maioria das formas de arte e em muitas correntes de pensamento atuais, aquilo que quero chamar de pós-modernismo é fundamentalmente contraditório, deliberadamente histórico e inevitavelmente político. Suas contradições podem muito bem ser as mesmas da sociedade governada pelo capitalismo recente, mas, seja qual for o motivo, sem dúvida essas contradições se manifestam no importante conceito pós-moderno da “presença do passado”. (...) Não é um retorno nostálgico; é uma reavaliação crítica, um diálogo irônico com o passado da arte e da sociedade¹²⁹.

Mais adiante, a ensaísta acrescenta que:

A experiência política, social e intelectual dos anos 60 ajudou a permitir que o pós-modernismo fosse considerado como aquilo que Kristeva chama de “escrita-como-experiência-dos-limites” (...): os limites da linguagem, da subjetividade e da identidade sexual, bem como (...) da sistematização e da uniformização. Esse questionamento (e até ampliação) dos limites contribuiu para a “crise da legitimização” que Lyotard e Habermas consideram (...) como parte da situação pós-moderna. Indiscutivelmente, ela significou um repensar e um questionamento das bases de nossas maneiras ocidentais de pensar, que costumamos classificar, talvez com demasiada generalização, como humanismo liberal¹³⁰.

Como temos visto, os “ensaios” aqui analisados constituem verdadeiras “escrita[s]-como-experiência[s]-dos-limites”, já que buscam esta experimentação não apenas na forma, com a questão da hibridez de gêneros narrativos, mas também no conteúdo, no qual a vivência humana pendia frequentemente entre a humanidade e a animalidade, a solidariedade e a perversidade, a civilidade e a barbárie, democracia e ditadura, cegueira e lucidez. E tais características dicotômicas, quando não dialéticas, que não permitem uma classificação precisa destes “ensaios” de Saramago, parecem apontar para a questão “pós-moderna” a que Linda Hutcheon se referiu quando nos afirmou que “o pós-modernismo é um fenômeno contraditório, que usa e abusa, instala e depois subverte, os próprios conceitos que desafia”.

André Bueno, colocando o *Ensaio sobre a Cegueira* como pertencente a uma “trilogia involuntária” de Saramago juntamente com *A caverna* e *Todos os nomes*, mostra-nos que estes relatos se contrapõem aos debates acadêmicos atuais que, entre outros temas relacionados ao pós-modernismo, sugerem a “morte do autor”, pois tais relatos defendem uma forte presença do narrador no movimento da narrativa, nos conflitos dos personagens. A forma deles, segundo Bueno, apontaria, criticamente, para as questões de fundo da condição humana, buscando sua força na experiência das situações-limite vivenciadas pelos personagens. Contudo, não se deve esperar que haja nesta forma apenas um jogo de significantes, bem como não se deve crer que sejam simples mergulhos nos simulacros de massa da sociedade do espetáculo, sem nenhum mal-estar diante do mundo da mercadoria e de suas imagens, já que a forma da “trilogia” trata de um profundo desconforto perante a cegueira, o irracionalismo que nos é contemporâneo, o incômodo “pós-moderno”:

Mas (...) não como manifestação ressentida e regressiva, vazada em linguagem rombuda, próxima do estereótipo e do desabafo emocional.

Argumento que a *Trilogia* dá forma estética à crise contemporânea do capitalismo avançado através de um estilo muito elaborado, fluente, pouco pontuado, livre dos entraves e convenções gráficas, como forma que aspira à música, ao romance como lugar de confluência das muitas vozes e discursos sociais, com uma estrutura barroca, circular, simétrica. (...) Saramago busca (...) *homerizar* o romance, fazendo dele (...) a ponte entre a mais antiga tradição do *canto narrativo*, poético, e um *novo romance*, como uma espécie de *vertigem suprema*, musical e poética, fluente e dialógica, com uma estrutura muito maleável e aberta¹³¹.

O próprio gênero narrativo torna-se, de fato, algo de imprecisa definição e, como vimos acima, Saramago busca um romance “homerizado”, que, apesar da estrutura “muito maleável e aberta”, remonta à antiga tradição da epopéia, misturando, entretanto, canto e poesia em uma síntese dialógica sempre voltada para o mundo circundante, cheio de conflitos e injustiças. Temos, desta forma, um perfil traçado deste estilo narrativo do autor que, como vemos, possui elementos que se encaixam perfeitamente nas caracterizações mais frequentes do movimento pós-moderno. Na forma, esse ímpeto “homerizante” nos aponta para aquela “presença do passado” de que nos falou Linda Hutcheon. E a mistura de canto e poesia em uma forma dialógica com a realidade circundante, no caso de Saramago, evidencia o desconforto e denuncia incoerências e injustiças de um mundo ao avesso ou contraditório como o próprio conceito de pós-moderno.

Bueno afirma que não é por acaso que os críticos avaliam tais relatos como parábolas da condição humana, com intenção alegórica, cabendo acentuar que não há qualquer oferta de soluções para uma crise bem concreta. E se foram avaliadas como “parábolas (...) com intenção alegórica”, é interessante percorrermos os sentidos de parábola e alegoria para esclarecer estas referências à outras possibilidades de gênero narrativo para os “ensaios” em questão. “Parábola”, segundo Francisco S. Bueno no

dicionário escolar citado anteriormente, é uma “Narração alegórica que encerra uma doutrina moral”¹³², sendo para Massaud Moisés, em seu *Dicionário de termos literários*,

Narrativa curta, não raro identificada com o apólogo e a fábula, em razão da moral, explícita ou implícita, que encerra, e da sua estrutura dramática. Todavia distingue-se das outras duas formas pelo fato de ser protagonizada por seres humanos. Vizinha da alegoria, (...) comunica uma lição ética por vias indiretas ou simbólicas: numa prosa altamente metafórica e hermética, veicula-se um saber apenas acessível aos iniciados¹³³.

De fato, ambas as obras em questão “comunica[m] uma lição ética por vias indiretas ou simbólicas”, além de não raro se tratarem de prosas “altamente metafórica[s] e [por vezes] hermética[s]”.

Já a “alegoria”, para Jeanne Marrie Gagnebin, em seu texto *A verdade da crítica*, é uma figura que se opõe à do símbolo, pois:

Na relação simbólica, o elo entre a imagem e sua significação (imagem da cruz e significação da morte de Cristo) é natural, transparente, uma unidade harmoniosa de sentido. Ao contrário, na relação alegórica (uma mulher com olhos vendados, segurando uma balança, como representação da justiça), o elo é arbitrário, fruto de uma laboriosa construção intelectual. A alegoria sempre foi criticada por pretender uma tradução sensível do conceito, ao invés de fazer ver o sentido em sua imediaticidade¹³⁴.

A autora nos mostra, no entanto, que a época pós-moderna busca reivindicar essas características, mostrando que a arbitrariedade, a deficiência e o caráter conceitual da alegoria

Define[m] uma arte certamente diferente da concebida pela harmonia clássica, mas da mesma forma legítima, talvez a única legítima para a época moderna. (...) Não pode haver imediaticidade no conhecimento humano, nem (...) evidência estética como a que o símbolo pretende concretizar. (...) a visão alegórica não pretende qualquer totalidade, mas instaura-se a partir de fragmentos e ruínas¹³⁵.

Mas no que concerne aos “ensaios” por nós analisados, há um trecho de sua definição sobre “alegoria” que parece ser a mais interessante no sentido de nos fazer entender o fato de tais obras serem chamadas de alegorias:

A visão alegórica funda-se sempre sobre a desvalorização do mundo aparente. (...), a arte moderna é tão realista, (...), quando denuncia alegoricamente a crueldade destruidora da organização capitalista, do que quando pretende criar-lhe uma imagem coerente através da totalização simbólica¹³⁶.

Como vemos, a visão alegórica funda-se sobre a “desvalorização do mundo aparente”, o que nos remete de imediato aos dois textos de Saramago, já que tanto a cegueira branca quanto o voto em branco constituem verdadeiras bombas para o sistema capitalista.

Tais atitudes de desvalorização de um mundo regido pela “crueldade destruidora da organização capitalista” estão sempre relacionadas ao que se tem chamado de “mundo pós-moderno”, totalmente saturado de excessos de “realidades virtuais” e “tecnociência” por um lado, e de excessos de privações e miséria por outro lado. E as ausências de nomes próprios, bem como de marcadores de tempo e espaço, como vimos anteriormente, também constituem elementos pós-modernos presentes nos romances-ensaio.

Segundo Shirley de Souza G. Carreira, em se texto *O não-lugar da escritura*(...), nos diz que:

O Ensaio sobre a cegueira (...) não é de modo algum desistoricizado. Ele incorpora a história da arte e a história do homem sem que, para isso, necessite de marcadores temporais ou espaciais. O descentramento do sujeito, a multiplicidade de vozes e o discurso intertextual sugerem um deslocamento ainda maior, na direção da pluralidade e da heterogeneidade que são as marcas do pós-moderno¹³⁷.

Trata-se, assim, de uma tendência da literatura pós-moderna em romper com antigos moldes, inclusive de tempo, espaço e identidade, além de manter um discurso questionador e problematizante típico do pós-modernismo, o qual, na obra em questão, promove o confronto entre dois mundos: o mundo conhecido, anterior à “cegueira branca”, com todas as suas conquistas agora inúteis, e o mundo novo, que

teriam de construir, seguindo na direção do desconhecido e da superação da barbárie; na *lucidez*, temos o mundo verdadeiramente democrático e pacífico, mantido pela fraternidade e o cooperativismo dos cidadãos “brancosos” e o mundo autoritarista dos governantes gananciosos de alcançarem cada vez mais poder, mundo este que se encontrava armado, além de ser violentamente repressivo e cruel, suprimindo todas as possibilidades de liberdade e soberania de seu povo. Jeanne Marrie Gagnebin nos mostra que Walter Benjamin “vê no capitalismo moderno a consumação dessa destruição. Não há mais sujeito soberano num mundo em que as leis do mercado regem a vida de cada um, mesmo daquele que parecia lhe escapar: o poeta”¹³⁸. O fato é que muitos elementos da chamada “pós-modernidade” podem ser aqui facilmente encontrados tanto no *Ensaio sobre a cegueira* quanto no *Ensaio sobre a lucidez*. Jair Ferreira dos Santos, em *O que é pós-moderno*, resume as características básicas:

(...) o indivíduo burguês, que supunha uma identidade fixa e uma liberdade total, aferrado ao dinheiro como capital tanto quanto a princípios morais e a valores sociais, esse sujeito dançou. Os modernos, na arte, começaram a caricaturar seu retrato, a expor sua falsidade. Os indivíduos pós-modernos, na prática, vêm tendendo ao máximo à sua dissolução. Na ambiência pós-moderna, espetáculo, simulação, sedução, constituem jogos com signos. A esse universo informacional, (...) desreferencializado, só pode corresponder um sujeito informatizado, leve e sem conteúdo. É o *Narciso* (amor desmedido pela própria imagem) *dessubstancializado* (falta de identidade, sentimento de vazio) [que] resume o sujeito pós-moderno¹³⁹.

O *Ensaio sobre a cegueira* possui nas cenas dos caixas eletrônicos saqueados por cegos o melhor exemplo para o que Jair Ferreira dos Santos chamou acima de “indivíduo burguês (...) aferrado ao dinheiro (...) tanto quanto a princípios morais e a valores sociais”. Na verdade, trata-se de um exemplo levado a um extremo, já que tais indivíduos não eram sequer capazes de enxergar a inutilidade do dinheiro em terra de cegos. E tanto neste quanto no outro romance, exemplos desse tipo de indivíduo não

faltam. No *Ensaio sobre a lucidez* ele se faz representar pelos governantes gananciosos por poder e histéricos diante da ameaça de perda do mesmo.

Concluimos, assim, este capítulo, já que percorremos alguns sentidos de gêneros narrativos, os quais, por sua vez, possuem definições que podem ser encontradas nos dois romances-ensaio anteriormente analisados, bem como traçamos um breve perfil de algo que, mais que um movimento artístico, constitui mesmo uma forma de ser que se convencionou chamar de “pós-moderna”. Não há dúvidas de que as questões ligadas a este conceito constituem as bases para a composição destas duas grandes obras de José Saramago.

7. CONCLUSÃO: A TENTATIVA DE RESGATE DA ESSÊNCIA HUMANA NOS ROMANCES-ENSAIO DE JOSÉ SARAMAGO.

“Com que inocência demito-me de ser
eu que antes era e me sabia
tão diverso de outros, tão mim-mesmo,
ser pensante, sentinte e solidário
com outros seres diversos e conscientes
de sua humana, invencível condição”

ANDRADE, Carlos Drummond de

“Só o amor entre os homens seria capaz
de devolver-lhes a **essência**, trazendo

para o seio dos homens a perfeição que
fora alienada no Deus”.

FEUERBACH, Ludwig

É chegado o momento de concluirmos nosso trabalho por meio de um breve resumo acerca dos principais aspectos levantados da leitura dos romances-ensaio, bem como verificarmos se os elementos teóricos pesquisados possibilitaram o alcance de todos os objetivos propostos na introdução.

O primeiro “ensaio”, como vimos, apesar de constituir uma séria crítica ao conceito de civilização, traz um final positivo, ou, ao menos, de superação de algo negativo. Já o segundo, além de questionar o conceito de democracia, derruba a mensagem positiva do primeiro, pois seu desfecho sinaliza a possibilidade de retorno às trevas da cegueira, o que poderia nos fazer crer que o que prevalece nas obras do autor é uma total descrença no ser humano. É curioso observarmos a sugestão dos títulos: o *Ensaio sobre a cegueira* parece discorrer sobre algo negativo, mas tem em seu desfecho a recuperação da visão; o *Ensaio sobre a lucidez* aparenta dizer algo bom, sobre a conexão do indivíduo com o mundo ao redor e, no entanto, mostra ao final dois cegos vivendo no total alheamento, cegos para o mundo que os cerca. Ademais, a própria questão da hibridiz dos gêneros narrativos presente no fato de termos, como vimos, “romances que se querem ensaios”, além de outras denominações (fábula, sátira, alegoria, libelo), traduz a lógica dialética do autor presente nas referidas obras, não somente no conteúdo, mas também na forma, o que, desde já, nos desautoriza a afirmar que o que prevalece nos romances é a descrença no ser humano.

É possível ler esta dinâmica dialética como uma forma de representar literariamente um mundo “pós-moderno” para o qual, entretanto, não se encontram sentidos verdadeiros. Eduardo Prado Coelho, n’*O cálculo das sombras*, nos diz que:

(...) num mundo que surge como que alienado pelo predomínio de uma cultura estética em que a exigência de verdade e o peso das motivações profundas se foram progressivamente dissolvendo (...). O universo tal como George Lukacs o vê (...) será descrito em termos de *reificação* das relações sociais. Para o jovem Lukacs, o centro (...) não existe, e estamos condenados <<ao caráter periférico de tudo>>. (...) mesmo que se multipliquem as relações mecânicas entre os homens, nada as transforma em relações humanas e o resultado final é o da multidão solitária e alienada¹⁴⁰.

E, mais adiante, referindo-se à obra de Carlo Michelstaedter, *La persuasione e la retórica*, a qual possui a imagem de um pêndulo na abertura, mostra-nos que, segundo este filósofo italiano, um pêndulo suspenso,

(...) move-se por um desejo intenso de tocar *o ponto mais baixo*: que seria aquele em que viria a *coincidir consigo mesmo*, definitiva e solarmente persuadido *da sua própria verdade*. (...) Mas entregue a si mesmo o pêndulo oscila, balança, agita-se numa interminável circularidade (...). Mas, se alguma vez pudesse atingir esse ponto (...), ele deixaria de ser o que é: (..) se se possuísse a si próprio, ele teria deixado de existir. A verdade absoluta como limite inevitável da persuasão é não apenas a morte da linguagem (...) como a morte da existência humana. Mas a sua vida enquanto vida é também insatisfação absoluta, vazio radical (...) Donde, o pêndulo está condenado à oscilação (ou, se quiserem, à cultura estética dominada pela oscilação retórica)¹⁴¹.

Esta noção da verdade absoluta, que se persuade a si própria, como morte da linguagem e da existência humana, juntamente com a questão anterior da “reificação das relações sociais”, podem nos remeter à dialética de José Saramago na medida em que nos mostram que, independente das “relações sociais”, estamos condenados à oscilação, à insatisfação absoluta, ao vazio radical, como o pêndulo que deseja o ponto baixo (sua verdade absoluta), que jamais alcançará e que, se alcançar, deixará de existir. Claro está que o conceito de dialética, como conceito filosófico que remete à Hegel e a questão de opostos complementares, pode se relacionar aqui ao movimento do pêndulo apenas no tocante a esse movimento da “circularidade” que leva o pêndulo de um lado a outro, e deste àquele de novo, e assim sucessivamente, de forma que só se vai para um

lado porque existe o outro lado, como na história do senhor e do escravo, de Hegel, em que o senhor só existe porque existe o escravo, e este só existe porque existe o senhor.

Neste sentido, parece haver uma lógica dialética nos romances-ensaio de Saramago, conforme dissemos anteriormente, já que nos parece que só há cegueira porque há a lucidez, e esta só existe porque existe a cegueira; tais obras são romances porque são ensaios, e só são ensaios porque são romances.

E diante dessa possibilidade de leitura de uma cegueira que leva à lucidez, bem como de uma lucidez que pode voltar à cegueira, temos as próprias palavras de José Saramago, referindo-se a sua última obra intitulada *As intermitências da morte*: “É um livro sobre a Morte e, portanto, é um livro sobre a vida”¹⁴². Partindo desta lógica, talvez possamos desde já afirmar que o primeiro romance é um livro sobre a cegueira e, portanto, sobre a lucidez, assim como o segundo é um livro sobre a lucidez e, portanto, sobre a cegueira.

Tal dinâmica parece necessária ao exercício da lucidez, que leva, por exemplo, à recuperação de sentidos e conceitos que, como vimos, estão tendo seus significados invertidos e, portanto, tornando-se cada vez mais nebulosos, contribuindo para a alienação e a submissão dos indivíduos atualmente. Esta dialética evidencia uma aparente contradição que força o indivíduo ao exercício do raciocínio, levando-o ao percurso do “ver” e do “reparar”.

Como podemos depreender da citação acima do texto de Eduardo Prado Coelho, o mundo parece estar formado por uma “multidão solitária e alienada”. E relacionamos aqui esta solidão e alienação à perda da essência humana. Esta - cada vez mais apagada pela alienação de uma sociedade obcecada por valores puramente materiais, não havendo espaço para o exercício da solidariedade e da fraternidade, e onde o outro é

sempre visto como ameaça e nunca como promessa - parece constituir o foco principal destas duas narrativas. E se Saramago pretende pôr em evidência a essência humana, propicia, assim, o reconhecimento do desgaste da mesma, trazendo à tona a necessidade de seu resgate. Desta forma, temos mais uma razão para não afirmarmos que a descrença no ser prevaleça nas referidas obras. Apesar do nítido pessimismo no desfecho do *Ensaio sobre a lucidez*, é possível entrever nos dois romances aquilo que chamamos de vislumbre de um mundo melhor, um mundo regido por um sistema mais humano, por valores mais humanitários, de fraternidade, de justiça social, de cooperativismo, de solidariedade. Em outras palavras, um mundo onde os seres sejam verdadeiramente humanos.

Ao “desmontar” o sistema capitalista, vimos que Marx possibilita ao leitor o vislumbre do que seria uma sociedade comunista; Saramago, por sua vez, nos seus “ensaios”, leva ao vislumbre de uma sociedade mais solidária, ao fazer desmoronar, devido à cegueira branca, todo o sentido do mundo capitalista, bem como no da *lucidez*, podemos entrever aquela nova forma de estar no mundo. A diferença, como vemos, está apenas na forma como estes “vislumbres” se configuram para estes autores. Marx o faz, mais diretamente, por meio de um texto que intitulou de “manifesto”. Já Saramago o faz por meio de um romance que intitulou de “ensaio”, justamente para ressaltar o aspecto investigativo e experimental de seu texto em busca de outros possíveis vislumbres.

Voltando à lógica dialética dos “ensaios” de Saramago, se a cegueira pode evoluir para a lucidez e esta, por sua vez, pode regredir à cegueira, temos evidenciadas diante de nós as possibilidades “dialéticas” inerentes ao ser humano, as quais, por meio do resgate da lucidez, podem ser racionalizadas e transformadas no caminho que representa o bem à humanidade. E, se como vimos, a alienação possibilita a manutenção

da riqueza de uns poucos em detrimento de uma maioria esmagadora, esta certamente não consiste no caminho coerente e justo. Conquistada uma forma mais humana de ver e viver neste mundo, teremos resgatado, sem dúvida, aquilo que faz de nós seres “humanos” e “racionais”, superando, assim, aquele “treino da insensibilidade”, da indiferença e da crueldade, que desumaniza ou, como podemos notar em *Ensaio sobre a cegueira*, animaliza.

Podemos lembrar aqui o fato curioso de o narrador não ter dado nomes aos personagens. Em um mundo onde constatamos o “ter” em detrimento do “ser”, talvez nomear tenha se tornado um ato mecânico que perdeu o seu intuito original – o de dignificar o ser – para simplesmente rotular. Talvez não haja nomes, uma vez que estes se tornaram rótulos superficiais demais para dar lugar às caracterizações mais aproximadas daquilo que verdadeiramente descreve os indivíduos para, a partir daí, ser possível atingir o que cada um é em sua essência. E, de fato, vemos que os personagens dos “ensaios” são sujeitos muito bem delineados e definidos com caracterizações que praticamente nos permitem ver a essência de cada um deles.

É necessário, neste momento, fazermos uma referência à questão da atuação do feminino nas obras em questão. Pensamos que esta atuação tivesse alcançado maior destaque no primeiro “ensaio”, o da “cegueira”, já que no da “lucidez”, os governantes entram em cena como antagonistas de um povo silencioso, mas que, sem falar, revoluciona, não havendo, portanto, um papel protagonizado por uma mulher. Se há protagonista neste *Ensaio sobre a lucidez* este só poderá ser o Presidente da Câmara que de espião passa a “rebelde”, atuando no sentido contrário ao proposto pelo governo e tentando avisar a mulher do médico do perigo de vida que corria.

No entanto, há que se ressaltar a atuação feminina coletiva, tanto no movimento dos brancos, quanto na bela cena em que, tendo sido privados dos serviços públicos básicos, como o da limpeza das ruas, as mulheres, com suas vassouras a postos, iniciam um verdadeiro ritual de libertação e de luta por justiça social e soberania, como feiticeiras, mostrando-se dispostas a lutar com as armas que lhes estiverem mais chegadas às mãos. Ademais, temos aqui novamente a presença da mulher do médico, mesmo que em uma rápida passagem pelas linhas do romance, como a dizer aos leitores da obra “de fato, cá estou, quatro anos depois, e nunca cheguei mesmo a cegar!”. Afirmar-se, pela sua simples aparição nesta segunda obra, como sendo, de fato, a eleita para alcançar o modelo de visão lúcida que, como vimos, constitui-se pelo “ver” que integra o “sentir”. Assim, podemos afirmar que o papel da mulher em ambas as obras revela um destaque quase mágico, superior, capaz de rasgar os antigos papéis de submissão impostos desde sempre ao longo da história. Saramago, portanto, mostra sua colaboração e seu empenho em acelerar este processo social de libertação feminina através de sua ficção. Urge que se “desmonte” a antiga imagem de uma mulher frágil e submissa para que a libertação ocorra em todos os sentidos possíveis no mundo atual.

E para concluirmos o presente estudo, reiteramos aqui que, apesar de nos dois romances não haver exatamente a descrença no lado humano do ser, infelizmente parece possível que, depois de uma experiência tão intensa quanto a da cegueira branca, ainda haja a possibilidade de retorno da cegueira-alienação, como em um movimento pendular, como vimos. E a partir desta constatação no campo da ficção, pensamos ser imprescindível uma transposição desta leitura para o campo da realidade. Assim, “reparamos” que a lucidez não é algo que, uma vez conquistada, não possa mais ser

“perdida”, devendo, portanto, ser “treinada” incessantemente, sendo sobreposta, a cada novo dia, à alienação.

Sem dúvida alguma, este é o papel que cabe ao ser humano “pós-moderno” neste início de século e de milênio: resgatar sua lucidez e, conseqüentemente, sua essência. Afinal, vivemos em uma época de solidariedades ameaçadas e de barbárie, na qual a mediocridade impera e a lucidez parece estar sempre sendo vencida pela cegueira.

NOTAS

- 1- REIS, Carlos & LOPES, Ana Cristina: 2002; p.356.
- 2-CUNHA, Antônio Geraldo da: 1996; p. 32.
- 3-BUENO, Francisco da Silveira: 1985; p.75.

- 4-Entrevista do filósofo húngaro István Mészáros ao jornal “Brasil de Fato”, 25 a 31 de maio de 2006, p.8.
- 5- <http://www.filosofia.pro.br> ; verbete “Hegel”, consultado em 6 de maio de 2006.
- 6- <http://pt.wikipedia.org/wiki/feuerbach> ; consultado em 6 de maio de 2006.
- 7- http://pt.wikipedia.org/wiki/karl_Marx ; consultado em 6 de maio de 2006.
- 8- SCHWARTZMAN: 1961; p.4.
- 9- idem.
- 10- ibidem.
- 11- ibidem.
- 12- CODO: 2004; p.19.
- 13- idem; p.89.
- 14- ibidem.
- 15- ibidem; p. 94.
- 16- ELIAS, Norbert: 1998; p.7.
- 17- idem; p.9.
- 18- ibidem; p. 107-108.
- 19- Documentário “Janela da Alma” de João Jardim e Walter Carvalho: 2003.
- 20- Entrevista de Richard Peet ao jornal “Brasil de Fato”, 5 a 11 de janeiro de 2006; p.10.
- 21-idem.
- 22-ibidem.
- 23- Depoimento de José Saramago no documentário “Janela da Alma”.
- 24- Depoimento de Win Wenders em “Janela da Alma”.
- 25-idem
- 26- Depoimento de José Saramago em “Janela da Alma”.
- 27- GALLEANO, Eduardo: 1999; p. 7-8.
- 28- Letra da música “Desconforto” de Rita Lee.
- 29- NOVAES, Adauto: 2004; p. 10-11.
- 30- idem; p.11.
- 31- ibidem; p.10.
- 32- ibidem.
- 33- ibidem.

- 34- ibidem.
- 35- ibidem; p.11.
- 36- SILVA, Antônio Ozaí: 2004; p.9.
- 37- Depoimento de José Saramago em “Janela da Alma”.
- 38- Marshall Berman. In: Tudo o que é sólido desmancha no ar.
- 39- MARX, Karl: 1987; p. 13.
- 40- SCHARTZMAN: 1961; p. 6.
- 41- SILVA, Antônio Ozaí: 2004; p.10.
- 42- Depoimento de José Saramago em “Janela da Alma”.
- 43- SARAMAGO: 1995; p.22.
- 44- SILVA, Teresa C. Cerdeira da: 1998; p. 692.
- 45- Epígrafe do romance *Ensaio sobre a cegueira* de José Saramago, de 1995.
- 46- SARAMAGO:1995; p. 310.
- 47- SILVA, Teresa C. C. da: 1998; p.692.
- 48- HALL, Stuart: 2004; p. 72-73.
- 49- SARAMAGO: 1995; p.64.
- 50-CARREIRA, Shirley.1999; p.2.
- 51- idem.
- 52- ibidem.
- 53- SILVA, Teresa C. C. da: 1998; p. 694.
- 54- SARAMAGO: 1995; p. 310.
- 55-CARREIRA, Shirley: 1999; p. 2.
- 56- idem.
- 57- SARAMAGO: 1995; p.310.
- 58- SILVA, T. C. C. da: 1998; p. 692-693.
- 59- BUENO, André: 2002; p. 7.
- 60- SARAMAGO: 1995; p.160.
- 61- CARREIRA, Shirley: 1999; p.4.
- 62- SARAMAGO: 1995; p. 219-220.
- 63- idem; p.232.
- 64- ibidem; p. 252.
- 65- ibidem; p.255.

- 66- Entrevista de István Mészáros ao jornal “Brasil de Fato”, 25 a 31 de maio de 2006; p.8.
- 67- SARAMAGO: 1995; p.217.
- 68- idem; p. 251.
- 69- ibidem; p.251.
- 70- SARTRE, Jean Paul: 2005; p.184-185.
- 71- idem; p.189.
- 72- ibidem; p.192.
- 73- SARAMAGO: 1995; p. 257.
- 74-idem; p.251.
- 75-BORNHEIM, Gerd: 1986; p. 196.
- 76-SARAMAGO: 1995; p. 226.
- 77- CHEVALIER & GHEERBRANT: 1997; p. 176.
- 78- Simbologia ambivalente do cão, pesquisada no *Dicionário de símbolos* de CHEVALIER & GHEERBRANT: possui duas faces, a diurna e a noturna. A diurna refere-se ao fato de ser protetor e benfeitor do homem; já a face noturna refere-se ao sentido de devorador, vileza, avidez, gula.
- 79- BUENO, André: 2002; p. 8.
- 80- SILVA, T. C. C. da: 1998; p. 692-693.
- 81- SARAMAGO: 1995; p.189.
- 82- CHEVALIER & GHEERBRANT: 1997; p. 592.
- 83- idem; p.141.
- 84- ibidem; p. 142.
- 85- SARAMAGO: 1995; p.219.
- 86- idem.
- 87- SILVA, T. C. C. da: 2000; p.215-216.
- 88- NIETZSCHE: 2005; p. 44.
- 89- Nota da editora Companhia das Letras sobre o *Ensaio sobre a lucidez*.
- 90- Entrevista do presidente venezuelano Hugo Rafael Chávez Frías ao programa “Roda Viva” na Tv Cultura, em 2005.
- 91- Entrevista de Richard Peet ao jornal “Brasil de Fato”, 5 a 11 de janeiro de 2006, p.10.

- 92- Depoimento de José Saramago nos “extras” do dvd do documentário “Janela da Alma”.
- 93- BOFF: 2004; p. 23.
- 94- idem; p.21.
- 95- ibidem; p.22.
- 96- matéria do jornal “Brasil de Fato”, de 29 de dezembro de 2005 a 4 de janeiro de 2006; p.4.
- 97- Entrevista de José Saramago ao caderno “Prosa e Verso” do jornal “O Globo”, 20 de março de 2004.
- 98- CHEVALIER & GHEERBRANT: 1997; p. 236.
- 99- SARAMAGO: 2004; p. 24.
- 100- Entrevista de José Saramago ao caderno “Prosa e Verso” do jornal “O Globo”, 20 de março de 2004.
- 101- SARAMAGO: 2004; p. 35
- 102- idem; p. 35-36.
- 103- Depoimento de José Saramago em “Janela da Alma”.
- 104- SARAMAGO: 2004; p. 36
- 105- idem.
- 106- ibidem; p. 94.
- 107- ibidem; p. 95-96.
- 108- ibidem; p.96-97.
- 109- FONSECA, Maria Nazareth Soares:1991; p. 71.
- 110- idem.
- 111- ibidem; p. 72.
- 112- MOISÉS, Massaud: 1992; 469.
- 113- SARAMAGO: 2004; p. 113.
- 114- FONSECA, Maria N. Soares: 1991; p. 71.
- 115- SARAMAGO: 2004; p. 324-325.
- 116- idem; p. 325.
- 117- SARAMAGO: 1995; p. 22.
- 118- COELHO, Eduardo Prado: 1997; p. 79.
- 119- SILVA, Teresa C. C. da: 1998; p. 693-694.

- 120- COELHO, Eduardo Prado: 1997; p. 21.
- 121- REIS & LOPES: 2002; p. 356.
- 122- idem; p. 159.
- 123- ibidem; p. 357.
- 124- VASCONCELOS, José Carlos de. *Jornal de Letras, Artes e Idéias*. Ano XXIII, nº873, 17 a 30 de março de 2004.
- 125- MOISÉS, Massaud: 1992; p. 226.
- 126- REIS & LOPES; 2002; p. 157.
- 127- BUENO, Francisco da Silveira: 1985; p. 656.
- 128- Entrevista de José Saramago ao “*Jornal de Letras*”; p. 14.
- 129- HUTCHEON, Linda: 1991; p. 19-20.
- 130- idem, p. 25.
- 131- BUENO, André: 2002; p. 9-10.
- 132- BUENO, Francisco da Silveira: 1985; p. 825.
- 133- MOISÉS, Massaud: 1992; p. 385.
- 134- GAGNEBIN, Jeanne Marrie: 1982; p. 47-48.
- 135- idem; p. 48-50.
- 136- ibidem; p. 51-52.
- 137- CARREIRA, Shirley: 1999; p. 5-6.
- 138- GAGNEBIN, Jeanne Marrie: 1999; p. 51.
- 139- SANTOS, Jair Ferreira dos: 1995; p. 27.
- 140- COELHO, Eduardo Prado: 1997; p. 30.
- 141- idem; p. 31.
- 142- Entrevista de José Saramago à revista “*Língua Portuguesa*”.

BIBLIOGRAFIA

AUGÉ, Marc. *Não Lugares: Introdução a uma antropologia da sobremodernidade*. Trad. Lúcia Mucznik, Bertrand Editora, 1994.

BORNHEIM, Gerd. “O existencialismo de Sartre”. In: *Curso de Filosofia* para professores e alunos dos cursos de segundo grau e de graduação. 6ª ed., Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1986.

BOFF, Leonardo. *Civilização planetária*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

_____. *Ecologia: Grito da terra, grito dos pobres*. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

BOURDIEU, Pierre (Org.). *A miséria do mundo*. 3ª ed., Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

BUENO, Francisco da Silveira. *Dicionário escolar da língua portuguesa*. 11ª ed., Rio de Janeiro: FAE, 1985.

BUENO, André. “Formas da crise: relatos da condição humana no capitalismo avançado”. In: *Terceira Margem* – Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura, ANO VI, nº 7, 2002.

CARREIRA, Shirley de Souza Gomes. *Entre o ver e o olhar: a recorrência de temas e imagens na obra de José Saramago*. Atas do 6º Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas, 1999.

_____. *O não lugar da escritura: uma leitura de Ensaio sobre a cegueira de José Saramago*. Sincronia-Na E-Journal of Culture Studies – México: Department of Letters, University of Guadalajara – Summer 2001.

_____. *A (des)construção da identidade nos romances de José Saramago*.

CARVALHO, Platão Eugênio de. *Neocolonialismo – A expansão imperialista no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CATANI, Afrânio Mendes. *O que é capitalismo*. 7ª ed., São Paulo: Brasiliense, 1981.

CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. 11ª ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

CODO, Wanderley. *O que é alienação*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

COELHO, Eduardo Prado. *O cálculo das sombras*. Lisboa: ASA literatura, 1997.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico nova fronteira da língua portuguesa*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

DÉCIO, José. “O romance em busca da pura ficção: *Ensaio sobre a cegueira* de José Saramago”. In: *Temas e motivos na literatura portuguesa*. Londrina: Editora UEL, 1997.

DEJOURS, Christophe. *A banalização da injustiça social*. 5ª ed., Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

DIAS, Ângela Maria & GLENADEL, Paula (ORG.). *Estética da crueldade*. Rio de Janeiro: Atlântica Editora, 2004.

ELIAS, Norbert. *Envolvimento e alienação*. São Paulo: Bertrand Brasil, 1998.

FARIA, Ângela Beatriz de Carvalho. “Memória, linguagem e história na ficção portuguesa contemporânea”. In: *Linguagem, identidade e memória social: novas fronteiras, novas articulações*. Rio de Janeiro: DP&A editores, 2002.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 20ª ed., Rio de Janeiro: edições Graal, 1979.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. “Alegoria, morte, modernidade”. In: *História e narração em Walter Benjamin*. 2ª ed., São Paulo: editora Perspectiva, 1999.

GINZBURG, Jaime. “Cegueira e literatura”. *A Letria*. Revista de Estudos de Literatura, 10/11, 2003/04. *Olhar Cabisbaixo: trajetos da visão do século XX*. Belo Horizonte: FALE/UFGM.

GOMES, Álvaro. (Org.). *Paz só com Justiça Social*. São Paulo: Anita Garibaldi, 2002.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 9ª ed., Rio de Janeiro: DP&A editora, 2004.

HOLLANDA, Heloísa Buarque de.(Org.). “Feminismo em tempos pós-modernos”. In: *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1991.

LEFORT, Claude. “O imaginário da crise”. In: *A Crise da razão*. São Paulo: Companhia das Letras, Brasília, D.F.: Ministério da Cultura; Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Arte, 1996.

NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. São Paulo: Editora Martin Claret, 2005.

NOVAES, Adauto (org.). *Civilização e barbárie*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

MARINGONI, Gilberto. *A Venezuela que se inventa*. Poder, petróleo e intriga nos tempos de Chávez. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. 6ª ed., São Paulo: Editora Hucitec, 1987.

_____. *Manifesto do partido comunista*. São Paulo: Editora Anita Garibaldi, 2001.

_____. *Manuscritos econômico-filosóficos*. 1ª ed., São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

MOURA, Gerson. *Tio Sam chega ao Brasil*. A penetração cultural Americana. 4ª ed., São Paulo: Brasiliense, 1986.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 1992.

PLATÃO. *A república*. 22ª ed., Rio de Janeiro: Ediouro, [s/d].

REIS, Carlos. *Diálogos com Saramago*. Lisboa: Caminho, 1998.

_____. *Dicionário de narratologia*. 7ª ed., Coimbra: Almedina, 2002.

RICHARD, Nelly. *Intervenções críticas*. Arte, cultura, gênero e política. Tradução de Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

SANTOS, Jair Ferreira dos. *O que é pós-moderno*. 14ª ed., São Paulo: Brasiliense, 1995.

SCHWARZ, Roberto. *Cultura e política*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a Cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. *Ensaio sobre a Lucidez*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. *A Caverna*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. *Manual de pintura e caligrafia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. *Memorial do convento*. Lisboa: Editorial Caminho, 1982.

_____. *História do cerco de Lisboa*. Lisboa: Editorial Caminho, 1989.

_____. *O Evangelho segundo Jesus Cristo*. Lisboa: Editorial Caminho, 1991.

SARTRE, Jean Paul. *A náusea*. 12ª ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

SEIXO, Maria Alzira. “Escrever a Terra – sobre a inscrição do espaço no romance português contemporâneo”. In: *A palavra do romance*. Ensaios de genologia e análise. Lisboa: Horizonte Universitário, 1986.

SCHWARTZMAN, Simon. *Para um conceito sociológico da alienação política*. Trabalho apresentado à Faculdade de Ciências Econômicas da UMG, 1961. <http://www.google.com.br> - palavra-chave “alienação”.

SILVA, Teresa Cristina Cerdeira da. “De cegos e visionários: uma alegoria finissecular na obra de José Saramago”. In: *Cânones & Contextos*, Congresso Abralic, Anais, V.3, Rio de Janeiro, UFRJ, 1998.

_____. “Mulheres e revolução: a cultura marialva posta em questão”. In: *O avesso do bordado*. Ensaios de literatura. Lisboa: Editorial Caminho, 2000.

VASCONCELOS, José Carlos de. “José Saramago: *Ensaio sobre a lucidez* – Uma fábula e um libelo”. *Jornal de Letras, Artes e Idéias*. Ano XXIII / no 873, 17-30 de março de 2004.

VIANA, Nilton (editor-chefe). *Jornal Brasil de Fato*. São Paulo: GZM Editorial e Gráfica S.A. <http://www.brasildefato.com.br>.

RESUMO

A proposta do presente estudo é a de buscar uma definição do papel do ser humano neste início de século e de milênio, tanto na realidade quanto na ficção, possibilitando, assim, entrever a busca da apagada essência humana que se delinea na trajetória da cegueira rumo à lucidez nos romances-ensaios de José Saramago. Neste percurso, é possível observar os fatores alienantes utilizados para garantir a sobrevivência do sistema capitalista em estágio já muito avançado e nitidamente desgastado, bem como pontuar a forma como foi feita a representação literária destas questões, forma esta na qual notaremos, inclusive, uma certa diluição das fronteiras entre os gêneros nestes romances que se denominam ensaios e que, muitas vezes, são chamados também de fábulas, sátiras, alegorias e, até mesmo, libelos.

ABSTRACT

This work proposal is to define human beings role in reality and fiction in the beginning of this century and millennium. Thus, raising possibilities to glance the search for an extinguished human's essence that can be detected on the way from blindness to lucidity in Saramago's novels. On this trajectory, it is possible to observe the alienating elements that guarantee the capitalist system survival, which is inside a clear consuming process. We also intend to clarify how the author presented these issues on his novels. In addition, we can observe a frontier dissolution of genders on these novels denominated essays, because of the fact; they are many times called fables, satire, allegory and even libels.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)